



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

JORGE MIGUEL FARINHA NOGUEIRA

**VIVER JUNTOS: UMA PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO
PARA A UNIDADE LETIVA 1, VIVER JUNTOS, 5.º ANO,
INTRODUZINDO O CONCEITO DE “CUIDAR DO OUTRO”.**

Dissertação Final

Sob orientação de: MESTRE CRISTINA SÁ CARVALHO E
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA

**LISBOA
2017**

ÍNDICE

Siglário	4
Abstract	6
Agradecimentos	7
Introdução	9
I Reflexão introdutória sobre o processo de ensino aprendizagem	11
CAPÍTULO I	
1- Introdução Geral à Planificação Anual.....	17
1.1- Finalidades da disciplina de EMRC.....	21
1.2- Metas da disciplina de EMRC.....	24
1.3- Planificação nível 1 e 2.....	26
1.4- Planificação da Unidade Letiva 1, <i>Viver juntos</i>	28
1.5- Critérios de avaliação da disciplina de EMRC	31
2- A Escola Salesianos de Manique (ESM)	35
2.1- Caracterização da escola e do meio envolvente	36
2.2- A ESM como escola católica	38
2.3- Caracterização do meio socio cultural de Manique	38
2.4- Ideário Salesiano da ESM.....	43
2.5- Missão da ESM	44
2.6- Princípios norteadores da ação educativa na ESM.....	45
2.7- Caracterização da turma do 5.ºB	48
3- Lecionação da UL1, <i>Viver juntos</i>	54
3.1- Introdução à UL1, <i>Viver juntos</i>	55
3.2- As aulas lecionadas para UL1, <i>Viver juntos</i> : um percurso	60
3.3- Avaliação da UL1, <i>Viver juntos</i>	70
3.4- A prática pedagógica na UL1, <i>Viver juntos</i> : que desafios coloca.....	72
3.5- Conclusão da UL1, <i>Viver juntos</i>	74
3.6- Avaliação global da prática do ensino supervisionado	83
CAPÍTULO II	
Introdução	93

1.- O outro: um dom a descobrir e cuidar	94
1.1- A aceitação do outro e seu cuidado	101
1.2- O cuidado e o acolhimento do outro como dom	104
1.3- A palavra como oportunidade de cuidado e de encontro.....	107
2.- Parábola do <i>Rico avarento</i>	109
2.1- O acolhimento do outro na sua fragilidade material	110
2.2- Acolhimento dos mais frágeis e seu cuidado a partir da solidariedade	112
2.3- O cuidado do outro resultante da convivência e acolhimento	117
3. Mito de Higino	121
3.1- A escola, espaço de serviço, cuidado e acolhimento	121
3.2- Quando amamos cuidamos quando cuidamos amamos.....	124
3.3- Do amor à necessidade do cuidado na escola, como ponto de encontro entre diferenças.....	127
Considerações finais sobre o capítulo II.....	129

CAPÍTULO III

Introdução	131
1.- Conclusões a retirar	131
1.1- Avaliação das atividades desenvolvidas e suas conclusões.....	132
1.2- Avaliação das atividades com base nas estratégias adotadas.....	132
1.3- Papel da disciplina de EMRC e do professor na escola.....	135
2.- Proposta de planificação com base na avaliação efetuada à prática pedagógica ..	138
2.1- Proposta de nova planificação da UL 1, <i>Viver juntos</i>	139
2.2- Aplicação das competências adquiridas a novos contextos educativos.....	143
2.3- Conclusão da dissertação	144
Conclusão.....	148
Bibliografia	150
Anexos.....	156

SIGLÁRIO

ADN	Ácido desoxirribonucleico
Art	Artigo
CEECDF	Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
Col	Epístola de São Paulo aos Colossenses
CV	Caritas in Veritate
DH	Dignitatis Humanae
DV	Dei Verbum
DVD	Digital Video Disc
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
EN	Evangelii Nuntiandi
EN	Evangelii Nuntiandi
ESM	Escola Salesianos de Manique
GE	Gravissimum Educationis
Gn	Génesis
GS	Gaudium et Spes
Heb	Carta de São Paulo aos Hebreus
IPSS	Instituições Particulares de Solidariedade Social
Jo	Evangelho de João
Lc	Evangelho de Lucas
PAA	Plano Anual de Atividades
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCT	Projeto Curricular de Turma
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PP	Populorum Progressio
PPT	PowerPoint
RI	Regulamento Interno
Rm	Carta aos Romanos
SI	Livro dos Salmos.....
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
UL1	Unidade Letiva 1

ABSTRACT

This study reports a pedagogical experience accomplished at the Escola Salesianos de Manique, where we taught the teaching unit 1, Living together, to class 5th B. There we developed a student-centred pedagogical practice in which micro pedagogies were used so that we could both convey the contents and develop the subject-related moral and intellectual skills, from small activities.

We also worked the concept of caring and developed its theological deepening, subsequently applying it to the teaching practice.

Thus, we realised that living together requires the recognition of the other, his acceptance and welcoming, in order to enable his inclusion in the human relationship. The teaching activity requires from the teacher the ability of welcoming the other, providing him full-integration opportunities, despite the economic, social or cultural differences.

We therefore showed that it is possible to implement projects in schools which enable both the students' involvement and the development of moral, social and intellectual skills from the service pedagogy, making them available to the other.

Keywords: Living together, caring, acceptance, welcoming, micro pedagogy and inclusion.

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida na Escola Salesianos de Manique, onde lecionámos a Unidade Letiva 1, *Viver juntos*, à turma B do 5.º ano. Nela foi desenvolvida uma prática pedagógica que teve o aluno como centro da atividade letiva, tendo sido utilizadas micropedagogias facilitadoras, em simultâneo, da transmissão dos conteúdos e do desenvolvimento das competências morais e intelectuais próprias da disciplina, a partir de pequenas atividades.

Também trabalhámos o conceito de cuidar do outro e desenvolvemos o seu aprofundamento teológico, aplicando-o posteriormente à atividade letiva.

Assim, verificámos que viver juntos requer o reconhecimento do outro, a sua aceitação e acolhimento, de maneira a possibilitar, na relação humana, a sua inclusão. A atividade letiva requer do professor a capacidade de acolher o outro, proporcionando-lhe oportunidades de plena integração, apesar das diferenças económicas, sociais ou culturais. Mostrámos assim, que é possível implementar, no espaço escola, projetos que permitem envolver os alunos e desenvolver competências morais, sociais e intelectuais a partir da pedagogia do serviço, pondo-os ao serviço do outro.

Palavras-chave: viver juntos; cuidar do outro; aceitação; acolhimento; micropedagogia e inclusão.

AGRADECIMENTOS

O meu percurso académico foi desenvolvido em diferentes circunstâncias e numa sucessão de etapas com objetivos a atingir, com graus de exigência cada vez mais elevados. Ao longo da vida prezei todos aqueles que deram o seu contributo para o meu crescimento pessoal e profissional, e me ajudaram a encontrar o que de melhor possuo.

Por tudo isso, agradeço à professora Paula Pena pelo seu contributo na verificação ortográfica, pelas sugestões apresentadas na melhoria do trabalho realizado e amizade demonstrada ao longo da vida.

Aos meus avós paternos (Manuel e Clementina) que me ensinaram a ser, a rezar e a agradecer, contribuindo assim, para a construção da personalidade.

Aos meus filhos Pedro e Henrique, a quem foi retirado tempo e disponibilidade familiar, e à minha esposa pela compreensão e apoio nesta etapa de valorização profissional.

Quinto Império

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz-
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo em que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

Fernando Pessoa, *O quinto Império*, in *Mensagem*

Introdução

O viver juntos é um dado existencial das comunidades aprendentes no qual se desencadeia um recetáculo de aprendizagens e conhecimentos, as quais proporcionam um conjunto de experiências que vão muito para além da dimensão cognitiva. Viver em sociedade, viver em comunidade, expõe cada individuo a uma relação recíproca de convívio e diálogo que o leva a construir-se como pessoa na relação com os outros, incorporando os princípios, normas e valores decorrentes de uma cultura e próprios de uma sociedade concreta.

O trabalho apresentado nestas páginas versa sobre o modo como, em contexto escolar, foi realizada uma experiência pedagógica na Escola Salesianos Manique (ESM), com o grupo turma do 5.º B, no ano letivo de 2016/2017, no âmbito da Prática do Ensino Supervisionada (PES), aplicando princípios teóricos, aprendidos e desenvolvidos nas diferentes disciplinas que compõem o *curriculum* do curso de Ciências Religiosas, e que foi desenvolvida no âmbito da Unidade Letiva 1 (UL1), *Viver juntos*.

O primeiro capítulo, consiste em dar a conhecer a base do trabalho desenvolvido, enunciando-se as expectativas do professor e os princípios gerais do programa e da disciplina, apresentando-se as planificações, procedendo-se à caracterização da escola e da turma em particular, e fazendo-se o relato da prática letiva em que se realizou este exercício de prática pedagógica. Esta primeira parte assume grande relevo, na medida em que é importante perceber o meio em que se desenvolveu o trabalho (prática letiva), de modo a que a atividade letiva fosse bem planificada, que os objetivos propostos pudessem ser atingidos, permitindo, igualmente uma avaliação adequada do trabalho desenvolvido.

No segundo capítulo tratámos o conceito teológico, *cuidar do outro*, o que permitiu consubstanciar as operações que se pretendia levar a cabo, tendo por base as metas e finalidades da disciplina, as quais apontam para competências religiosas, sociais, morais e intelectuais que necessitam de uma adequada operacionalização, de modo a ajudar os alunos, orientando-os na

prática do bem, a partir de pequenos gestos, reveladores do cuidado do outro e da capacidade de nos fazermos bem para o outro. Este capítulo procura assim, encontrar na antropologia, na filosofia e na teologia, os princípios determinantes da base teórica que fundamentam os conteúdos e as atividades escolhidas, de modo a operacionalizar as competências morais e sociais das crianças do grupo turma.

No terceiro capítulo, após uma sumaríssima avaliação das atividades desenvolvidas, é apresentada uma nova proposta de planificação, com base nos resultados recolhidos na avaliação do primeiro capítulo e tendo por base os fundamentos teológicos apresentados e desenvolvidos no segundo capítulo, conseguindo-se, deste modo, consubstanciar, de forma mais assertiva o desenvolvimento das competências morais e sociais das crianças e jovens na concretização efetiva da prática do bem.

Por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho desenvolvido.

I- Reflexão introdutória sobre o processo de ensino aprendizagem

O séc. XX veio mostrar à evidência que o ensino é absolutamente fundamental na preparação dos cidadãos para o mercado do trabalho, bem como trouxe para a vida quotidiana a percepção de que a aprendizagem é uma constante da vida do homem moderno. Esta aprendizagem, surge da necessidade do homem desempenhar adequadamente a sua função na sociedade e no emprego, o que requer uma atualização das suas competências e saberes inerentes às funções para que é chamado a desempenhar.

Assim, fruto da necessidade de atualização dos conhecimentos, entrámos na era da “reciclagem formativa” como reatualização dos conhecimentos, competências, práticas educativas e processuais. Na medida em que não somos profissionalizado em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), mas tendo nós já efetuado uma profissionalização (Filosofia), procurámos desenvolver neste percurso formativo final, competências e saberes facilitadores, ao nível da transmissão dos conhecimentos específicos da disciplina, da capacidade de planificar toda a atividade letiva, de modo a estabelecer um itinerário potenciador da aquisição dos saberes, atitudes e valores, específicos da disciplina de EMRC e que emanam do humano pensar e agir cristão.

Neste itinerário, em que é fundamental não perder de vista a competência didático-pedagógica, procurámos melhorar os conhecimentos e capacidades, a partir da observação de aulas lecionadas junto do núcleo de estágio, bem como a partir das observações/correções que nos foram sendo apresentadas pelo professor cooperante e estagiários de núcleo.

Por outro lado, sendo este um ano terminal de curso, que requereu um trabalho de análise mais detalhado e sistemático, permitiu desenvolver um trabalho aprofundado, no âmbito da planificação, da lecionação e da relação pedagógica, estabelecida com o grupo turma que nos foi confiado, visto ser possível trabalhar com um grupo em que todos os alunos da turma

estiveram inscritos em EMRC, o que constituiu uma mais-valia operacional, no que concerne à atividade letiva.

Na era da informação em que a comunicação se opera vinte e quatro horas por dia, aprofundámos os conhecimentos e capacidades informáticas, no âmbito da prática docente, pelo que o processo de ensino/aprendizagem se tornou mais atraente e motivador, e, por conseguinte, conseguimos, da parte dos alunos, um maior envolvimento e satisfação, resultante dos meios utilizados na transmissão dos conhecimentos, o que, em última instância possibilitou uma maior apropriação dos conteúdos pelos mesmos.

Hoje, o processo educativo já não assenta a sua base num livro, ou num quadro e giz. É necessária criatividade, com metodologias ativas (micropedagogias),¹ que requerem uma

¹ Cf. Diana ALMEIDA, *Ensaio entre arte e educação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2017, p.18. “A expressão micropedagogias refere-se a ações concretas que têm vindo a ser experimentadas por duplas ou triplas de artista-professor (um artista para um ou dois professores e uma turma) no contexto da sala de aula. Estas ações são passíveis de ser encadeadas de diferentes maneiras para desenhar estratégias pedagógicas com a finalidade de promover a aprendizagem de qualquer tema/disciplina. Pretende-se que as micropedagogias estabeleçam uma relação íntima entre o sentir, o fazer e o pensar, para potenciar a curiosidade dos alunos e a relevância das matérias no quadro dos seus interesses e motivações. Se as abordagens macroscópicas à educação se referem ao sistema escolar, ao posicionamento filosófico sobre o que é educação, aos planos de estudo e aos projetos pedagógicos, as perspetivas microscópicas remetem para o espaço da sala de aula e para o modo como os participantes (professores e alunos) (inter)agem nesse espaço-tempo. Se as primeiras se ocupam dos conteúdos da aprendizagem (o quê?), a micropedagogia, como expressão de uma abordagem microscópica à educação, refere o modo como esses conteúdos são tratados no interior da sala de aula (como?). O principal fator diferenciador das micropedagogias é o facto de elas se inscreverem em técnicas inspiradas nas práticas artísticas contemporâneas (por exemplo, focalização, improvisação, pesquisa de materiais, experimentação, tempestade cerebral, dramatização). No entanto, as micropedagogias não reivindicam para si a exclusividade desta filiação artística, cientes não só de que a própria arte contemporânea se inspira em muitos campos do saber e do fazer, mas também de que a sua transposição para o campo educativo implica um enquadramento e uma reflexão de natureza pedagógica. As micropedagogias utilizam diferentes dispositivos, materiais e ferramentas (como, por exemplo, objetos, fotografias, vídeos, Internet, cadernos, odores, sons, etc.), com o objetivo de convocar a participação e o envolvimento dos alunos na construção do conhecimento e de potenciar a experiência criadora dos professores. Muitos destes dispositivos são genéricos, mas alguns foram desenhados ou adaptados especificamente para o contexto pedagógico a partir do universo da criação artística dos artistas implicados no projeto (é o caso dos «sussurradores» e da «Máquina da poesia», entre outros, que são apresentados na lista de micropedagogias em anexo, p. 131). As micropedagogias caracterizam-se pela sua pequena escala e pela busca da flexibilidade e da transferibilidade. Esta busca materializa-se na premissa de as ações experimentadas se poderem voltar a combinar e a encadear de diferentes maneiras, adaptando-se a diferentes contextos e a diferentes conteúdos disciplinares. Procuram-se e experimentam-se ações mutáveis que não devem ser fixadas simplesmente para efeitos de reprodução; antes pelo contrário, devem ser utilizadas como peças soltas (como num tangram) que se reorganizam de cada vez e em função dos contextos, dos grupos e dos objetivos pedagógicos que se pretendem cumprir, ou seja, reproduzir pura e simplesmente uma sequência de micropedagogias, sem definir ou tornar explícitos à partida os objetivos e as condições que orientaram a sua escolha, sequência e aplicação, pode desvirtuar completamente a natureza e a eficácia da estratégia pedagógica.

dimensão eminentemente prática dos alunos, apeladora ao seu envolvimento e trabalho conjunto. Assim, utilizámos as micropedagogias, de modo a envolver os alunos, realçando o seu papel tão importante na aquisição do conhecimento, envolvendo-os na sua construção.

Nos dias de hoje, ter conhecimentos não basta. É também necessário saber discernir corretamente o modo adequado de um cidadão se relacionar com os outros, no plano ético com os seus pares, bem como numa futura relação laboral, que requer um cidadão bem formado, capaz de se respeitar a si e aos outros, partindo da mensagem e dos valores pertencentes ao múnus evangélico que se consubstanciam no viver cristão.

Assim, no âmbito da prática letiva, pensamos ter dado um salto qualitativo na capacidade de planificar, conceber e aplicar os conhecimentos desenvolvidos no âmbito da Prática do Ensino Supervisionado (PES), de modo que conseguimos, de modo mais eficaz, desempenhar a missão a que fomos chamados e, na qual se esperava da nossa parte, competência científica e pedagógica, para levar a cabo tão grandiosa empresa: formar melhores pessoas e melhores cidadãos, onde o respeito e a convivência com os outros devem levar a uma vida em sociedade verdadeiramente humanizante e que permita uma convivência pacífica e feliz. A mensagem evangélica implica um sentido de missão a que não fomos indiferentes, pois, educar também é evangelizar e vice-versa.

Para conseguirmos levar a bom porto esta tarefa no processo formativo, socorremo-nos da perspetiva construtivista² do conhecimento, que tem no aluno o seu centro, deixando ao

² "A Teoria do Construtivismo foi fundamental para a condição dos jovens, incluindo estudantes. Se Piaget não tivesse formulado esse modelo explicativo do conhecimento ainda se tratavam as crianças como "adultos em miniatura". O construtivismo é um modelo explicativo do conhecimento, pois trata-se de uma teoria que se serve de outras teorias para se explicar. Este modelo explicativo do conhecimento serve-se da filosofia e da psicologia para explicitar a origem e o desenvolvimento da inteligência. Segundo Piaget, a inteligência é o resultado de uma capacidade inerente ao ser humano de se adaptar a novas situações e realidades. A construção de novos hábitos por parte de uma criança acontece devido à realização de atividades que são repetidas para que a criança possa explorar o mundo à sua volta. Esta curiosidade nasce com a criança, por isso, às atividades por ela realizadas damos o nome de "atividades reflexas inatas".

Também é afirmado que o comportamento humano é uma resposta a uma qualquer necessidade (fisiológica ou intelectual) sentida, ou seja, a pessoa percebe uma necessidade e o seu comportamento vai-se realizar em função dela. Ora, a necessidade percebida vai causar um desequilíbrio momentâneo, o qual vai ser "combatido" pelo comportamento da pessoa, que se vai realizar de modo a restabelecer o equilíbrio. Este é

professor um plano mais recatado na transmissão do conhecimento, quer isto dizer, como aquele que transmite o saber não como verdades absolutas ditas por um mestre, mas antes como alguém que ajuda a construir o saber, levando o aluno à sua descoberta, à maneira socrática. É o sujeito que constrói o seu edifício do saber, mediante as significações que lhe atribui, a partir das experiências que vivencia e das quais retira os ensinamentos que lhe fazem sentido, pois:

“a aprendizagem é um processo social mediante o qual os aprendizes constroem significados que são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem” pelo que, “a aprendizagem se deve focar ... não só no modo como o indivíduo tenta extrair significado dos fenómenos, mas também sobre o papel do contexto social como mediador de aprendizagens”.³

Neste ponto, sentimos necessidade de conseguir passar de um certo grau intelectualista do saber, transformando-o em linguagem, práticas e exercícios adequados à faixa etária de

o plano do Construtivismo que se serve da filosofia para explicar a origem e o desenvolvimento da inteligência. O conhecimento, segundo Piaget, acontece sempre que o sujeito interage com o meio. O meio é tudo o que é exterior ao sujeito, quer seja a Natureza, quer sejam ideias. Para Piaget, agir sobre um objeto, é conhecê-lo; o sujeito não nasce constituído, quer dizer, com estruturas cognitivas inatas. Vai-as construindo ao longo da sua vida, à medida que se vai desenvolvendo e contactando com o meio natural e sociocultural. A interação com este meio é constante, e vai-se alterando, o que provoca no sujeito um obrigatório esforço de adaptação para a sobrevivência. Assim sendo, é o desequilíbrio em relação ao meio que provoca o desenvolvimento no sujeito. Este desenvolvimento resulta da tendência que todos os organismos possuem para se auto-organizarem de modo a reporem o equilíbrio que lhes foi retirado. É neste jogo de equilíbrios–desequilíbrios que o meio exterior vai sendo assimilado pelo sujeito sob a forma de esquemas mentais. A este processo chama-se assimilação. Uma vez assimilados, os elementos do real têm de ser ajustados a cada caso particular, um processo chamado acomodação. A assimilação e a acomodação são dois processos indissociáveis e dialeticamente articulados; e o desenvolvimento resulta das reequilibrações sucessivas entre a assimilação e a acomodação. E este processo designa-se equilíbrio. Por outro lado, o construtivismo também utiliza a psicologia para explicar a origem e o desenvolvimento da inteligência. A psicologia, tratando-se de o estudo do comportamento humano, possui várias áreas, sendo a psicologia educacional uma das áreas mais importantes para o construtivismo. A psicologia educacional interfere na teoria e na prática da educação, e aborda os aspetos psicológicos da educação das crianças e adultos. Ademais, tem uma abordagem no que toca à ativação do desenvolvimento psicológico e no melhoramento dos percursos, de forma a que o sujeito possa atingir metas mais elevadas de maturação. Estes níveis de maturação do sujeito enquanto criança foram divididos por Piaget, em estádios. Piaget estudou crianças desde que nascem até atingiram a maturidade e, como referido anteriormente, conseguiu dividir o seu desenvolvimento em quatro estádios distintos, designadamente os seguintes: o sensório-motor, o pré-operatório, o das operações concretas e o das operações formais. Estudos mais recentes que os de Piaget confirmam que os estádios que são referidos por ele estão corretos, embora ao longo do tempo tenha havido algumas mudanças quanto ao período de tempo de cada estádio” in, <http://psidesenvolvimento-e-desporto.webnode.es/perspectiva-construtivista/>

Ler mais: <http://psidesenvolvimento-e-desporto.webnode.es/perspectiva-construtivista/>

³ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL, Editor, Lousã 1999, p.4.

alunos do 5.º ano. Saber dosear as estratégias aos conteúdos, de modo a levar os alunos a atingir as metas propostas para o 5.º ano, afigurou-se como o grande desafio desta UL1, *Viver juntos*.

O papel do professor, enquanto agente no processo de educação dos alunos, acarreta uma forte responsabilidade. Exige-se que não só domine competências pedagógicas e científicas sobre a disciplina que leciona mas, dada a diversidade e heterogeneidade da sala de aula, que também saiba trabalhar em cenários educativos complexos e multiculturais, pois,

“o pluralismo cultural rejeita tanto o racismo implícito...como a concepção de uma cultura única emergente de um caldo de culturas. Enquanto reconhece a existência de uma cultura americana dominante, o pluralismo cultural também reconhece a força e a permanência das suas subculturas”,⁴

pelo que é necessário fomentar em todos os alunos experiências educacionais adequadas ao seu desenvolvimento, respeitando o princípio da inclusão e da equidade, em que todas as crianças têm as mesmas oportunidades, pois, “*o primeiro passo que os professores podem dar para desenvolverem uma competência multicultural é o de melhorarem os seus conhecimentos e atitudes em relação às pessoas de diferentes culturas*”,⁵ pelo que: “*nenhuma criança pode ser deixada para trás*.”⁶ Ao professor cabe encontrar formas de ajudar os alunos a construir o seu próprio conhecimento e esta descoberta decorre naturalmente da sequência de situações que acontecem na relação professor/turma. Tendo em conta a variabilidade de realidades que cada turma apresenta, o desafio colocado ao professor aumenta, cabendo-lhe a tarefa de conhecer as especificidades de cada grupo turma e, sobretudo, de cada aluno. Neste sentido, faremos uma breve reflexão sobre a nossa prática pedagógica com a turma do 5.º B, na ESM, que resulta da leção da Unidade Letiva 1 (UL1) e do currículo prescrito para a disciplina de EMRC para o 5.º ano de escolaridade, aplicado à UL1, *Viver juntos*.

⁴ *Ibidem*, p.114

⁵ *Ibidem*, p. 156.

⁶ José Manuel MORAN, *A educação que desejamos, Novos desafios de como chegar lá*, Papyrus Editora, S. Paulo 2007, p.172.

Com o objetivo de avaliar a eficácia do processo de ensino aprendizagem, esta reflexão teve por base a caracterização do contexto socioeducativo em que esta turma se inseria, a partir de dados retirados do Projeto Educativo e Curricular da escola e de outros recolhidos em campo. Será de seguida apresentada e fundamentada a base teórica e científica em que assenta a UL 1, *Viver juntos*, e uma breve caracterização da turma, de modo a que, de acordo com os dados recolhidos, seja possível planificar o percurso educativo anual, trimestral e da Unidade Letiva acima referida, privilegiando as metas e os objetivos que se pretende que os alunos da turma atinjam, para que as mesmas possam ser alcançadas, pelo que, apresentamos seguidamente as planificações nível 1 e 2, num mesmo documento com justificação pedagógica, a planificação nível 3 da UL1, *Viver juntos*, onde se apresentam as articulações intencionais entre objetivos, estratégias e conteúdos, proporcionadoras de experiências de aprendizagem significativas; apresentamos igualmente a planificação aula-a-aula com estratégias que corroboraram um processo de ensino-aprendizagem eficaz.

Como refere Arends, em *Aprender a Ensinar*, “*um professor eficaz é um professor reflexivo pois reinventa constantemente a sua arte de ensinar em contextos educativos sempre tão diversos*”.⁷ Com base nesta premissa, fazemos uma breve análise sobre a prática letiva (aula-a-aula) referente à lecionação da unidade letiva supracitada, com a turma do 5.º B, para, com a ajuda do professor cooperante apresentar os aspetos positivos, os aspetos a melhorar e as respetivas conclusões a sublinhar e a reter, bem como apresentar sugestões que possam contribuir para a correção do programa e quiçá, ajudar na construção de uma nova abordagem ao programa e à forma de planificar.

⁷ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL, Editor, Lousã 1999, p.4.

CAPÍTULO I

1. Introdução Geral à Planificação Anual

Dada a necessidade de sabermos antecipadamente o percurso que se pretendia efetuar durante o ano letivo 2016/2017, tendo em conta os vários elementos determinantes do percurso a efetuar, o tempo disponível, a particularidade de, em ano de Prática do Ensino Supervisionado, ser avaliados num conjunto de aulas predeterminadas e em diferentes unidades letivas, optámos por manter a sequência apresentada no programa, por permitir uma organização mais coerente dos tempos letivos.

Assim, no primeiro período foi lecionada a UL1, *Viver juntos* para a qual foram reservadas sete aulas. No terceiro período lecionou-se a UL4, *Construir a fraternidade* para a qual foram reservadas seis aulas. Deste modo, dividimos equitativamente o tempo disponível pelos dois estagiários, de modo a harmonizar o interesse de ambos neste processo formativo, de experiência pedagógica assente na prática supervisionada da atividade letiva.

Na divisão das unidades letivas esteve presente a necessidade de uma organização coerente dos conteúdos que se pretenderam operacionalizar a partir das metas curriculares, que enunciam expectativas gerais relativas à aprendizagem dos alunos, pelo que:

“Chegámos, portanto, a uma formulação que toma dez das mencionadas finalidades e as distribui nos três domínios indicados. Uma outra, e última finalidade, tomámo-la como uma mega finalidade ou mega meta que é a de, no final de todo este Programa de formação, os alunos poderem «aprender a posicionar-se perante o fenómeno religioso», já que esta disciplina é, de alguma forma, uma experiência de primeiro anúncio. É importante, para o desenvolvimento, o diálogo, a paz social, que as pessoas aprendam a estruturar uma posição, crente ou não, do fenómeno religioso.”⁸,

⁸ Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica”, Edição 2014, in, *Pastoral Catequética, Revista de catequese e educação*, n.º 31-32, 2015, p.48.

e a partir das finalidades da disciplina de EMRC, apresentadas de seguida, que são a bússola na edificação das metas propostas para a disciplina de EMRC:

“Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo em particular; Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; Adquirir uma visão cristã da vida; Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; Aprender o fundamento religioso da moral cristã; Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”⁹

e da nossa visão pessoal de como se articulam metas, objetivos, conteúdos, estratégias e gestão do tempo. Assim, procurámos encontrar as estratégias mais adequadas para que a operacionalização dos conhecimentos/competências, ocorressem como se previa. Ao apresentarmos este itinerário, somos conscientes de que o professor é chamado a adaptar aos seus alunos as orientações programáticas definidas pelo Ministério da Educação, tendo em conta a diversidade cultural¹⁰ e o sentido da importância da educação para inclusão dos mais desfavorecidos, pois

“a pedagogia do serviço parte de motivações iniciais nas quais a disciplina se reconhece: a educação para a cidadania, o cuidado com alunos em situação de risco ou com necessidades educativas especiais, a educação religiosa e os seus valores, a pedagogia pela experiência, a integração de alunos vindos de outras culturas, o desenvolvimento comunitário, as preocupações com a educação para o desenvolvimento e a sustentabilidade, a educação moral e em valores, a educação para a paz, a educação para o desenvolvimento e a solidariedade...”¹¹

⁹SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Edição 2014, p. 5.

¹⁰ Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica”, edição 2014, in, *Pastoral Catequética, Revista de catequese e educação*, n.º 31-32, 2015, p.39 e p.50. “a diversidade cultural é hoje um fator importantíssimo, que nos entrou pela escola dentro da forma mais questionadora.” e “procura-se, assim, responder à diversidade que está hoje dentro da escola e à necessidade que os professores têm de continuar a motivar os alunos para esta disciplina”.

¹¹ *Ibidem*, p.57.

Não é de mais realçar que a EMRC visa a totalidade do real, no campo do agir humano, pelo que, a partir de um método existencial e hermenêutico¹², colocámos os alunos numa ação interpretativa do mundo em que vivem iluminados por uma perspetiva cristã e católica, da história e do mundo, embora hoje, num mundo secularizado, esta não seja única, por vivermos num mundo em que a pluralidade está presente no tecido social e na vida das comunidades. Neste percurso, não descurámos a necessidade de uma educação integral da pessoa¹³ que sustenta um desenvolvimento pleno da personalidade humana e fomenta uma tomada de posição ética no agir humano, baseado em valores, proporcionando assim, um crescimento e integração plena na família e na sociedade, com vista ao desenvolvimento de uma cidadania plena.

Todo este percurso só será verdadeiramente significativo se soubermos abarcar na prática pedagógica os planos cognitivo e emocional, pois

*“a mente emocional é muito mais rápida do que a mente racional, entrando em ação sem «pensar» por um instante no que vai fazer. A sua rapidez exclui a reflexão deliberada e analítica que é característica da mente pensante.”*¹⁴ ,

pelo que as estratégias desenvolvidas na prática letiva visaram aquisições significativas e duradouras para os futuros cidadãos, que se querem capazes de pensar, agir, decidir e conviver no tecido social promovendo o bem comum, pelo que

*“do encontro com o outro, o olhar para a Palavra não dispensa as humanas capacidades de consciência, antes `as supõe e exige o seu exercício`, as `anima e integra`, com uma lúcida e vinculativa referência ao sentido do *bem comum*, à comunhão como medida do bem e critério de escolha dos meios aptos para o realizar.”*¹⁵

¹²SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de educação moral e religiosa católica*, SNEC, Edição de 2007, p.20.

¹³ PAULO VI, Carta Encíclica *O Desenvolvimento dos Povos (Populorum Progressio)*, n.º 14.

¹⁴ Daniel GOLEMAN, *Inteligência emocional*, Temas e debates, Lisboa 1999, p.312.

¹⁵ Donatella ABIGNENTE, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p.33.

Também tivemos presente que nesta escola “*se educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens.*”¹⁶, razão pela qual, na nossa planificação, prática letiva e transmissão do saber, procurámos construir um itinerário que fizesse sentido e operasse uma:

“síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco, também designado por “Sistema Preventivo”, que valoriza a “personalização” das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles.”¹⁷

Por isso, sendo uma esta escola aberta, popular e inclusiva, procurámos, a partir da planificação, e através da promoção de práticas educativas que desencadeassem situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuem significado, desenvolver as competências no processo de ensino/aprendizagem, que lhes permitissem atingir as metas propostas numa educação diversificada de qualidade, que visa a excelência e, encontra sua síntese de formação na expressão “*bons cristãos e honestos cidadãos*”. Para isso, é necessário um processo educativo que vise a humanização da pessoa na sua totalidade, possibilitando-lhe um crescimento integral

“de maneira a promover o progresso dos povos mais pobres, a favorecer a justiça social entre as nações, a oferecer às que estão menos desenvolvidas um auxílio, de maneira que possam prover, por si próprias e para si próprias, o seu progresso: Justiça e Paz é o seu nome e o seu programa. Pensamos que este mesmo programa pode e deve unir, com os nossos filhos católicos e irmãos católicos, os homens de boa vontade. Por isso é a todos que hoje dirigimos este apelo solene a uma ação organizada para o desenvolvimento integral do homem e para o desenvolvimento solidário da humanidade”¹⁸

¹⁶ ESCOLA SALESIANOS DE MANIQUE, *Projeto Educativo*, 2010-2014, p.4.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ PAULO VI, *Populorum Progressio (PP)*, n.º 5.

de modo a serem obreiros de uma sociedade mais justa e solidária, em que a diversidade cultural é uma riqueza, pelo que a inclusão e a solidariedade fraterna estão presentes, pois, só assim será possível fazer do aluno o centro principal do processo educativo.

1.1. Finalidades da disciplina de EMRC (Anexo 1)

Tivemos presente que é a partir das finalidades da disciplina de EMRC (Anexo 1) que se definem as metas para cada unidade letiva. Assim, a partir das finalidades da disciplina de EMRC e da visão de como se articulam metas, objetivos, conteúdos, estratégias e gestão do tempo, procurámos encontrar as estratégias mais adequadas para que a operacionalização dos conhecimentos/competências, ocorresse como se esperava, ministrando aos alunos o currículo apresentado¹⁹ e definido em termos ideais.

É através das finalidades de uma disciplina, apresentadas, em *termos ideais*, que se define aquilo que se pretende que um aluno adquira e desenvolva com a frequência dessa disciplina partindo da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma sociedade concreta.²⁰, Essa sociedade é definidora de um contexto educacional próprio, modelador de um dado sistema educativo.²¹ Deste modo, a disciplina EMRC apresenta como grande finalidade “*a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida [...]*”²², pelo que, cabe à escola, enquanto lugar privilegiado de desenvolvimento pessoal harmonioso do aluno, fomentar a implementação das mesmas, já que a formação global da pessoa, comporta a

¹⁹ Cf. Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014, *Pastoral Catequética*, n.º 31-32, 2015, p.34. “Com este Programa, o currículo prescrito começou imediatamente a ser desenvolvido no que tecnicamente se designa por *currículo apresentado*, ou seja, os documentos oficiais que vão chegar também à mão dos docentes, isto é, os manuais e livros de texto.”

²⁰ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, SNEC, Moscavide, p.3

²¹ *Ibidem*.

²² *Ibidem*.

abertura para uma dimensão corpórea, espiritual, de a abertura à transcendência, aos outro e ao mundo.²³

Assim, surge como mega meta a atingir, no plano ideal, pela disciplina de EMRC, a: “*Formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida*” e/ou “*Aprender a posicionar-se perante o fenómeno religioso*”.²⁴ (Anexo 1) e que, de um modo mais específico, concretiza nas dez finalidades seguintes: aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; aprender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade. Também a décima primeira finalidade resulta como o desiderato das dez anteriores, o que requer a definição de um conjunto de metas (Anexo 2), nos diferentes domínios (Religião e experiência religiosa; Cultura cristã e visão cristã da vida e Ética e moral), que permitam alcançar a mega finalidade a que aludimos anteriormente.

Por sua vez, partindo destas finalidades propostas para a disciplina de EMRC, pela Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé (CEECDF), com base em três domínios selecionados, *Religião e experiência religiosa; Cultura cristã e visão cristã da vida e Ética e moral*, foram apresentadas pela equipa da elaboração do programa de EMRC 2014, as seguintes metas para o segundo ciclo (Anexo 2) , às quais são ajustados os objetivos

²³ *Ibidem*.

²⁴ Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014, *Pastoral Catequética*, n.º 31-32, 2015, p.48.

programáticos, a partir dos quais se supõe criar um conjunto de experiências de aprendizagem possibilitantes da aquisição de um conjunto de conteúdos previamente selecionados para o programa, passíveis de conduzir o aluno à aquisição das competências que lhe permitam atingir as metas propostas.²⁵

Também é importante não esquecer que, uma vez determinadas as finalidades da disciplina, se elabora o currículo que teve por base três aspetos essenciais na sua determinação: a sociedade, os conhecimentos científicos e o aluno.²⁶ Quer isto dizer, que é necessário ter presente que a sociedade tem subjacente uma história, com instituições que a mantêm, assente em valores que promove e defende, pelo que incorre na necessidade de tomar opções económicas, culturais e políticas.²⁷ Essa definição do currículo tem de assentar no tripé “sociedade, conhecimentos científicos, aluno.” Deste modo, determinadas as finalidades da disciplina de EMRC, há que construir um programa (currículo) que verta, de um ponto de vista formal “o quê” ensinar aos alunos, com base no conhecimento científico produzido, conhecido e atualizado, adaptando-o aos alunos e suas características específicas, pois cada grupo (alunos) está inserido num meio socio cultural e possui um estágio de desenvolvimento físico e psicológico²⁸ que condiciona o seu grau de maturidade e capacidade de aprendizagem específica relativo à sua faixa etária.

Assim, ao apresentar este itinerário somos conscientes de que o professor é chamados a adotar aos seus alunos as orientações programáticas definidas pelo Ministério da Educação, tendo em conta a diversidade cultural e o sentido da importância da educação para inclusão dos mais desfavorecidos.²⁹ Convém realçar que, de acordo com o programa de EMRC, a

²⁵ Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014, *Pastoral Catequética*, Revista de Catequese e Educação, Janeiro-Agosto, Moscovide 2015, n.º 31-32, p. 29-30.

²⁶ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, p. 3.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.141-176.

apresentação das unidades letivas surge como resultado da harmonização de “*três dimensões pedagógicas sequenciais*, de ordem variável, a saber: Experiência Humana, Reflexão religiosa, Interpretação Ético-moral”³⁰ pelo que, houve o cuidado de manter as metas propostas no programa de EMRC para os vários domínios, de modo a valorizar adequadamente cada uma dessas dimensões referidas.

1.2. Metas da disciplina de EMRC (Anexos 2, 3, 4 e 5)

Com base na apresentação dos diferentes domínios, Religião e experiência religiosa; Cultura cristã e visão cristã da vida; e Ética e moral, sob a forma de metas, pretendeu-se proporcionar ao aluno um itinerário que fomentasse a realização dos objetivos programáticos previstos para cada unidade, uma vez que as metas só serão passíveis de ser alcançadas, findo o percurso escolar do aluno e participação “permanente” da disciplina de EMRC, pois

“entendeu-se igualmente, que as Metas Curriculares só poderão ser totalmente atingidas pelos alunos após a conclusão do percurso escolar. O docente lecionará tendo em consideração a necessidade de facilitar aos seus discentes a aquisição da totalidade dos *Objetivos* previstos para as várias *Unidades Letivas* de cada nível de ensino”.³¹

Não é de mais realçar que a EMRC visa a totalidade do real no campo do agir humano, pelo que a partir de um método existencial e hermenêutico, colocámos os nossos alunos numa ação interpretativa do mundo, que vive iluminada por uma perspetiva cristã e católica da história e do mundo, embora hoje essa não seja única, pois “*reconhece, decerto, os limites do pluralismo, mas, condicionado pelo momento histórico, enaltece a sua necessidade. Convida, pois, a passar da conceção do pluralismo como tolerado, para evitar males maiores, ao pluralismo como virtude.*”³²

³⁰ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, SNEC, Moscavide, p.154.

³¹*Ibidem*, p.9.

³²Cataldo ZUCCARO, “Hermenêutica histórica, pluralismo e diálogo, In, Donatella ABIGNENTE, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p.110.

Neste percurso, não descurámos a necessidade de uma educação integral da pessoa que sustenta um desenvolvimento pleno da personalidade e fomenta uma tomada de posição ética no agir humano, baseado em valores, proporcionando um crescimento e integração plena da pessoa, na família e na sociedade, com vista ao desenvolvimento de uma cidadania plena e a concretização da felicidade humana.

Todo este percurso só será verdadeiramente significativo se soubermos abarcar na prática pedagógica o plano cognitivo e emocional, pelo que, as estratégias desenvolvidas na prática letiva visaram aquisições significativas e duradouras para os futuros cidadãos, que se querem capazes de pensar, agir, decidir e conviver no tecido social, promovendo o bem comum. No âmbito pedagógico, no passado o ensino centrava-se numa perspetiva objetivista, em que os conteúdos eram ministrados como verdades absolutas,³³ permanecendo ainda hoje, na estrutura escolar uma forte cultura subjacente a esta perspetiva, que emerge constantemente no diálogo com os nossos pares, pelo que, pessoalmente, não aceitamos que a prática letiva conceba o objetivismo como motor do:

*“conhecimento como sendo constituído por verdades a que os seres humanos têm acesso.” (Tobin, 1992, p. 2), já que “a essência do objetivismo é a de que as categorias do pensamento correspondem às categorias do mundo (e de que) só existe uma forma correta para descrever a experiência” (p.2) e construir o conhecimento”.*³⁴

Também tivemos presente que, esta escola, *“educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens.”*³⁵, pelo que, na nossa planificação, prática letiva e transmissão do saber, procurámos construir um itinerário que fizesse uma

“síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no

³³Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, MCGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.4.

³⁴ *Ibidem* p.4.

³⁵ ESM, *Projeto Educativo 2010-2014*, p.4.

método pedagógico de S. João Bosco, também designado por Sistema Preventivo”, que valoriza a "personalização" das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles.”³⁶

Por isso, sendo uma escola aberta, popular e inclusiva procurámos, a partir da planificação e através da promoção de práticas educativas que desencadeiam situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuem significado, desenvolver as competências no processo de ensino/aprendizagem, que lhes permitem atingir as metas propostas numa educação diversificada de qualidade, que visa a excelência e encontra a sua síntese de formação na expressão “*bons cristãos e honestos cidadãos*”. Para isso, foi necessário um processo educativo que visasse a humanização da pessoa possibilitando-lhe um crescimento integral, de modo a serem obreiros de uma sociedade mais justa e solidária, em que a diversidade cultural é uma riqueza, pelo que a inclusão e a solidariedade fraterna estão presentes, pois só assim, será possível fazer do aluno o centro principal do processo educativo.

1.3. Planificação nível 1 e 2 (Anexo 5)

A planificação, enquanto tomada de decisão no processo de ensino³⁷, é fundamental para um ensino de qualidade e que se queira eficaz. Na planificação de nível 1 (anual) deve procurar-se estabelecer o conteúdo geral³⁸ (sujeito ao programa), bem como delinear a sequência do currículo a ser apresentado aos alunos, o qual deve evidenciar as linhas gerais sobre o conteúdo básico e as ideias básicas para cada área temática. Para isso, o professor socorre-se das várias fontes de informação disponibilizada no início de cada ano letivo, designadamente da legislação, do programa, dos recursos disponibilizados à sua atividade (sala, meio tecnológicos, número de turmas/alunos); das linhas gerais propostas no currículo e da experiência do próprio

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editora, lousã 1999, p.44.

³⁸ Norman E GRONLUND, (1993).

professor, que lhe permite antever algumas das limitações/potencialidades da planificação. Não podemos esquecer que

“A planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase.”³⁹

Assim, na planificação de nível 2 (trimestral) deve aparecer uma planificação mais detalhada que refira os conteúdos a lecionar nos próximos três meses. Realçamos, que esta denominação de planificação de nível 1, 2, 3 e 4 é a terminologia aprendida e desenvolvida no âmbito da disciplina de *Desenvolvimento Curricular, Planificação e Avaliação*, pois na obra de Arends é apresentada uma nomenclatura de 5 a 1⁴⁰, sendo que o nível 5 se refere à planificação anual e o nível 1 à planificação diária. Não foi este o critério que seguimos.

Dada a necessidade de se saber antecipadamente o percurso que se pretende efetuar durante o ano letivo 2016/2017, tendo em conta os vários elementos determinantes do percurso a efetuar, o tempo disponível, a particularidade de termos de, em ano de PES, ser avaliado num conjunto de aulas predeterminadas e em diferentes unidades letivas, optámos por manter a sequência apresentada no programa, por permitir uma organização mais coerente dos tempos. Assim, no primeiro período lecionámos a UL1, *Viver juntos* (7 aulas), que foi objeto de análise pelo estagiário e na qual o mesmo foi observado pelo mestre Juan Ambrósio, no âmbito da PES. Ainda nesse período foi começada a UL 2, *Advento e Natal* (5 aulas) que não faria sentido adiar ou antecipar, em virtude de o Natal se se celebrar em dezembro e todo a vida da comunidade escolar, em termos interdisciplinares, se centrar no tema do Natal. Para estas duas unidades letivas foram reservadas 12 aulas. A UL3, *A família, comunidade de amor*, foi lecionada no segundo período e foram reservadas 7 aulas para lecionar esta unidade. A UL4, *Construir a*

³⁹ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editora, Iousã 1999, p.44.

⁴⁰ *Ibidem*, p.51.

fraternidade, foi lecionada no terceiro período, tendo sido reservadas 6 aulas, perfazendo um total de 13 aulas para estas duas unidades letivas.

Na divisão das unidades letivas esteve presente a necessidade de uma organização coerente dos conteúdos que se pretendiam operacionalizar a partir das metas curriculares, que enunciam expectativas gerais relativas à aprendizagem dos alunos.

1.4. Planificação da Unidade Letiva 1, Nível 3 (Anexo 7)

Como sabemos, a planificação faz parte das funções executivas do professor, sendo uma ação determinante e muito importante do que é ensinado nas escolas, uma vez que

“uma planificação cuidada das aulas evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garante que se garantiram os meios necessários para a avaliação pedagógica”.⁴¹

O currículo, como é publicado, que já antes, ao nível da decisão curricular, foi tomado como *currículo prescrito e currículo apresentado*,⁴² é depois transformado e adaptado segundo o processo de planificação através de adições, eliminações, interpretações (Anexo 7) e decisões dos professores (currículo real-operacional)⁴³, sobre o ritmo, a sequência e a ênfase a dar aos conteúdos a lecionar, e que desembocará no *currículo realizado* ou *experencial* junto dum turma concreta, a quem foram aplicadas estas decisões pedagógicas. Outras das funções da planificação do professor abrangem a distribuição do tempo de ensino a determinar para determinado conteúdo, a composição dos grupos, a organização de calendários semanais e diários e, como afirma Virgínia Richardson da Universidade do Arizona (Cit. R. Arends, p.93)

“um professor tem de fazer constantes ajustes nas suas práticas durante o ano, assim como de ano para ano. Os professores fazem, de facto diferença através das suas

⁴¹ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide 2014, p.159.

⁴² Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica” in, *Pastoral Catequética* n.º 31/32 – 2015, Revista de Catequese e educação, edição 2014, p.33.

⁴³ Cf. *Ibidem*, p.34.

sensibilidades e percepções acerca dos seus alunos, tal como através do seu conhecimento académico. Só um professor, um ser humano em crescimento, pode usar ferramentas como TAP (tempo de aprendizagem escolar) e utilizar as competências... para sintetizar um programa e um ambiente que seja flexível, personalizado e adequado, quer para o professor quer para o aluno”.⁴⁴

É através da planificação que planeamos e projetamos o que os alunos vão aprender e fazemos as opções que nos permitem gerir no tempo, o currículo e elaborar os materiais e tarefas necessárias à construção das experiências de aprendizagem, bem como escolher as estratégias adequadas aos objetivos, reduzindo a incerteza e aumentando a eficiência que implicam tomada de decisão, avaliação e gestão de sala de aula. É a este nível de planificação que o professor pode inserir, de modo a reduzir a incerteza, as experiências e estratégias (ver anexo 7) adequadas para a prossecução de certos objetivos para a aula, pelo que, uma boa planificação a este nível, antecipa e proporciona uma economia de tempo e eficiência no plano de aula final (nível 4). O professor precisa de gerir o que acontece na aula e quanto mais antecipar e detalhar o modo como quer fazer, mais perto está de saber com antecedência o que pretende para essa aula. Definir o quê (programa, metas) e o como lá chegar (estratégias), acarreta a tomada de decisões essenciais no processo de transmissão/construção do saber, pois ajuda a discernir entre o essencial e o acessório a apresentar nos conteúdos (Anexo 8) objeto de aprendizagem, permitindo uma avaliação coerente do processo. Um professor experiente apresentará primeiro as ideias simples ajudando os alunos a chegar por si às ideias mais complexas.⁴⁵

Numa planificação de nível 3 (anexo 7) o professor deverá ter presente a necessidade de elaborar e desenvolver uma sequência de experiências de aprendizagem que levem à apresentação de um conteúdo abrangente, integrado e significativo, a um nível apropriado para o aluno, não permitindo que os conteúdos se apresentem de um modo desarticulado, sendo

⁴⁴ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.93.

⁴⁵ *Ibidem*, p.43-69.

fomentadores de desmotivação e desinteresse. É preciso estar alerta contra este risco, não descurando nunca o *feedback* que nos dá a realização constante de uma avaliação formativa.⁴⁶

Assim, uma vez distribuída a matéria pelas sete aulas (uma destinada a avaliação das aprendizagens efetuadas pelos alunos), no âmbito da planificação de nível 3, delineamos um conjunto de atividades ligadas a estratégias conducentes a experiências de aprendizagem significativas, pelo que, para a primeira aula definimos a apresentação da construção de uma *caixa das memórias* de modo a ligar os conteúdos (mudança) da unidade às aprendizagens dos alunos; para a segunda aula foi escolhido o visionamento de um pequeno filme/flash de modo a introduzir a figura de Abraão como modelo de ser humano que enfrentou a mudança com coragem e esperança; para a terceira aula, com o objetivo de abordar o tema dos grupos e seus valores, escolhemos fazer um dístico com seleção de valores para o grupo, partindo do *brainstorming* a que os alunos foram solicitados; na quarta aula, pretendemos que os alunos aprendessem a interpretar textos bíblicos sobre a Aliança, foi apresentado um pequeno filme sobre a Aliança estabelecida por Deus com Noé e seu comprimento com Moisés no Monte Sinai; para a quinta aula, de modo a reconhecer a implicação da Aliança na vida das pessoas, optámos por passar pequenos excertos do filme “Os Dez Mandamentos”, procurando que os alunos estabelecessem a ligação entre os Mandamentos e um conjunto de dez imagens correspondentes/relativas a cada um dos Mandamentos, de modo a que os alunos estabelecessem a ligação correta entre a imagem e o conteúdo do Mandamento em causa; para a sexta aula foi reservada a apresentação de um PowerPoint (PPT) com a correção do teste para fazer a avaliação corretiva e dar o *feedback* necessário sobre os resultados das aprendizagens dos alunos; e na sétima aula foi proposta a criação de um cartaz com os valores escolhidos pelos alunos como resultado do compromisso pessoal das implicações da Aliança na vida dos alunos.

⁴⁶ Cf. Válder V. LEMOS, *Nova avaliação da aprendizagem*, Texto Editora, Lisboa 1994, p.15.

Deste modo, estabeleceu-se um itinerário que proporcionasse experiências significativas e que fizesse uma articulação coerente entre as estratégias e os objetivos pretendidos para a aula, de modo a que os alunos pudessem desenvolver as suas competências pessoais, para atingirem as quatro metas propostas para esta unidade letiva, que faz do *Viver juntos* o tópico congregador para uma vida social baseada no respeito, promotora dos direitos de cidadania inerentes a uma vida escolar e social harmoniosa.

1.5. Critérios de Avaliação da Disciplina de EMRC (Anexo 9)

A avaliação é uma constante e uma variável presente no quotidiano da vida do professor no seu desempenho profissional. Como nos indica Richard Arends “*em quase todas as situações, os líderes são responsáveis pela avaliação das pessoas que trabalham a seu cargo. Do mesmo modo, os professores são responsáveis pela avaliação dos alunos...*”⁴⁷

Desempenhar a atividade docente sem pensar a avaliação de um modo coerente, sistemática e estruturada, nas suas diferentes modalidades, é um péssimo indicador do desempenho profissional. O currículo não pode ser apenas uma lista de disciplinas e, dentro destas, um conjunto de matérias e temas, que pressupostamente deverão ser ensinados aos alunos. Muito menos no contexto de uma escola, que deve educar para a cidadania e para os valores e não somente para o saber académico clássico. O currículo inclui as formas de fazer, os contextos, e os processos criados e organizados para a aprendizagem.

Nestes processos de transmissão do saber, do conhecimento:

“os processos de avaliação têm uma importância determinante. Há autores que defendem que as grandes mudanças curriculares modernas se fazem mais através da alteração dos sistemas de avaliação do que de outros aspetos formais do currículo. Porque

⁴⁷Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.227.

a avaliação tem uma função determinante no processo de ensino aprendizagem. Atua como regulador sobre os alunos e os professores. É a bússola e o sextante do processo; fornece a informação necessária à busca dos caminhos e ao marcar dos rumos. Para além disso, tem efeitos sobre cada um dos intervenientes. É determinante nas motivações dos alunos, nos planos de trabalho do professor e nas expectativas dos pais e das famílias”.⁴⁸

Bem sabemos que a avaliação é *“uma função desempenhada pelo professor com o objetivo de recolher a informação necessária para tomar decisões corretas, e já deve ser claro que as decisões que os professores tomam são importantes para a vida do aluno”*.⁴⁹, pelo que, dada a sua importância para o aluno, estas decisões devem ter por base informações relevantes e o mais exatas possível (Anexo 9).

Deste modo, os presentes critérios de avaliação da disciplina de EMRC, na sua formulação, tiveram presente que a Lei de Bases do Sistema Educativo e que o Despacho normativo n.º 1-F/2016, o Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril, que procede à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, redefinem os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens, afirmando a dimensão eminentemente formativa da avaliação, que se quer integrada e indutora de melhorias no ensino e na aprendizagem, devendo os critérios de avaliação consubstanciar estes princípios e incorporar as orientações vindas do Ministério da Educação, que no Artigo 7.º especifica, em Critérios de avaliação, indicando que:

“1 — Até ao início do ano letivo, o conselho pedagógico da escola, enquanto órgão regulador do processo de avaliação das aprendizagens, define, sob proposta dos departamentos curriculares, os critérios de avaliação, de acordo com as orientações constantes dos documentos curriculares e outras orientações gerais do Ministério da Educação. 2 — Nos critérios de avaliação deve ser enunciada a descrição de um perfil de aprendizagens específicas para cada ano e ou ciclo de escolaridade. 3 — Os critérios de avaliação constituem referenciais comuns na escola, sendo operacionalizados pelo ou pelos

⁴⁸ Válder V. LEMOS, *Nova avaliação da aprendizagem*, Texto Editora, Lisboa, 1994, p.15.

⁴⁹ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.228.

professores da turma. 4 — O diretor deve garantir a divulgação dos critérios de avaliação junto dos diversos intervenientes.”⁵⁰,

e que, de acordo com a referida norma,

“devem promover a igualdade de oportunidades; promover o sucesso educativo; ser um processo contínuo e positivo; ser corretivo e compensatório, isto é, promover a efetiva recuperação dos alunos; não sobrepor razões administrativas ou outras a razões pedagógicas no acompanhamento da progressão dos alunos; promover a participação de todos os envolvidos na definição de percursos escolares.”⁵¹

Os presentes critérios de avaliação vão ao encontro destes princípios e incorporam atitudes, comportamentos e valores; conhecimentos e aptidões científicas; e valorizam e promovem o empenho e esforço despendido pelo aluno, ao mesmo tempo que reconhecem implícita e explicitamente as diferentes modalidades de avaliação, diagnóstica, formativa e sumativa, presentes nos Artigos 10.º, 11.º e 12.º, nos quais estas são diferenciada.

Por respeitar estes princípios, somos da opinião que nestes critérios de avaliação, embora bem formulados, as percentagens incidam muito sobre os conhecimentos acerca da mensagem humana e cristã.

Também é verdade que estes critérios de avaliação permitem uma construção muito variada dos instrumentos de avaliação, o que de *per si* é um aspeto muito positivo, que convém realçar, pois permitem uma abordagem didático/pedagógica numa perspetiva construtivista da construção do saber (Anexo 9).

Não é de mais referir que, o próprio programa de EMRC apresenta algumas diretrizes sobre o modo de operar uma avaliação pedagógica no âmbito da EMRC, que se caracteriza por apresentar uma metodologia de avaliação que vai para além da aprendizagem de conceitos e a resolução de problemas, pelo que a avaliação pedagógica deve ser vista como:

⁵⁰ Despacho normativo n.º 1-F/2016, In *Diário da República*, 2.ª série — N.º 66 — 5 de abril de 2016 11440-(3) ANEXO VIII.

⁵¹ *Ibidem*.

“uma tarefa ampla e complexa, pois julga os resultados, os processos, os componentes e as interações entre estes, no contexto do ensino globalmente considerado. Uma abordagem da aprendizagem que se orienta para a aprendizagem de conceitos, a resolução de problemas, a transferência do conhecimento e a aquisição de competências religiosas, sociais e morais, requer que a avaliação procure determinar o *desempenho* do aluno em tarefas diversificadas de aprendizagem, capazes de cobrir funcionalmente as várias dimensões psicológicas relacionadas com esta: o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo, o desenvolvimento religioso e o desenvolvimento moral.”⁵²

Daqui resulta a especificidade da avaliação da disciplina de EMRC na medida em que alarga o âmbito da avaliação à dimensão afetiva, religiosa e moral, que passam a estar contempladas nos itens de avaliação.

Também não podemos esquecer que a avaliação pedagógica cumpre um papel muito nobre, nomeadamente o de

“propor ajudar os professores, os alunos e os pais (como parceiros indispensáveis do processo pedagógico escolar) a intervir de forma planeada e consequente no processo de ensino-aprendizagem, recolhendo informação que visam a tomada de decisões orientada para aperfeiçoar a atividade pedagógica e melhorar as aprendizagens nos diversos domínios da personalidade de educadores e educandos. Um aspeto central deste procedimento é permitir uma adaptação da pedagogia às diferenças individuais dos alunos, ao perfil dos grupos e às características locais da escola, isto é, um instrumento essencial da facilitação do sucesso educativo, uma ferramenta que permite ao professor e ao aluno corrigir e melhorar as suas trajetórias e até adaptá-las e potenciá-las entre si.”⁵³

Assim, tal como temos vindo a analisar, a avaliação pedagógica é fundamental e muitíssimo útil quando entendida como um

“*instrumento que apoia a tomada de decisões*, ilustrando de forma sistematizada os progressos e as dificuldades, fornecendo dados para diagnosticar as várias variáveis das situações de ensino-aprendizagem e permitir uma adequada adaptação às exigências concretas da realidade. Neste sentido, a avaliação exige ser parte integrante do processo que é a escola, pelo que deverá estar contemplada nas planificações (momentos e métodos

⁵² SNEC, *Programa de EMRC 2014*, SNEC, Moscavide 2014, p. 159.

⁵³ *Ibidem*, p. 160.

de avaliação) evidenciando calculada intimidade com as Metas a que desejamos dirigir-nos”.⁵⁴

Deste modo, fica claro que as *finalidades* da avaliação visam tornar possível e operacionalizar uma recolha de informação sobre o processo ensino-aprendizagem que devem levar:

“à interpretação dessa informação de acordo com um determinado esquema conceptual e a adoção de decisões que visam melhorar o ensino e, logo, a aprendizagem dos alunos: recolhemos e interpretamos informação sobre domínios do comportamento humano acerca das quais faremos um juízo de valor para podemos tomar decisões fundamentadas”.⁵⁵ ;

mas que não pode deixar de ter em conta que,

“A finalidade da educação não é produzir conhecimentos inertes para serem depois avaliados. Ela quer ser um contributo para o desenvolvimento integral da pessoa humana. É neste contexto que deve ser pensada a avaliação.”⁵⁶

Assim sendo, a avaliação não é um elemento distinto do processo ensino-aprendizagem e não se reduz ao processo ensino-aprendizagem (nem vice-versa), já que a mesma é um dos elementos constitutivos do processo ensino-aprendizagem que deve ser tido em conta em todos os momentos do processo, ainda que de maneira distinta em cada um deles.

2. A Escola Salesianos de Manique (ESM)

A Escola Salesianos de Manique está inspirada no modelo educativo de S. João Bosco que apresenta – o Sistema Preventivo – pelo que a Escola Salesiana procura ser “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e lugar de encontro entre amigos que sabem viver em alegria”.⁵⁷ Para isso muito contribuem os três pilares fundamentais do

⁵⁴ *Ibidem.*

⁵⁵ *Ibidem.*

⁵⁶ Juan AMBRÓSIO, *Avaliar em EMRC, Pistas para um caminho*, Texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015, p. 1.

⁵⁷ *Ibidem.*

Sistema Preventivo – Razão, Religião e Amabilidade – que se traduzem: em atitude acolhedora, simples e natural que favorece a confiança; em espírito de família que facilita a compreensão e o convívio; em otimismo e alegria que imprimem a todas as relações pessoais um estilo juvenil; em amizade educativa marcada pela presença constante do educador entre os alunos.

Para S. João Bosco “*A educação é uma questão do coração*”. Na escola da vida, o amor é a única lição que é fundamental aprender. Só o amor transforma positiva e construtivamente a vida das pessoas. Quem educa no amor aponta caminhos sem impor, anima e motiva à partida, acompanha durante a viagem e acolhe no final da jornada. Uma casa salesiana tem a missão de estimular e motivar os jovens a sonhar alto. O primeiro passo é olhar para si mesmo, encontrar-se, percorrer o caminho da interioridade, encontrar-se aí com Deus que o desafia, surpreende, suscita, provoca, desinstala, entusiasma, fascina, acompanha e orienta.⁵⁸

2.1. Caracterização da escola e do meio envolvente

Tendo como ponto base o estudo de Arends,⁵⁹ o qual define o ato de ensinar como uma arte, consideramos que o ensino não pode ser apenas guiado pelo conhecimento científico, visto que este depende de um conjunto complexo de julgamentos individuais, baseados em experiências pessoais, sendo necessário fazer a caracterização da escola e do meio envolvente para a proceder com maior acerto nas tomadas de decisão e nas escolhas pedagógicas a operar.

Hoje vivemos numa sociedade multicultural.⁶⁰ É com certeza um dado adquirido, que não pode ser esquecido quando o professor pensa o que pode fazer dentro de uma sala de aula, no âmbito da atividade letiva. A aprendizagem é uma atividade cultural e social, na qual, através

⁵⁸ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, p 4.

⁵⁹ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã, 1999, p.12.

⁶⁰ “A ESM é uma escola aberta, popular e inclusiva. Além das relações com o Ministério da tutela, com outras escolas salesianas e escolas da zona onde está inserida, a ESM colabora com diversas instituições da área geográfica onde está situada, criando contactos, colocando à disposição espaços e recursos, promovendo uma cultura de solidariedade e a dignidade da pessoa humana.” in, ESCOLA SALESIANOS DE MANIQUE, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, p.4.

das aprendizagens e do conhecimento os alunos constroem significados. Para que tenhamos salas de aula ativas, é necessário que o professor conheça a realidade sociocultural dos seus alunos, pois, só assim os alunos serão envolvidos ativamente em experiências relevantes, onde lhes é dada a oportunidade de dialogar com os outros e com o mundo, de maneira a que os significados possam ser desenvolvidos e construídos.⁶¹ A aprendizagem escolar deve ter lugar em comunidades caracterizadas pelo elevado grau de participação e envolvimento.

Nos nossos dias as escolas têm uma certa tendência para alargar as oportunidades educativas, aumentando, assim, o número de alunos e a sua diversidade étnica e cultural, pelo que a principal preocupação de um professor no início do ano letivo (e ao longo deste) deve ser o conhecimento das suas turmas, de forma a adequar as estratégias às necessidades dos seus alunos. O professor deve apostar na pedagogia diferenciada, atendendo aos diferentes estilos de aprendizagem, interligados pela diversidade de estratégias. Será sempre importante o professor fazer ligações a conhecimentos adquiridos anteriormente, ou partir da realidade dos alunos, para ajudar a fazer ligações do que já sabem com o que vão aprender. Claro que, isto só será verdadeiramente possível, se o professor conhecer a realidade em que está inserida a comunidade escolar.

Na escola é extremamente importante que o professor tenha a capacidade de ir ao encontro do aluno, para que seja possível maximizar o processo de ensino aprendizagem. O professor deve apostar em todos os seus alunos, independentemente das suas características culturais e étnicas, de forma a corresponder às suas aspirações e necessidades.⁶² Deve ser possuidor de um repertório de estratégias e métodos adequado à diversidade. O ensino deve fomentar a inclusão, quer de alunos culturalmente diferentes, a quem se dirige em sentido

⁶¹ Cf. Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.12.

⁶² *Ibidem*, p.83.

próprio num primeiro nível, quer de alunos com necessidades educativas especiais, cuja integração plena deve ajudar.⁶³

2.2. A Escola Salesianos de Manique como escola Católica

A Igreja católica colabora com a sociedade para o desenvolvimento integral das pessoas, a partir da mensagem e dos valores do Evangelho.⁶⁴ Assim, enquanto escola católica, os Salesianos de Manique, através da sua associação educativa: promove a formação integral dos alunos, de acordo com a conceção cristã da pessoa, da vida e do mundo⁶⁵; propõe uma síntese entre fé, cultura e vida; ministra o Ensino Religioso Escolar com programas académicos adequados no seu conteúdo e qualidade; promove, para quem o deseja, itinerários de educação na fé;⁶⁶ orienta para a inserção e para o compromisso nos movimentos e serviços eclesiais;⁶⁷ colabora com outras forças sociais comprometidas na construção da sociedade.

2.3. Caracterização do meio sócio cultural de Manique

De acordo com a informação recolhida no Plano de Desenvolvimento Curricular e no Projeto Educativo, relativamente ao meio socio cultural, este refere-se à população que habita as proximidades da escola e dá corpo à zona que é atribuída pelo Ministério da Educação aos Salesianos de Manique. A ESM está localizada na freguesia de Alcabideche, segundo censos de 2011, na área residem 42162 pessoas, sendo que destas 19636 são homens e 21119 são mulheres. Deste universo 18394 estão empregados.⁶⁸ Um número significativo destes habitantes trabalha fora da freguesia.

⁶³ ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, p.4.

⁶⁴ CONCILIO DO VATICANO II, *Constituição pastoral a Igreja no mundo atual, (Gaudium et Spes)*, n. 2, 3.

⁶⁵ CONCILIO DO VATICANO II, *GS*, e a *Declaração A Educação Cristã, (Gravissimum Educationis)*, n. 5.

⁶⁶ CONCILIO DO VATICANO II, *Constituição dogmática Revelação Divina (Dei verbum)*, n.4

⁶⁷ CONCILIO DO VATICANO II, *Decreto do múnus pastoral dos bispos, (Christus Dominus)*, n.º 12-18.

⁶⁸ Cf. <http://www.jf-alcabideche.pt/index.php/freguesia/censos2011-jfa>

Conforme informação recolhida⁶⁹ a ESM fica situada na periferia da aldeia de Manique de Baixo, freguesia de Alcabideche, Concelho de Cascais. A área total da freguesia de Alcabideche é 39 760Km. Manique de Baixo é uma povoação que tem crescido nos últimos tempos e que conjuga em si as casas tipicamente saloias e as novas construções, condomínios fechados e bairros sociais. A localização geográfica situa Manique perto da capital e de dois grandes centros urbanos, Cascais e Sintra, fatores que têm promovido o seu crescimento demográfico. A construção de algumas infraestruturas nas suas imediações, centro comercial Cascais Shopping e o novo hospital de Cascais, bem como a conclusão da autoestrada Lisboa-Cascais, têm atraído novas gentes e novos investimentos. As vias rodoviárias que servem Manique são escassas e pouco funcionais, provocando, nas horas de maior intensidade de trânsito, muitas dificuldades na circulação.

A ESM abrange a população de Manique, da Adroana, do Bairro de 16 de Novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, com um número significativo de famílias realojadas, provenientes dos PALOP e de outras nacionalidades, os quais apresentam problemas de desemprego, de pobreza e de marginalidade. Ao mesmo tempo, tem crescido a construção de moradias e condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto. Sendo assim, entre a sua população, registam-se padrões de comportamento e valores muito diversificados, muitas vezes difíceis de uma caracterização própria, o que dá origem a grandes contrastes de ordem sociocultural e familiar e, a situações de difícil interação. O nível cultural da população é, de um modo geral, baixo, variando com a origem das populações. Contudo, relativamente ao universo de alunos da turma do 5.º B, tal não se verifica, pois, de acordo com os inquéritos realizados pela diretora de turma, tal não é passível de ser afirmado ou inferido, com base nos dados recolhidos.⁷⁰

⁶⁹ http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/pee2012_14.pdf?sfvrsn=0

⁷⁰ ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, p. 4.

Daqui resulta que, as motivações, as necessidades, as expectativas dos alunos e dos seus grupos familiares exigem da ESM uma intervenção atenta à diversidade e à multiculturalidade. Consciente desta realidade, a Comunidade Educativa potencia os recursos materiais e humanos de modo a que todos tenham a oportunidade de socializar, de descobrir que podem ser felizes e que podem alcançar os objetivos a que se proponham no âmbito do seu desenvolvimento e crescimento pessoal. Deste modo, a escola está aberta a todos e promove um ensino de qualidade junto da comunidade. Como escola inclusiva, recebe os alunos da zona atribuída pelo Ministério da Educação ao abrigo do Contrato de Associação, celebrado com algumas turmas. No caso concreto da turma do 5.º B, esta faz parte das turmas abrangidas em contrato de associação, ou seja, alunos que não pagam para frequentar a escola, ao abrigo do protocolo estabelecido com o Ministério da Educação. No sentido de responder a todos aqueles que não fazendo parte desta zona tenham interesse no Projeto Educativo, existe a possibilidade de frequentarem a Escola através da lecionação paga.

A ESM é frequentada por cerca de 1695 alunos em contrato de associação e comporta turmas que vão do 5.º ano ao 12.º ano, sendo que, do 5.º ao 9.º ano frequentam a escola cerca de 1250 alunos e do 10.º ao 12.º ano, frequentam a mesma cerca de 430 alunos. No âmbito da lecionação paga, frequentam a escola um total de 302 alunos que abrangem turmas do 5.º ao 10.º ano.⁷¹

Nesta escola trabalham cerca de 126 professores que são auxiliados na sua ação educativa por 98 funcionários. Também fazem parte da estrutura dos recursos humanos um professor no núcleo de apoios educativos, dois psicólogos para acompanhamento dos alunos, uma associação de pais composta por 130 associados e 13 elementos dos corpos diretivos e uma associação de estudantes, num universo de .1695 alunos.⁷²

⁷¹ ESM, *Plano de desenvolvimento curricular 2015-2016*, p. 7.

⁷² *Ibidem*, p.8.

Quanto às estruturas físicas, edifício e equipamentos, a Escola dos Salesianos de Manique é composta por diversos edifícios. No edifício A, funcionam os Serviços de Receção/Telefonista, a Secretaria, o Gabinete do Coordenador de Ano e a Capela, bem como as turmas do 5.º ano do 2.º Ciclo, cujas salas de aula estão equipadas com ar condicionado, televisão e vídeo/leitores de DVD. Funciona também no primeiro piso a Biblioteca da Escola, composta por duas salas contíguas, uma de leitura e outra de pesquisa com alguns computadores ligados à Internet para efetuar consultas rápidas, bem como outra para a realização de trabalhos. O edifício B, é ocupado pelas turmas do 6.º ano do 2.º Ciclo e 7.º ano do 3.º ciclo, funcionando também as salas de Professores, os Gabinetes da Diretora do 2.º Ciclo e os gabinetes das coordenações de ano (6.º e 7.º anos), o Gabinete da Coordenação de Departamentos, os Laboratórios, as salas de Informática, as salas equipadas com Quadros Interativos, o Gabinete do Técnico de Informática, os Gabinetes de Vigilância, uma sala de Audiovisuais, um Ginásio, Balneários, a Sala de Ténis de Mesa, dois Auditórios, salas de Música e o Centro Musical D. Bosco. O edifício C é ocupado não só pelas turmas 8.º e 9.º anos do 3.º Ciclo e pelo Ensino Secundário, mas também pelas salas de Professores, o Gabinete do Diretor Pedagógico Colegial, Gabinetes dos Diretores de Ciclo e Coordenadores de Ano, Laboratórios e Gabinetes de Vigilância. Neste edifício, a maioria das salas dispõe de instalações de Projetores de Vídeo, televisão e vídeo/leitores de DVD; existe também a sala da Associação de Estudantes, o Gabinete dos Exames Nacionais do Ensino Básico (ENEB), o Gabinete dos Exames Nacionais do Ensino Secundário (ENES). Os edifícios anteriormente referidos possuem as necessárias infraestruturas de apoio, bem como acessos de elevador, permitindo a frequência de todos. No edifício D funciona a Cantina, instalada num edifício próprio, com a cozinha anexa e despensas, a qual serve um número significativo de almoços diários. No edifício E, funcionam, no primeiro piso, os Serviços de Psicologia e Orientação, o Núcleo de Apoios Educativos, o Gabinete da Pastoral, as salas de Catequese, as salas de atendimento aos Encarregados de Educação e o

Grupo de Escuteiros. No rés-do-chão está instalada a Sala de Educação Musical do terceiro ciclo e a Sala de Dança. Nos Edifícios B, C e E existem cacifos à disposição dos alunos, resultantes do esforço organizador da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola. No edifício F encontramos o Pavilhão Gimnodesportivo, homologado, com alvará de licença de utilização da Câmara Municipal de Cascais, para os seguintes desportos: Voleibol, Basquetebol, Badmington, Futsal e Andebol e inclui um campo de jogos, um posto médico, uma sala de troféus, seis balneários, oito instalações sanitárias (duas para deficientes), uma sala de aulas teóricas, uma sala de equipamentos desportivos e uma sala de apoio à Academia do Sporting Clube de Portugal. Para além disso, contém os seguintes campos anexos: uma pista de salto em comprimento; dois courts de ténis com relva sintética; três campos de futsal com relva sintética; círculo de lançamento de peso; vários campos de futebol, basquetebol e andebol; uma pista Simplificada de Atletismo, resultado da parceria com a Câmara Municipal de Cascais para premiar os sucessos da Equipa de Atletismo da Escola. O edifício G é constituído pelo gabinete do Vigilante, pelas salas de Educação Visual, por três salas de aula, pelo Clube das Artes e as oficinas. Está localizada também neste bloco a Lavandaria. Por último, no edifício H existe uma piscina coberta, onde os alunos e população local podem praticar natação.⁷³

A partir da análise do Projeto Educativo é possível determinar os seguintes eixos para uma apresentação consubstanciadora das ideias principais, defendidas pela instituição na sua missão educativa junto das comunidades do seu meio envolvente: Ideário Salesiano; Missão; Princípios; Valores e atitudes.

⁷³ *Ibidem*, p.9.

2.4. Ideário Salesiano da ESM

A ESM é uma escola particular, com regime misto, onde coexiste o contrato de associação com o Ministério da Educação e o contrato simples (lecionação paga), numa proposta educativa que acolhe alunos que frequentam os segundos e terceiros Ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário.

Enquanto Escola Salesiana, a ESM educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco, também designado por Sistema Preventivo.⁷⁴

Por isso, a identidade salesiana da ESM exige a convergência de intenções e de ação por parte de todos os seus membros que participam no processo educativo, dando origem a uma Comunidade Educativo-Pastoral (CEP) que é, ao mesmo tempo, sujeito e ambiente de educação e na qual o jovem pode encontrar uma outra casa.⁷⁵

A ESM também é uma escola aberta, popular e inclusiva. Além das relações com o Ministério da tutela, com outras escolas salesianas e escolas da zona, onde está inserida, a ESM colabora com diversas instituições da área geográfica onde está situada, criando contactos, colocando à disposição espaços e recursos, promovendo uma cultura de solidariedade e a dignidade da pessoa humana.⁷⁶

⁷⁴ *Ibidem*, p.4.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ *Ibidem*.

2.5. Missão da ESM

O pluralismo da sociedade e a diversidade existente entre as múltiplas concepções da pessoa, da vida, do mundo e da mesma sociedade provoca uma evidente diversidade de propostas educativas. Por outro lado, são muitos os autores que defendem que a escola dos dias de hoje necessita centrar os seus modelos de ensino/aprendizagem e de organização, em processos que possibilitem dar resposta aos desafios da atualidade, através da promoção de práticas que desencadeiem situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuam significado, desenvolvam competências, minimizando as resistências geradoras de conflitos que condicionam o processo de ensino/aprendizagem.⁷⁷

Assim, a ESM procura educar não só para o êxito académico, mas também para o desenvolvimento integral dos alunos e a sua participação na construção responsável da sociedade e da igreja do dia de amanhã, pelo que, fiel às orientações das escolas salesianas e à legislação em vigor, apresenta uma proposta de educação diversificada, de qualidade e que aponta para a excelência, sintetizada na expressão “bons cristãos e honestos cidadãos”, promovendo um processo de humanização que visa o crescimento integral dos destinatários e a construção de uma sociedade justa e solidária.⁷⁸

Este modelo de ensino, que comporta a educação como uma missão, não é só da responsabilidade do professor, mas de todos os intervenientes no processo educativo: alunos, professores, famílias e instituições.

⁷⁷ *Ibidem*, p.5.

⁷⁸ *Ibidem*.

2.6. Princípios norteadores da ação educativa na ESM

Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, a ESM deseja nortear a sua ação educativa de acordo com os seguintes princípios:

Centralidade do aluno - O aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e valores em função da sua vida;

Ambiente educativo, marcado pelo espírito de família - Toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo que todos, alunos, pais, professores, pessoal não docente, salesianos, colaborem e se encontrem na escola como na sua própria casa;

Proximidade educativa - Os educadores participam na vida dos jovens e disponibilizam-se para estar com eles, dentro e fora da sala de aula. Promove-se a presença na vida dos jovens para evitar tudo quanto possa ter ressonâncias negativas definitivas. A proximidade educativa ajuda a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da personalidade dos educandos;

Corresponsabilidade e participação - Todos os elementos da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa, favorecendo a solidariedade e cooperação, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio da subsidiariedade;

Critério preventivo - Segue de perto as orientações do sistema preventivo promovido por Dom Bosco, privilegiando as experiências positivas, antecipando o aparecimento de situações ou hábitos negativos, desenvolvendo positivamente as forças interiores da pessoa, criando um ambiente que estimule, sustente e desenvolva o gosto pelo bem;

Igualdade - Ultrapassar todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a inclusão; Qualidade do ensino e das aprendizagens - Respeito pelas normas e orientações dos órgãos educativos,

cumprimento dos programas, uso de materiais educativos oportunos, promoção de aprendizagens significativas.⁷⁹

A partir destes princípios formularam-se os valores e atitudes que orientam a ação educativa na ESM, pelo que a ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas um espaço de formação integral da pessoa: com a formação científica e intelectual, a ESM promove valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pelo social, pelo que se salientamos os seguintes valores:

Confiança – Autoconfiança que se traduz na convicção de que todos temos capacidades que devemos desenvolver; e heteroconfiança que pode ser entendida como a capacidade de confiar nos outros, que parte da assunção de que toda a pessoa é, na sua génese, boa; Alegria – Viver a vida com alegria e sentido de gratidão, mesmo na adversidade; Liberdade – Desenvolvimento da autonomia e de autenticidade, mesmo quando sujeito a pressões externas e aos impulsos da moda ou do momento; Tolerância – Entendida como o respeito por convicções diferentes e a não imposição coerciva de crenças ou formas de pensamento. Reconhecer que, acima de todas as diferenças, está um ser humano, sujeito de dignidade e autonomia de decisão sobre os seus projetos de vida; Cidadania – Desenvolvimento do sentido de pertença de um indivíduo a uma comunidade organizada, que lhe atribui um conjunto de direitos e obrigações; Verdade – A transmissão transparente e fiel daquilo que é veraz e verificável, consolidando relacionamentos humanizantes e construtivos; Justiça – A repulsa pelas desigualdades entre indivíduos, grupos, povos e nações, e o dever de dar a cada um o que lhe é devido; Trabalho – Valorizar o trabalho como meio de desenvolvimento e realização pessoal; Paz – A aspiração à paz e a convicção da inutilidade e do horror da guerra; Cooperação – Acolhimento e encontro entre educadores, alunos e famílias e Solidariedade - compromisso

⁷⁹ *Ibidem*, p.6.

pelo bem comum, reconhecendo e aceitando o outro como pessoa, respeitando a sua dignidade.⁸⁰

Relativamente às atitudes, salientamos as seguintes: Escutar os outros – Adotar uma atitude de escuta ativa reconhecendo que o outro é digno de confiança; Autoestima – Desenvolver uma atitude de amor e respeito por si próprio, tendo confiança nas suas capacidades; Sentido de humor – Desenvolver um sentido crítico e humorístico sobre si próprio e o mundo; Otimismo e esperança - Ver o melhor da vida, antecipar coisas boas e sentir que se tem o destino nas mãos; Autonomia – Desenvolver a capacidade de fazer tarefas por si próprio, de tomar decisões, evidenciando um sentido de auto-orientação responsável; Responsabilidade – Desenvolver um elevado sentido de responsabilidade, assumindo as suas escolhas como as melhores para o próprio e para os outros; Respeito pelos outros – Respeitar a dignidade da pessoa humana e estabelecer uma saudável convivência interpessoal, resultante também de uma pacificação interior; Aceitar a diferença – Reconhecer que os outros são diferentes de nós e saber aceitar as diferenças culturais, ideológicas, raciais; Cumprimento das regras – Reconhecer a importância do cumprimento das regras como base fundamental de uma sociedade democrática e justa, onde a convivência pacífica e harmoniosa entre as pessoas seja possível; Disciplina – O reconhecimento da autoridade dos educadores que se alcançará sobretudo pela pedagogia do exemplo, em termos de empatia, generosidade e respeito recíprocos; Participação ativa na sociedade – Desenvolver uma atitude proactiva, em que cada um desempenhe o papel que lhe cabe na sociedade, com direitos e deveres; Definição de objetivos – Ajudar a estabelecer objetivos de vida, exigentes mas tangíveis; Motivação – Desenvolver níveis motivacionais que ajudem a atingir os objetivos definidos; Cumprimento do dever – Tornar consciente que o cumprimento do dever passa pelo desempenho de tarefas que são próprias para a sua idade, e valorizar o papel que cada aluno desempenha na sociedade (como estudar, aprender, ser

⁸⁰ *Ibidem*, p.7.

cooperante com os colegas; Perdoar – Desenvolver a capacidade de perdoar, o que passa pela compreensão de que o ser humano, na sua fragilidade, também erra, mas deve ter sempre a oportunidade de se arrepender e melhorar; Amizade – Ajudar a estabelecer relações interpessoais baseadas na amizade, sentimento de pertença sem necessidade de retribuição; Companheirismo – Desenvolver um ambiente de entreajuda em que o companheirismo deve prevalecer; Escola-comunidade – Criação de uma comunidade que envolve os alunos, os pais e os educadores, em clima de família; Comunicação – Promover a partilha e o cultivo de relações verdadeiras e humanizantes entre educadores e educandos, privilegiando a descoberta do melhor que existe nos educandos, que são os agentes e protagonistas da sua própria educação; Partilhar e dar-se – Promover o sentido da gratuidade e da atenção aos outros, preferencialmente aos alunos, famílias e setores sociais mais necessitados.⁸¹

2.7. Caracterização da Turma do 5.º B

Facilmente se constata que grande parte do tempo diário dos alunos é passado na escola em contacto com outros alunos e com os professores, pelo que, “*no contexto social a que chamamos sala de aula*”⁸² interagem entre si alunos, professores, diretores e pessoal auxiliar da ação educativa.

“Os professores interagem com os alunos, e os alunos com os professores; os alunos interagem uns com os outros e com vários materiais escolares. À medida que estes indivíduos trabalham uns com os outros, desenvolve-se um grupo. Os professores relatam que cada turma adquire uma «personalidade distinta». Os alunos dizem que a sua turma é «ótima» ou «não é assim tão boa» e lembram, durante anos, a sua terceira classe, o quinto nível da turma de Inglês, ou a sala de convívio. O que os participantes numa turma lembram mais frequentemente não é, necessariamente, aquilo que o professor ensinou. Pelo contrário, eles descrevem e lembram-se das dimensões sociopsicológicas da turma. Luft (1970) descreveu esta dimensão única da seguinte forma: um grupo (turma) pode ser

⁸¹ Cf. ESM, *Projeto Educativo de Escola, 2010-2014.; Regulamento Interno, Alterado no ano letivo 2014/2015*

⁸² Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL, Editor: Graça Margarido, Lousã 1999, p.109.

visto como um sistema em desenvolvimento com a sua própria estrutura, organização e normas. As turmas podem parecer semelhantes à distância ou no papel, mas, na realidade, cada uma é tão única como uma impressão digital.”⁸³

Assim, facilmente se percebe que cada turma desenvolve padrões de interação próprios que lhe conferem uma linha perceptível, no âmbito dos processos internos, que permitem determinar, com alguma previsibilidade, os comportamentos dentro do grupo, ainda que persista alguma variação quotidiana. No entanto, é de realçar nesses processos internos e nos padrões de interação desenvolvida no seio do grupo turma, uma certa constância derivada das características próprias do grupo.⁸⁴

Deste modo, compreende-se que “as estruturas e os processos que os professores escolhem para aplicar nas turmas influenciam a forma como estas se desenvolvem e as normas que elas estabelecem para a aprendizagem social e escolar”⁸⁵

A turma B do quinto ano é uma turma de contrato de associação, composta por trinta alunos, sendo catorze raparigas e dezasseis rapazes. As idades variam entre os nove e os onze anos (vinte e sete alunos com dez, dois alunos com nove e um aluno com onze). Relativamente a retenções no primeiro ciclo, regista-se apenas um aluno e essa retenção ocorreu no terceiro ano.

No que diz respeito à qualidade de vida dos alunos, ao nível da saúde registam-se problemas visuais em três alunos; seis alunos têm problemas de asma; um aluno sofre de sinusite; oito alunos sofrem de problemas do âmbito da alergologia; dois alunos são afetados por vitiligo e perturbação de hiperatividade com défice de atenção. Quanto à alimentação, todos os alunos têm por hábito tomar o pequeno-almoço em casa, variando a refeição entre cereais e pão com leite. A maioria dos alunos estuda num quarto individual, sendo que vinte e quatro alunos têm computador e vinte e seis têm acesso à internet. De um modo geral, os alunos têm

⁸³ *Ibidem.*

⁸⁴ *Ibidem.*

⁸⁵ *Ibidem.*

boas condições de transporte, já que a maioria dos alunos demora até quinze minutos para chegar à escola de automóvel.

Relativamente ao agregado familiar, a média de idade dos pais situa-se nos quarenta e quatro anos, sendo que o pai mais novo tem trinta e cinco anos e o pai mais velho cinquenta e dois anos. Já as mães têm uma média de idades de quarenta e um anos, sendo que a mais nova tem trinta e cinco anos e a mais velha, cinquenta. O nível cultural dos pais é bastante elevado, já que dez são detentores de uma licenciatura, dez concluíram o secundário, cinco fizeram apenas o terceiro ciclo, três têm o segundo ciclo e um possui habilitações ao nível do primeiro ciclo. Regista-se ainda a falta de informação sobre um pai. Quanto à formação académica das mães, verificámos que quatro são detentoras de mestrado, dez têm licenciatura, dez concluíram o secundário, três concluíram o terceiro ciclo e duas terminaram os estudos no segundo ciclo. Apenas uma mãe se encontra desempregada. Quanto ao número de irmãos, a grande maioria dos alunos tem pelo menos um irmão (dezasseis); sete alunos não têm irmãos; cinco alunos têm dois irmãos e dois alunos têm quatro irmãos. Regista-se ainda que, nove alunos têm irmãos a frequentar a mesma instituição escolar.

Em termos globais, no que diz respeito ao interesse, fomos informados que os discentes são participativos e interessados. Ao nível das dificuldades demonstradas, salienta-se a dificuldade em respeitar o outro, em ser tolerante e no cumprimento de regras de saber estar. Decorrente desta análise, o conselho de turma considerou fulcral desenvolver as seguintes capacidades: sensibilizar para o respeito pelo outro, promover a cooperação e a tolerância e incentivar o cumprimento de regras.

De modo a pôr em prática as medidas necessárias à promoção do sucesso escolar e com base na legislação em vigor, de modo a que nenhum aluno fique para trás, a turma tem três alunos abrangidos pelo decreto-lei nº3/2008, de 7 de janeiro, beneficiando designadamente das

medidas estabelecidas no artigo 17.º (apoio pedagógico personalizado às disciplinas de português e matemática), conforme discriminado naquele diploma legal:

“1 - Para efeitos do presente decreto-lei entende-se por apoio pedagógico personalizado: a) O reforço das estratégias utilizadas no grupo ou turma aos níveis da organização, do espaço e das atividades; b) O estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem; c) A antecipação e reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados no seio do grupo ou da turma; d) O reforço e desenvolvimento de competências específicas;⁸⁶

Um aluno é abrangido pelo artigo 18.º (adequações curriculares individuais a todas as disciplinas), isto é:

“1 - Entende-se por adequações curriculares individuais aquelas que, mediante o parecer do conselho de docentes ou conselho de turma, conforme o nível de educação e ensino, se considere que têm como padrão o currículo comum, no caso da educação pré-escolar as que respeitem as orientações curriculares, no ensino básico as que não põem em causa a aquisição das competências terminais de ciclo e, no ensino secundário, as que não põem em causa as competências essenciais das disciplinas; 2 - As adequações curriculares podem consistir na introdução de áreas curriculares específicas que não façam parte da estrutura curricular comum, nomeadamente leitura e escrita em braille, orientação e mobilidade; treino de visão e a atividade motora adaptada, entre outras; 3 - A adequação do currículo dos alunos surdos com ensino bilingue consiste na introdução de áreas curriculares específicas para a primeira língua (L1), segunda língua (L2) e terceira língua (L3): a) A língua gestual portuguesa (L1), do pré-escolar ao ensino secundário; b) O português segunda língua (L2) do pré-escolar ao ensino secundário; c) A introdução de uma língua estrangeira escrita (L3) do 3.º ciclo do ensino básico ao ensino secundário. 4 - As adequações curriculares podem consistir igualmente na introdução de objetivos e conteúdos intermédios em função das competências terminais do ciclo ou de curso, das características de aprendizagem e dificuldades específicas dos alunos; 5 - As adequações curriculares individuais podem traduzir-se na dispensa das atividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade do aluno, só sendo aplicáveis quando se verifique que o recurso a tecnologias de apoio não é suficiente para colmatar as necessidades educativas resultantes da incapacidade);⁸⁷

⁸⁶ http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/dl_3_2008.htm consultado a 01/05/2017

⁸⁷ *Ibidem.*

e outros três alunos estão abrangidos pelo artigo 20.º (adequações no processo de avaliação), ou seja:

“1 - As adequações quanto aos termos a seguir para a avaliação dos progressos das aprendizagens podem consistir, nomeadamente, na alteração do tipo de provas, dos instrumentos de avaliação e certificação, bem como das condições de avaliação, no que respeita, entre outros aspetos, às formas e meios de comunicação e à periodicidade, duração e local da mesma; 2 - Os alunos com currículos específicos individuais não estão sujeitos ao regime de transição de ano escolar nem ao processo de avaliação característico do regime educativo comum, ficando sujeitos aos critérios específicos de avaliação definidos no respetivo programa educativo individual”.⁸⁸

Um dos alunos tem direito a uma prova diferente no processo de avaliação, valorizando-se a componente mais forte do seu estilo de aprendizagem.

De acordo com a informação recolhida pelo diretor de turma, onze alunos revelaram dificuldades na produção escrita, interpretação/leitura, gramática, construção de frases e ortografia. Na disciplina de matemática, dez alunos manifestam dificuldades na resolução de situações problemáticas, algoritmos (sobretudo divisão), calcular a área, utilização do compasso. Os alunos, na sua grande maioria, revelam hábitos de leitura ainda que, haja alunos que leem pouco.

Ao nível do comportamento, este foi considerado satisfatório, salientando-se pela negativa um aluno com um comportamento impulsivo e agressivo, no relacionamento com os colegas. Também se destacam um grupo de seis alunos que por vezes procuram desestabilizar as aulas com comportamentos inadequados ao contexto sala de aula. Como estratégias para melhorar o comportamento da turma, destacam-se as seguintes: apelar ao cumprimento de regras, alterar a planta da sala e, em alguns casos, afastar o aluno da turma, de forma a dialogar individualmente com ele com calma, fora da presença dos outros alunos.

⁸⁸ *Ibidem.*

No âmbito da disciplina de EMRC, a turma teve aula à terça-feira, no terceiro tempo da manhã, das 10h35 às 11h20. Neste dia os alunos iniciam as atividades letivas pelas 8h e 15m e terminam-nas pelas 17h. Os alunos revelam um bom nível cultural e revelam alguns conhecimentos no âmbito da disciplina, embora muitos deles nunca tenham tido a disciplina de EMRC, no primeiro ciclo, como foi constatado através de diagnóstico oral. Os alunos da turma são, em geral, pontuais, empenhados, trabalhadores e muito participativos, no entanto, destaca-se um aluno que manifesta alguma resistência em realizar as tarefas propostas. O comportamento desajustado deste aluno, parece revelar uma grande necessidade de chamar a atenção.

Na maior parte das aulas os alunos são calmos, mas, por vezes, alguns revelam um comportamento agitado, sobretudo à chegada à sala de aula. Destaca-se que ao longo do primeiro período a turma tem vindo a mostrar-se cada vez mais agitada, o que tem sido alvo de especial atenção por parte do conselho de turma. Os alunos têm demonstrado mais interesse por conteúdos que são mais familiares à sua realidade, sendo nestas alturas muito mais participativos. Revelam mais interesse e receptividade por atividades dinâmicas, parecendo ser a melhor forma para a consolidação dos conteúdos.

Ao nível religioso, uma parte dos alunos consideram ser católicos, participando de forma mais ou menos ativa na sua comunidade paroquial, demonstrando conhecer os valores éticos e culturais do cristianismo.

3. Lecionação da Unidade Letiva 1 (UL 1), *Viver juntos*

Lecionar o saber específico da disciplina de EMRC requer do professor ter presente que a transmissão do conhecimento e o desenvolvimento das competências, decorrentes das finalidades, enunciadas a partir do múnus da Igreja, permitem afirmar que o

“saber religioso é, antes de mais, um grande relato, uma visão específica – do mundo, de Deus e do homem -uma descrição, dinâmica e histórica a um tempo, dos eixos fundamentais da realidade. É uma grande representação simbólica do universo, da história e do sentido da vida”⁸⁹,

que requer um *“ambiente de aprendizagem produtivo caracterizado por um clima geral em que os alunos têm sentimentos positivos”⁹⁰* e responde às necessidades dos alunos por lhes desenvolver as competências de grupo e interpessoais necessárias à realização das exigências escolares,⁹¹ sociais, culturais e espirituais.

Transmitir o saber religioso requer um ambiente de aprendizagem positivo e uma motivação que origine nos alunos a vontade de progredir no desenvolvimento dos conhecimentos e das competências, pelo que, *“o professor é o instrumento didático mais forte para isto! Não é o videoprojector, o quadro, os papeis ou a apresentação em PowerPoint.”⁹²* e assim, é fundamental que este tenha o espírito proclamado por Pam Brown, no decurso da lecionação da unidade letiva, ao afirmar *“Aquieta a tua mente, aquieta o teu coração, deixa que a paz te envolva”⁹³.*

⁸⁹ P. Querubim José Pereira da SILVA, “O saber religioso, fator de cultura e educação, in, SNEC, *Forum de EMRC*, SNEC, Lisboa 2005, p.23.

⁹⁰Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.110.

⁹¹ Cf. *Ibidem*.

⁹² Manfred SPITZER, *Aprendizagem, neurociências e a escola da vida*, Climepsi Editores, Lisboa 2007, P.176

⁹³ Joaquim Dias NOGUEIRA, *Memórias de um beirão da zona do pinhal*, Várzeas da Rainha Impressora, Óbidos 2015, p.13.

3.1. Introdução à UL 1, *Viver juntos*

Tendo em conta os vários elementos determinantes do percurso a efetuar, o tempo disponível, a particularidade de termos de, em ano de PES, ser avaliados num conjunto de aulas predeterminadas e em diferentes unidades letivas, optamos por manter a sequência apresentada no programa, por permitir uma organização mais coerente dos tempos e participação de ambos os estagiários no processo educativo. Assim, no primeiro período lecionámos a UL1, *Viver juntos*, para a qual foram reservadas sete aulas (sete aulas), sendo que o professor cooperante, reservou três (3) aulas, no início do ano letivo, para construção de portfólio e introdução geral ao 5.º ano de EMRC, de modo a contextualizar a participação dos professores estagiários no processo educativo/formativo da disciplina de EMRC. Deste modo, foi necessário ajustar a planificação à situação concreta, própria da prática pedagógica partilhada, em ano de estágio pedagógico (PES).

Portanto, decorrente do constante reajuste, fruto das mudanças que se vão verificando, acabámos por reservar para lecionar a UL1, *Viver juntos*, sete aulas (7), de modo a articular coerentemente os conteúdos, as estratégias e os objetivos, no sentido de desenvolvermos e alcançarmos as metas previstas para a UL1. As metas previstas no programa de EMRC para a UL1, *Viver juntos* são: B, F, P e G, ou seja, (B) – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; (F) – Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas; (P) – Identificar o fundamento religioso da moral cristã; e (G) – Identificar os valores evangélicos, sendo que o professor tem autonomia e competência (função) executiva para selecionar as metas que pretende desenvolver e alcançar na sua prática letiva, ele é o professor o gestor do programa e da sala de aula e, é quem detém o conhecimento do grupo turma para verificar a exequibilidade das metas propostas no programa num modo maximalista. Por constatarmos que as metas se apresentam em adequação correta aos conteúdos apresentados para as metas (B) – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; (F) – Conhecer a mensagem e a

cultura bíblicas; (P) – Identificar o fundamento religioso da moral cristã; e (G) – Identificar os valores evangélicos, e por termos um grupo turma (5.ºB) muito bom e com muito potencial, decidimos incorporar na planificação da UL1, *Viver juntos*, a totalidade das metas presentes no programa e os respetivos conteúdos que foram objeto de tratamento adequado durante a lecionação dessa unidade.

Assim, os temas a lecionar foram divididos do seguinte modo: aula 1 – Mudar faz parte da vida; aula 2 – Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior, Gn 12, 1-8; aula 3 – Os grupos a que pertencemos; aula 4 – Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade; aula 5 – A Aliança: condição facilitadora e fidelidade à palavra dada; aula 6 – Entrega e correção da ficha de avaliação; e aula 7 – Querer viver de forma pacífica com os outros. A igual dignidade das pessoas - A fidelidade à palavra dada.

Como é facilmente perceptível, se confrontássemos a planificação inicial com o teor dos relatórios de avaliação, a planificação apresentada não corresponderia totalmente à execução do planificado, pelo que foi necessário ajustar os conteúdos ao tempo necessário para a sua transmissão/aquisição, tendo passado a lecionar sete aulas (7), o que levou a modificações na planificação que se apresenta neste trabalho. Corrigir, adaptar e modificar é uma constante da prática letiva, pelo que, enquanto gestores do programa, fomos adaptando a planificação às necessidades sentidas ao longo percurso efetuado. Com base na reflexão crítica e dos dados/informações fornecidas pelo professor cooperante, fomos fazendo os ajustes necessários, de modo a dar coerência à transmissão dos conteúdos ao longo das sete (7) aulas lecionadas, bem como à perceção com que fomos ficando sobre a aquisição dos conteúdos por parte dos alunos.

A presente unidade letiva, atendendo aos seus conteúdos (anexo 8), apresenta-se como introdução a um itinerário que engloba aspetos essenciais da vida dos alunos e dos cidadãos, que coabitam num mesmo espaço público, que começa na escola e se estende aos demais

espaços da vida social,⁹⁴ incluindo mesmo a vida privada dos alunos no espaço familiar. O ser humano é por natureza um ser social e, aprende a viver em sociedade no contacto direto com os outros, nomeadamente na vida familiar e escolar. O humano forma-se no contacto com o humano, pelo que, é nesta interação que se constrói e edifica a pessoa como verdadeiro ser humano, que pela graça divina, o capacita de um PLUS que o faz ser. Desde o acolhimento, ao *empalavramento*⁹⁵ há uma edificação que se constrói pela imitação do mais nobre da pessoa: a sua humanidade. Humanidade essa, descoberta e tornada consciente mediante a relação com o outro na alteridade e abertura ao transcendente que se torna presente na história.⁹⁶

A mudança é hoje, mais do que nunca, uma presença constante na vida das crianças, dos jovens e dos adultos, pelo que, essa constante vertigem do novo, requer uma capacidade de adaptação e alguma serenidade e confiança, perante esse turbilhão com que a vida contemporânea nos presenteia. Será esta mudança constante na vida das crianças e jovens motivo de crescimento sereno e tranquilo? Ou será uma das causas de uma certa ansiedade presente nos jovens? O facto de estas dimensões estarem muito presentes na vida das nossas crianças, (divórcios 70%)⁹⁷, tutela e vida partilhada, com o pai, a mãe, os avós, ou outros; mudança de casa e de família; mudança de cidade ou localidade, por questões laborais; mudança de escola, (que acarreta novas exigências e novos hábitos) requer da escola em particular e da educação em geral, um olhar atento na preparação das condições de adaptação a esta realidade cada vez mais presente no tecido social.

⁹⁴ Mendo HENRIQUES, *Educação para a cidadania*, Plátano Editora, Lisboa 1999, p.15. “...a cidadania principia por colocar e responder a questões básicas sobre as razões que levam seres humanos – agrupados por laços de parentesco de solidariedade – a associarem-se em comunidades políticas. Quando o poder político estabelece direitos individuais, surge uma comunidade de cidadãos. Quando esta estabelece um regime democrático, cria os processos institucionais para assegurar a participação universal na vida pública, assegurando proximidade ao cidadão, legitimidade do poder e responsabilização dos governantes”.

⁹⁵ Com isto quero significar o ato de dotar o sujeito aprendente da capacidade de dizer o mundo, socorrendo-se da palavra/linguagem, adquirida por meio da cultura na interação social.

⁹⁶ Juan AMBRÓSIO, *Dimensão religiosa e condição humana*, para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015, p.2. diz “...alguém que ainda não fala e de que não é capaz de expressar-se, para passar a ser progressivamente um ‘empalavrador’ de si mesmo e da realidade”.

⁹⁷ <http://www.pordata.pt/Portugal/N%C3%BAmero+de+div%C3%B3rcios+por+100+casamentos-531>, consultado a 01/05/2017.

A UL1, *Viver juntos*, no âmbito específico da disciplina de EMRC, é um excelente momento de treino de acolhimento do outro (as competências treinam-se para adquirir e desenvolver alguma coisa), ajudando-o a enfrentar os seus medos e as suas angústias com coragem, perseverança e confiança, necessária para vencer os desafios que se colocam às crianças nesta idade. Perceber a mudança e o que ela comporta, é meio caminho andado para a resolução dos problemas que ela possa trazer. A perspetiva cristã e a apresentação da caminhada de Abraão é uma excelente situação existencial, que confronta as crianças e jovens com o tema da mudança, presente na vida, dando-lhe um novo sentido e uma finalidade, que nem sempre está presente na consciência das crianças e jovens.

Ser criança é pertencer a um grupo e a uma faixa etária em forte desenvolvimento,⁹⁸ o que acarreta novos desafios que requerem um conjunto de normas e valores importantes no nortear da ação e que são um precioso contributo para a formação de bons homens e cidadãos competentes e felizes.⁹⁹

Esta unidade permite-lhes fazer essa caminhada, descobrindo e construindo um universo de significados, que só o viver e pensar juntos pode aclarar, pelo que, consideramos que neste contexto, a descoberta da pertença a grupos e descoberta da existência de grupos que se orientam e orientaram por valores¹⁰⁰ presentes na Bíblia e que encontram eco profundo no coração humano, ajudam a serenar o espírito humano. Ser fiel a uma palavra requer o assentimento do seu valor, enquanto mapa norteador da ação e, no caso concreto, pelo modo

⁹⁸ Bártolo Paiva CAMPOS (Coordenador), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa 1990, p. 57. “A ação do sujeito contribui para a construção do conhecimento. Construtivismo significa que `As estruturas operatórias da inteligência não são inatas. Desenvolvem-se laboriosamente durante os primeiros 15 anos de existência, nas sociedades mais favorecidas... Testemunham, assim, uma construção real e procedem por degraus, sobre os quais é necessário reconstruir os resultados obtidos no nível anterior antes de alargar e construir de novo”. Piaget, 1977, p.99.

⁹⁹ Bártolo Paiva CAMPOS, “Introdução”, in Bártolo Paiva CAMPOS (Coordenador), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa 1990, p.15. “Tendo em conta as mudanças corporais e cognitivas iniciadas na passagem da infância para a adolescência e as expectativas sociais que a sociedade vai manifestando de modo cada vez mais preciso ao longo desta, costumam enunciar-se alguns objetivos a atingir durante este período etário que constituem autênticas tarefas de desenvolvimento para os adolescentes e jovens”.

¹⁰⁰ Mendo HENRIQUES, *Educação para a cidadania*, Plátano Editora, Lisboa 1999, p.107. “A participação na democracia dos cidadãos é indispensável uma vez que é dos cidadãos que emergem os atos constitutivos de uma comunidade nacional pacífica, justa e com qualidade de vida”.

como os alunos absorveram e assumiram essa palavra, é nossa convicção que descobriram valores muito importantes para uma vida em sociedade e em comunidade, que exigem uma adesão e corresponsabilização pelo outro.

Deste modo, em termos metodológicos, procurámos envolver os alunos em atividades que requeressem a sua participação e a sua ação, para que, a partir da experiência e do significado que lhes atribuem, retirassem, (aquisição/assimilação/equilíbrio/acomodação = adaptação), os conhecimentos verdadeiramente significativos que passaram a fazer parte da bagagem cultural dos alunos, que os ajudará ao nível do agir humano, e que, em alguns, os ajudará a melhor viver como cristãos na cidade, adaptando-se ao mundo em que vivem, na sua condição humana de situação urbana,¹⁰¹ pois, hoje, cada vez mais a vida se desenvolve com os outros na cidade a quem é preciso chegar, a quem também é preciso chegar (problema do cristianismo para não cristãos).

Pelo comportamento empenhado, atento e participativo, e, pela avaliação efetuada ao longo da UL1, *Viver juntos*, concluímos que as estratégias adotadas e o uso dos materiais escolhidos se adequaram aos objetivos propostos para esta unidade letiva, a partir dos quais foi possível levar os alunos a apropriarem-se dos conteúdos específicos da disciplina de EMRC. Assim, entendemos que as metas B, F, P e G foram alcançadas pela maioria dos alunos do grupo turma. Este aspeto será analisado com maior detalhe no item teste/avaliação, atendendo aos resultados obtidos.

Com base na avaliação e reflexão efetuada em conselho de turma, sobre o grupo turma do 5.º B, foi decidido, tendo em conta um conjunto de particularidades dos alunos (défice de atenção, agressividade, alunos ao abrigo do Decreto Lei n.º 3/2008, terapia da fala, etc.) adotar estratégias que sensibilizassem para o respeito do outro e que promovessem a cooperação e a

¹⁰¹ José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade*, in, Sérgio BASTIANEL (coordenador), *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013, p.137.

tolerância entre o grupo. Para se conseguirem esses objetivos, entendeu-se dar especial atenção ao cumprimento das regras de sala de aula e do ideário dos Salesianos de Manique, de modo a fazer cumprir o Regulamento Interno (R.I.), Art. 85 ao Art. 88, assumindo assim, um maior compromisso para com o respeito ao próximo e aceitação do outro. As metodologias ativas utilizadas em contexto de sala de aula foram ao encontro desta intenção de participação e cooperação dos alunos a partir dos seus direitos e deveres, fomentando a participação de todos os elementos nas atividades propostas, promovendo a sua inclusão no grupo turma, originando um ambiente sadio de tolerância para os alunos menos populares ou com um grau de menor aceitação pelos seus pares.

3.2. As aulas lecionadas para a UL1, *Viver juntos*: um percurso (Anexo 19)

Na primeira aula, número quatro o sumário foi “Apresentação da UL 1 e do trajeto a efetuar ao longo do ano letivo. A mudança como fator de crescimento e enriquecimento pessoal. Leitura do texto: *Aprender a estudar*.”

Pretendíamos valorizar a mudança como condição do crescimento humano. Conteúdos – Mudança, uma constante da vida. Estratégia: Leitura de texto e apresentação de PPT como suporte à aula. Apresentação da atividade: *caixa de memórias e estendal dos afetos*.

Após lecionada a aula número um, referente à UL 1, *Viver juntos*, constatou-se que a aula planificada não correspondeu totalmente à aula lecionada, tendo o registo dos três sumários em atraso ocupado tempo substancial da aula, (cerca de vinte minutos) o que ocasionou uma readaptação da planificação à aula, obrigando à supressão da realização da atividade o *estendal dos afetos*, por manifesta falta de tempo. Assim, procedeu-se à apresentação aos alunos do itinerário a efetuar durante o ano letivo, com base num suporte PPT, bem como se apresentou o conceito de mudança, ponto fundamental escolhido para a aula. Tal como planificado, foi lido

pelos alunos o texto de Ary dos Santos, *Aprender a estudar*, embora sem a devida exploração, em virtude de estarmos já no término da aula.

No entanto, e dada a importância que colocámos na estratégia da construção/realização de uma “caixa das memórias”,¹⁰² de modo a colecionar/confecionar um conjunto de recordações positivas ao longo do ano letivo, com o intuito de realçar a importância da memória na história pessoal, resultante da vivência coletiva numa vida em grupo e da importância do cuidado do outro, ainda foi possível lançar o desafio da construção da “caixa das memórias”, de modo a colecionar/confecionar momentos e recordações verdadeiramente positivas e significativas, num ano de profundas transformações dos alunos.

Assim, foi necessário fazer uma readaptação ao plano de aula que obrigou a ajustar a planificação do plano de aula número dois, do dia 18/10/2016, de modo a operacionalizar a estratégia relativa à elaboração de etiquetas para o *estendal das intenções*, a partir do qual os alunos formaram, por escrito, as suas intenções de crescimento pessoal num bilhete, para o presente ano letivo. O projeto geral dos Salesianos, *Desafia-te a fazer maravilhas!*, encontra nesta proposta um eco à melhoria no crescimento pessoal que deve levar à transformação da pessoa e da sociedade. A mudança está presente em cada pessoa sempre que se predispõe a tal, sendo esta atividade, não só o motor desse crescimento e manifestação objetiva do crescimento e suas memórias, mas também fonte reveladora do “cuidado do outro” resultante do empenho e compromisso de cada aluno individualmente e da turma, enquanto grupo.

Na segunda aula o sumário foi: “A caminhada de Abraão. Visionamento de um vídeo”.

¹⁰² Caixa das memórias: desafio lançado aos alunos para em casa construírem uma caixa (dos sapatos ou outra) para guardar vários artefactos (papéis, objetos, bilhetes de cinema, emoticons, flores de papel, corações, papel de rebuçado, prata de chocolate) que se relacionem com uma lembrança positiva que alguém lhes proporcionou. Ao longo do ano os professores darão aos alunos alguns objetos/lembranças que simbolicamente lembrem esses momentos positivos e felizes, presentes na construção/desenvolvimento da sua identidade. Se o ser humano é muito daquilo que diz e daquilo que faz, então se fizermos coisas boas e as guardarmos como memórias positivas, estaremos a cuidar melhor de nós e dos outros e a construir uma identidade com base em memórias positivas reveladores da prática do bem no cuidado do outro.

Nesta aula pretendemos valorizar a mudança como condição do crescimento humano de maneira a identificar a figura de Abraão como modelo de uma pessoa em caminho. Os conteúdos apresentados foram: a mudança, uma constante da vida de Abraão; Abraão modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior. As estratégias utilizadas foram o visionamento de um pequeno filme/flash, sobre o chamamento de Abraão e registo escrito num papel dos propósitos de mudanças, com os quais se construiu o *estendal dos afetos*. Também pedimos aos alunos para registarem numa gota de água um aspeto em que sentissem que tinham mudado no último ano, tendo-lhes sido apresentado alguns exemplos no PPT suporte à aula. Esta atividade ficou para realizar na aula seguinte.

Após lecionada a aula dois, referente à UL1, *Viver juntos*, constatou-se o seguinte: a aula planificada correspondeu à aula lecionada, embora tenhamos deixado uma atividade para realizar na aula seguinte. (TPC)

Tal como planificado, foi retomado o tema sobre o conceito de mudança e suas implicações, tendo-se elaborado o *estendal dos afetos*. Durante a atividade verificou-se que os alunos participaram com empenho e entusiasmo, produzindo frases interessantes, acerca das suas propostas de melhoramento pessoal. Depois de preenchidos os bilhetes, os mesmos foram recolhidos, tendo-se construído o estendal no final da aula, o qual foi afixado no placard da turma, onde ficou exposto.

Relativamente à apresentação de Abraão, como modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior, foi visionado um vídeo sobre o tema. O mesmo revelou-se uma opção muito válida, pois os alunos, a partir do vídeo perceberam o seu percurso e caminhada até à terra de Canaã. Após o visionamento do vídeo e de uma forma dialógica, fomos apresentando os dados acerca da biografia de Abraão, presente em Génesis 12, 1-8, com a ajuda e suporte de um PPT, permitindo mostrar a importância dos grupos no crescimento e desenvolvimento pessoal.

Para a próxima aula ficou a atividade de escrever numa gota de água a maior mudança constatada por cada aluno no seu crescimento e que ficou registada por escrito nessa gota, de modo a ser colada numa cartolina (oceano) simbolizando o grande grupo da humanidade e os grupos de que fazemos parte que estão representados nesse “oceano”, representado pelas muitas gotas que o formam.

Na terceira aula, número seis, o sumário foi: “Os grupos a que pertencço. Elaboração de cartaz”.

Nesta aula tivemos como objetivo valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento. Os conteúdos foram: os grupos onde me insiro; as características dos grupos; a integração nos grupos e critérios éticos para a seleção dos grupos. As estratégias consistiram na elaboração de um cartaz e na construção de uma *emoticons* a partir de tampas de garrafas para oferecer a um colega. Esta tarefa foi realizada em casa. Também utilizámos como estratégia a leitura do texto do manual - *Uma terrível sanção*, p. 22 e 23, seguida de um momento de *brainstorming* sobre a vida em grupo e suas características.

Esta aula tinha como objetivo valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento, pretendendo-se com isso transmitir a noção de grupo, suas características e valores. Assim, no início da aula fizemos uma breve síntese da última aula, para perceber se os alunos ainda se lembravam do que nela tinha sido dado. Pelas respostas dadas, podemos inferir que os alunos adquiriram os conteúdos programados. De seguida, e com base nas respostas dadas nas etiquetas presentes no *estendal dos afetos*, apresentámos seis respostas dadas pelos alunos, elogiando as frases produzidas, que vão ao encontro do desafio anual das escolas salesianas “*Desafia-te a fazer maravilhas*”. Já que ***Mudar faz parte da vida!*** e com base na questão colocada por nós: *E eu, como pretendo crescer neste ano?* Os alunos deram as seguintes respostas, que seleccionámos para apresentação no PPT suporte à aula:

- “*Ser mais responsável com os trabalhos de casa*”.

- *“Estar mais concentrada e atenta este ano”.*
- *“Quero desenvolver mais os meus laços de amizade com Deus e com os outros”.*
- *“Ajudar os outros quando eles precisam”.*
- *“Eu pretendo preservar melhor o ambiente apanhando o lixo que está no chão”.*
- *“Posso melhorar o meu comportamento em sala de aula e com a sociedade, mais a atenção, mais prática e vou melhorar os meus laços com quem gosto.”*

A atividade *estendal dos afetos* procurava potenciar as intenções e propósitos dos alunos para este ano letivo, ao nível do seu crescimento pessoal, num contexto de mudança de ciclo e das suas vidas em crescimento. Assim, aproveitámos a última frase para os *desafiar* a fazer um salto de qualidade nas suas vidas, ao nível das relações interpessoais, na medida em que a frase diz *“Posso melhorar o meu comportamento em sala de aula e com a sociedade, mais atenção, mais prática e vou melhorar os meus laços com quem gosto.”*, propondo-lhes que, à imagem de Jesus Cristo devem melhorar os laços de amizade com todos, mesmo com aqueles de que não gostam. A partir deste exercício, instámos-os a trocarem com o colega de carteira uma tampa de garrafa (*emoticons*), que lhes demos no início da aula e que levaram para casa, para decorar e, que será objeto de troca com o colega de trás, na mesma fila, logo que esta esteja feita, de modo a ser guardada na *caixa das memórias*, evidenciando o cuidado e empenho que é necessário ter no dia a dia, para deixar boas recordações no outro. *Cuidar do outro* é sempre uma tarefa a desenvolver e nunca terminada, pelo que proporciona uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento pessoal nesta caminhada conjunta.

Depois dessa distribuição das tampas e como tinha ficado uma atividade da última aula por realizar, pedimos à delegada e subdelegada de turma para distribuir a gota de água em cartolina a cada aluno da turma, para que os mesmos escrevessem nela, um aspeto pessoal em que achassem que tinham crescido, mudado, relativamente ao último ano. Realizaram esta atividade sem grande dificuldade.

Depois, a partir da leitura do texto da página vinte e dois e vinte e três do manual, efetuada pelos alunos, através do diálogo e acompanhados pela apresentação de um PPT, chegaram à definição de grupo, não deixando nenhum dos aspetos sobre a mesma por mencionar. De seguida, aquando da apresentação da noção de grupo e suas características, distribuámos um dístico com os valores da verdade, transparência, esforço, trabalho, cooperação e ajuda, para que em casa cada um dividisse e pintasse cada valor com a percentagem que lhes parecesse mais adequada e importante para a vida em grupo.

Apesar de a aula ter decorrido bem, não foi possível cumprir a planificação na totalidade, pois ficaram por apresentar os diferentes tipos de grupos existentes e suas características, pelo que optámos por fazer a síntese da aula, não acabando a apresentação do PPT que estávamos a usar.

Na quarta aula, com a lição número sete, o sumário foi: “A Aliança de Deus com a humanidade. Visionamento de vídeo”.

Tivemos como objetivos para esta aula interpretar textos sobre a Aliança e fazer uma breve revisão sobre os conteúdos lecionados. Os conteúdos para o teste escrito foram os das últimas aulas e o conceito de Aliança presente na Bíblia em Génesis 9, 8-13, Génesis 15 e Deuterónimo 5, 1-33, objeto de avaliação no teste a aplicar a toda a escola no dia catorze de novembro aos alunos do 5.º ano. Nesta aula foram apresentados aos alunos um conjunto de informações/conteúdos relevantes sobre a Bíblia, sua história, sua estrutura e composição, bem como os alunos foram ensinados a consultar a Bíblia, atendendo à sua divisão em livros, capítulos e versículos. A introdução dos conteúdos referidos deveu-se à ignorância dos alunos, quanto a este tema, em virtude de a maioria deles não ter tido a disciplina de EMRC, no primeiro ciclo e pelo facto de alguns deles nunca terem tido catequese. A inserção destes conteúdos na planificação e na prática letiva, surgiu de uma recomendação feita pelo professor cooperante, que foi executada por concordarmos com a mesma.

Para esta aula tínhamos como objetivo apresentar um volume considerável de conteúdos suscetíveis de virem a ser objeto de avaliação no teste, que está estipulado ser universal a todos os alunos da ESM, pelo que apresentámos desenvolvidamente os diferentes grupos de que os alunos fazem parte, família, turma e aqueles de que podem participar por livre escolha (catequese, escuteiros, ginástica), com base nos valores, gostos e interesses. Assim, foram tratados os seguintes temas: os grupos; características dos grupos; integração nos grupos; critérios éticos de seleção dos grupos. Extraprograma, apresentámos algumas noções sobre a Bíblia e sua estrutura, referindo a sua importância para as comunidades crentes em Deus, a partir da experiência de fé vivida por Abraão, Moisés e os profetas, bem como explicámos o modo como a mesma está dividida. Foi igualmente objeto de explicação a consulta de uma citação bíblica, expondo a noção de abreviatura, capítulo e versículos, presentes na Bíblia, referentes aos diferentes livros. Também foi desenvolvida a noção de Aliança, presente na apresentação do texto bíblico em Gn 9, 8-13. Durante a aula apresentámos aos alunos um pequeno vídeo (dois minutos) referentes ao conteúdo “Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade.” Feita a apresentação dos conteúdos com o suporte de um PPT, distribuímos uma folha A4 com referência às páginas e conteúdos relativos aos conteúdos lecionados nas aulas anteriores e que foram objeto de avaliação dos conhecimentos no teste realizado no dia catorze de novembro.

Na quinta aula com a lição número oito o sumário foi: *Os Dez Mandamentos. Visionamento de vídeo e atividade prática.* Para esta aula tínhamos como objetivos levar os alunos a interpretar os textos bíblicos sobre a Aliança Gn 15, 18 e Dt 5, 1-33 e fazer com que reconhecessem as implicações da Aliança na vida quotidiana. Os conteúdos foram os relativos à Aliança estabelecida entre Deus e Moisés (e a humanidade) no monte de Sinai, levando os alunos a reconhecer as implicações dessa Aliança na vida quotidiana do seu povo. Desta Lei da Aliança e dos seus Mandamentos emanam um conjunto de valores fundamentais para uma

convivência pacífica entre as pessoas. Dos valores presentes nos Dez Mandamentos, realçámos os seguintes: paz, justiça, bondade, amor respeito, cooperação, diálogo, a partir dos quais foi elaborado um cartaz, síntese da aula. As estratégias principais escolhidas para a aula foram a leitura de texto; o visionamento de vídeo e a seleção de imagens.

Esta aula foi objeto de avaliação didático/pedagógica pelo que, para além da presença habitual do professor cooperante, contou também com a presença do avaliador dos estagiários, que no final da aula reuniu com o núcleo de estágio a fim de fazer a avaliação da mesma, tendo sido apresentadas algumas sugestões de melhoramento da prática letiva.

O objetivo para esta aula era dar a conhecer aos alunos o texto bíblico de Dt 5, 1-33, de modo a permitir fazer a interpretação do texto bíblico sobre a Aliança, presente no Antigo Testamento. Assim, começámos por apresentar um pequeno vídeo (1 minutos) sobre a Aliança inicial, presente na Criação e mais tarde reassumida com Noé em Gn 15. Após o seu visionamento, demos a palavra aos alunos de modo a que os mesmos transmitissem a sua perceção acerca do filme visionado. Após isso, efetuámos a leitura do texto presente no manual referente a Dt 5, 1-33 que foi objeto de leitura alternada, por parte de seis alunos. Terminada a leitura partilhada do texto, passámos novamente um curto filme (2 minutos) de modo a evidenciar a missão a que Moisés fora chamado, por iniciativa de Deus, para estabelecer uma Aliança entre o povo hebreu e o seu Deus, o que, depois de terminado foi objeto de diálogo com os alunos, para que expusessem as suas opiniões sobre o tema retratado no vídeo. Após esse diálogo, foi apresentado um pequeno excerto do filme “Os Dez Mandamentos” com cerca de seis minutos, para evidenciar a entrega das Tábuas da Lei por Deus a Moisés, tendo, de seguida, sido distribuídas dez imagens em folha A4, com referência a cada um dos Dez Mandamentos. Pretendeu-se que os alunos os identificassem, lessem e explicassem, findo o que os afixaram nas Tábuas da Lei, penduradas no quadro.

Depois da sua apresentação e respetiva identificação, os alunos sentaram-se, fazendo-se uma breve síntese da aula.

Na sexta aula com o número nove o sumário foi: “Entrega e correção da ficha de avaliação.” O objetivo para a aula foi fazer a correção do teste de avaliação e prestar esclarecimentos/informações pertinentes, sobre os conteúdos, com base nos resultados obtidos. Os conteúdos são os inerentes ao presente instrumento de avaliação.

Esta aula serviu para fazer a entrega e correção dos testes de avaliação. A correção do teste foi sendo feita com base na apresentação de um PPT, que foi sendo mostrado. Durante a correção do teste escrito fomos fazendo a leitura das questões e explicando o que se pretendia que os alunos tivessem respondido. Após essa explicação, os mesmos copiaram para o caderno (portfólio) as respostas corretas, relativas a cada uma das questões. Constatámos que a questão cinco do primeiro grupo (Mudar faz parte da vida) continha um elevado número de respostas erradas, pelo que, aproveitámos a correção para reforçar os conteúdos, relativos à vida de Abraão e sua viagem a partir de Ur, de modo a que os alunos percebessem o seu erro e retivessem os conteúdos corretos, relativos à situação de mudança, pela qual Abraão tinha passado na sua longa viagem até ao Egito. Este ato faz parte da avaliação corretiva que se integra no *feedback* a dar ao aluno, após a avaliação. Durante a correção, notámos que um aluno estava com dificuldades em fazer a leitura correta do que deveria passar para o caderno, pelo que fomos junto do mesmo ajudá-lo a passar para o caderno o registo da correção do teste referente à questão em causa. Fruto da lentidão de alguns alunos, no registo no portfólio da correção ficaram duas questões por corrigir, as quais foram objeto de correção e registo escrito na aula seguinte. Como professores não poderíamos ter feito muito diferente daquilo que fizemos para que os alunos copiassem mais rapidamente para o portfólio a correção do teste, já que a aula decorreu em ambiente calmo e tranquilo, não tendo havido barulho ou outras interrupções que atrasassem o andamento do trabalho.

A sétima aula com o número dez teve como sumário: “A igual dignidade das pessoas. Elaboração de cartaz”.

Os objetivos selecionados para a aula foram: reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana e valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes. Os conteúdos apresentados aos alunos referem a Aliança e os valores essenciais para a convivência: colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade; a necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as consequências da sua não aplicação e, por último; querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e para a escola. Como estratégia principal para a aula, formulámos um momento de *brainstorming*, de modo a possibilitar aos alunos a escolha dos valores que entenderam ser essenciais para a vida em comunidade e sua convivência pacífica, acompanhada do preenchimento de um dístico com a seleção de cinco valores a incorporar na construção da aliança de convivência, presente no cartaz elaborado, com base na seleção dos alunos, onde estavam presentes os valores escolhidos. Revelou-se uma estratégia eficiente e eficaz que realçou a pertinência dos materiais escolhidos.

Começámos por apresentar o sumário, que foi objeto de registo no portfólio dos alunos, no separador número dois. Nesta aula, concluímos a correção do teste de avaliação, pois, os dois últimos exercícios tinham ficado por registar no portfólio dos alunos. Após isso, estabelecemos a ligação entre os Dez Mandamentos presentes na Lei da Aliança, fazendo a sua integração ao tema, “*A aliança, condição facilitadora da relação entre as partes*” e “*a igual dignidade das pessoas*”, estabelecendo a sua relação com “*a fidelidade à palavra dada*”. Para estabelecer esse vínculo distribuímos pelos alunos um dístico com nove valores, presentes nos Dez Mandamentos: 1- Amor; 2- Verdade (repetida no 8.º mandamento); 3- Santidade; 4- Honra; 5- Respeito; 6- Fidelidade; 7- Justiça; 9- Pureza e; 10- Humildade. A seleção dos presentes

valores foi efetuada pelo professor estagiário, após leitura do livro *Catecismo da Igreja Católica*, das páginas 398 à 534.¹⁰³ Depois de apresentar os valores presentes nos Dez Mandamentos, propusemos aos alunos que fizessem cinco cruzeiros no dístico apresentado, de modo a democraticamente fazermos o nosso compromisso (escolha) na defesa dos valores escolhidos e que passaram a fazer parte de um cartaz elaborado para o efeito, com o título: “*O nosso compromisso e fidelidade à palavra dada. 5.º B. Desafiamos-nos a fazer milagres*”, selando assim, neste cartaz, o propósito democrático, de respeitar estes valores, que ficaram expostos no painel da turma. Os valores mais escolhidos foram: Amor; Liberdade; Respeito; Justiça e Humildade. Para além destes cinco valores selecionados, com base nos Dez Mandamentos, o cartaz tem também presentes os valores da cooperação, compromisso e diálogo, que foram escolhidos previamente por nós, como base de trabalho e pressuposto para uma vida em grupo, os quais foram devidamente apresentados e explicados ao grupo turma.

3.3. Avaliação na UL1, *Viver juntos*

Com base nos resultados obtidos pelos alunos no teste de avaliação, podemos retirar algumas conclusões sobre o processo de ensino/aprendizagem. No entanto, a avaliação não se resume a quantificar as aprendizagens dos alunos.

Depois da avaliação efetuada, no caso concreto tratou-se de um teste de avaliação, pudemos retirar algumas conclusões. Já sabemos que os alunos e os pais esperam uma nota resultante dessa avaliação, mas mais importante do que o resultado é o processo, pois é nele que se operam as alterações que podem levar à melhoria das capacidades e conhecimentos do aluno.

Após a realização do teste escrito (Anexo 11) e depois de efetuada a correção do mesmo (Anexo 13), constatámos que, de um modo geral, os resultados foram muito positivos, pois,

¹⁰³ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993, p. 398 a 534.

conforme passaremos a expor, essa poderá ser uma das leituras a fazer dos resultados (anexo 10). Assim, com base na grelha de correção, constata-se o seguinte, com base nas classificações obtidas pelos alunos: de 0 a 19 -1; de 20 a 49 - 0; de 50 a 69 - 3; de 70 a 89 - 12 e de 90 a 100 - 14. Deste modo, 86,6% dos alunos obtiveram uma classificação entre 70 e 100%, e destes 46,6% obtiveram uma classificação superior a 90%; apenas 10% obtiveram uma classificação entre 50 e 69%. A merecer atenção e medidas suplementares encontra-se um aluno que obteve uma classificação inferior a 19% e que representa 3,3% do nosso universo. Assim, podemos concluir que os resultados obtidos permitem inferir que as aprendizagens têm ocorrido de um modo generalizado, bem como evidenciam o potencial da turma. Também os 3 alunos que ficaram entre o 50 e o 69% serão objeto de uma atenção mais direcionada à potenciação das suas capacidades.

Por outro lado, verificámos que a questão 5 do grupo 1 – *Mudar faz parte da vida*, carecia de avaliação corretiva, a qual foi efetuada aquando da entrega e correção do teste de avaliação, em virtude de haver um grande desvio entre a informação prestada aos alunos e as respostas dadas. Tal como refere Richard Arends “*Um segundo objetivo importante na avaliação é o de proporcionar um feedback corretivo aos alunos da maneira como estão a trabalhar*”.¹⁰⁴

Também é importante realçar que a avaliação efetuada através deste teste escrito de (anexo 11) teve por base o uso diversificado de técnicas de avaliação, quanto à sua estrutura, pois utilizámos questões de resposta aberta, lacunares (completar texto), verdadeiro/falso, escolha múltipla e associação, aumentando, com isso, a sua fiabilidade. (anexo 12)

¹⁰⁴ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.239.

3.4. A prática pedagógica na UL1, *Viver juntos: que desafios coloca*

*“Construir contextos de aprendizagem produtivos – locais onde os alunos tenham atitudes positivas para consigo e o seu grupo de turma e onde demonstrem um elevado nível de motivação para o sucesso e envolvimento nas tarefas escolares – é um processo difícil e complexo para a maior parte dos professores em início de carreira”.*¹⁰⁵

Conscientes das dificuldades motivacionais de um grupo em contexto letivo, e das expectativas que recaem sobre um profissional da educação na prática letiva, procurámos encontrar estratégias e metodologias adequadas à transmissão dos conteúdos/conhecimentos. De um docente competente e profissional, espera-se, melhor, exige-se, que tenha um repertório de práticas de ensino¹⁰⁶ e adote um certo *“número de estratégias e de processos que os professores estão preparados para utilizar”*¹⁰⁷ – que estimulem a **motivação** dos alunos,¹⁰⁸ de modo a que estes adquiriram as competências básicas, envolvendo-se no seu próprio processo de construção de conhecimento. Tendo em conta estes pressupostos, procurámos na lecionação da unidade letiva acima planificada, desenvolvida e lecionada, utilizar estratégias variadas, potenciadoras da atenção e da motivação de todos os alunos. Assim, usámos como auxiliar à transmissão do conhecimento/conteúdos as “novas” tecnologias da informação¹⁰⁹, das quais fizeram parte o computador, o *data-show*, a internet, pequenos filmes (*flash*)¹¹⁰. Sempre que

¹⁰⁵ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p.121.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p.13.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.35.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.121 e 122. “Construir contextos de aprendizagem produtivos – locais onde os alunos tenham atitudes positivas para consigo e o seu grupo de turma e onde demonstrem um elevado nível de motivação para o sucesso e o envolvimento nas tarefas escolares – é um processo difícil e complexo para a maior parte dos professores em início de carreira[...] Os motivos de sucesso manifestam-se nos professores quando estes se esforçam por fornecer uma boa instrução e agem como profissionais competentes. Os motivos afiliativos tornam-se importantes quando os alunos e os professores valorizam o apoio e a amizade dos seus pares. A motivação para a influência pode ser vista naqueles alunos que se esforçam por ter um maior controlo sobre a sua própria aprendizagem e naqueles professores que se empenham em ter uma palavra a dizer na forma como as escolas são dirigidas.

¹⁰⁹ Armando Rocha TRINDADE, *Introdução à comunicação educacional*, Universidade Aberta, Lisboa 1990, p.44-45. “Com o advento e a trivialização da tecnologia informática veio a aparecer nos anos 80 a menção, cada vez mais frequente em contexto educativo, de «novas tecnologias da informação» (NTI) aplicadas ao ensino”.

¹¹⁰ Armando Rocha TRINDADE, *Introdução à comunicação educacional*, Universidade Aberta, Lisboa, 1990, p.44. “O conjunto de meios que rapidamente se enumeraram, foi designado, a partir de certo momento indefinido, com a expressão de Meios Audiovisuais.”

possível e se evidenciou pertinente, procurámos envolver os alunos na abordagem aos conteúdos, de modo a que estes se sentissem integrados no processo de ensino aprendizagem, usando para isso micro pedagogias colaborativas¹¹¹ (ex. estendal das intenções; gota de água, onde os alunos escreveram numa palavra, um aspeto em que acharam que cresceram neste último ano e com as quais fizemos um cartaz, simbolizando o oceano, [gota= pessoa]; [oceano= grupo/humanidade]; [conjunto das gotas = grupo turma]); pelo que, nos esforçamos por motivar¹¹² todos os alunos nas atividades de aprendizagem. Procurámos, do mesmo modo, estabelecer uma boa relação com cada aluno e partir das suas experiências pessoais e conhecimentos prévios, para que a lecionação da unidade letiva fosse eficaz e fizesse sentido, atendendo a que são alunos que se encontram entre os 10 e os 12 anos, pelo que ainda têm fraca capacidade de abstração,¹¹³ requerendo muita exemplificação simples, com imagens, com pequenas “construções significativas”, que os envolva no processo de produção de conhecimento.

Consideramos que as estratégias planificadas e implementadas foram adequadas ao nível etário, maturidade, interesses e dificuldades dos alunos, e, foram orientadas, sempre que

¹¹¹ Maria de ASSIS, “Introdução; Porquê e como intervir no processo de ensino- aprendizagem” in Diana ALMEIDA (Coordenadora), *Ensaio entre arte e educação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2017, p.32-33. “Atitudes orientadas em função de objetivos previamente definidos, as micropedagogias pretendem promover o desenvolvimento de atitudes e de comportamentos essenciais à aprendizagem. E será importante realçar que não se trata de promover atitudes e comportamentos dos alunos apenas. O foco é plural, orientando-se para o aluno e para o professor, a nível individual, e para o relacionamento entre os vários agentes envolvidos neste processo – i.e., visa a relação não só entre os alunos, mas também entre estes e o professor. Concentração, atenção, escuta do outro, responsabilidade, respeito, sentimento de grupo (cumplicidade, solidariedade, espírito de equipa), curiosidade, iniciativa, singularidade, empenho e participação representam um conjunto de atitudes e de comportamentos comumente considerados essenciais aos processos de ensino-aprendizagem. Estes devem ser trabalhados e implementados na sala de aula sob a ótica da relação. A construção de estratégias pedagógicas a partir das micropedagogias implica sempre considerar a dinâmica da relação. Se eu quero que me oiçam, tenho de saber/escolher ouvir; se quero que me respeitem, tenho de saber/ escolher respeitar; se quero mudança, tenho de mudar.”.

¹¹² Manfred SPITZER, *Aprendizagem, Neurociências e a escola da vida*, Climepsi Editores, Lisboa 2007, p.175-176. “Acrescentamos ainda às indicações anteriores sobre a motivação o seguinte: a pessoa do professor é o instrumento didático mais forte para isto! Não é o videoprojector, o quadro, os papéis ou a apresentação em *PowerPoint*. Nenhum destes meios, mas sim um professor entusiasmado pela sua área, que ocasionalmente elogia os alunos e que talvez, também de vez em quando, lance um olhar afetuoso aos alunos, esse será o professor que conseguirá por os seus sistemas de recompensa em marcha.”

¹¹³ Cf. José Luís Pais RIBEIRO, “Desenvolvimento intelectual, in, Bárto Paiva Campos (Coordenador), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa 1997, p.63 “Um exemplo desta dificuldade pode ser exemplificado com uma pequena experiência. Se apresentarmos a uma criança um problema como este: ‘Edite é mais clara do que Susana (Ou mais loura); Edite é mais escura do que Lili (ou mais morena). Qual é mais escura – Edite, Susana ou Lili?, verificamos que a criança só o resolve quando atinge o estágio das operações formais”.

possível, numa perspetiva construtivista, original e criativa, fazendo apelo aos conhecimentos adquiridos pelos alunos em anos anteriores e noutras áreas curriculares. Procurámos partir da realidade e experiência de vida dos alunos, dos seus anseios, medos e expectativas, ou surpreendê-los pela novidade da perspetiva com que o assunto era tratado.

Sempre que possível, procedemos ao ensino pela descoberta, bem como explorámos muitas vezes as questões aprofundando-as, de modo a que a resposta surgisse dos próprios alunos. Valorizámos as capacidades de observação, de iniciativa, de responsabilidade e de crítica construtiva.

Promovemos o respeito pela escuta ativa das opiniões dos outros, intervindo sempre que necessário, de modo a fomentar a participação de todos, a partir do diálogo, e fizemos sentir a nossa presença por toda a sala, de modo a que os alunos se concentrassem e dessem maior atenção à aula. Ao longo do período, sentimos que existiu na sala de aula um clima de responsabilidade e disciplina, ainda que tenha sido necessário um acompanhamento muito próximo, mas favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

Verificámos que, no final da leção da unidade letiva, dois alunos se manifestaram mais desatentos do que no início do período, pelo que focámos uma maior atenção nestes alunos, de modo a alterar esse comportamento. No entanto, esta observação, a par de uma ou outra menos positiva, não põem em causa o bom desempenho geral da turma, o que, de algum modo, permite aferir o bom resultado das estratégias aplicadas nesta unidade letiva.

3.5. Conclusão da U L1, *Viver juntos*

Terminada a leção da UL1, enquanto alunos estagiários da PES, podemos afirmar que, desenvolvemos e aperfeiçoámos as nossas capacidades no âmbito da planificação dos conteúdos a partir do programa. Pensar a atividade letiva para um ano letivo num determinado

ano de escolaridade e para um ano específico, obriga a pensar a longo, médio e curto prazo, fazendo uma distribuição coerente dos conteúdos ao longo do ano letivo.

Para além das competências desenvolvidas, enquanto gestores de um programa, também desenvolvemos e aperfeiçoámos as nossas competências relativas a aspetos práticos do dia a dia da prática letiva. Para esse desenvolvimento sistemático das competências didático-pedagógicas, muito contribuiu o professor cooperante, Frederico Batista, que foi dando informações preciosas sobre como fazer um bom sumário ou como apresentar uma síntese da aula bem elaborada. Por outro lado, na utilização dos materiais de aula, com recurso ao uso das novas tecnologias de informação, foram sendo dadas pequenas sugestões, muito pertinentes, de modo a facilitar o processo de transmissão/aquisição dos conhecimentos, não desviando a atenção dos alunos do essencial.

Ao nível da planificação de nível quatro, aprendemos a planificar em linha, ou seja, a ajustar na planificação metas, objetivos, conteúdos e estratégias, de modo a conseguir fazer uma leitura coordenada e consequente, sobre a estratégia principal da aula a utilizar, na transmissão de determinado conteúdo. Essa metodologia constituiu-se como uma mais-valia operacional. Também desenvolvemos novas competências no âmbito da avaliação, pois o professor cooperante realçou a importância de utilizar diferentes tipos de questões de modo a melhorar a eficácia dos instrumentos de avaliação, ou seja, dos testes, enquanto instrumentos de avaliação. Para além destas questões metodológicas, o professor cooperante Frederico Batista, contribuiu para o desenvolvimento da objetividade nas questões formuladas e apresentadas nos testes escritos, bem como na participação oral dos alunos.

Relativamente à análise crítica da UL1 *Viver juntos*, e após efetuado o percurso letivo da unidade, vamos perceber da sua pertinência e possíveis modificações com base na avaliação/reflexão efetuada ao longo do percurso efetuado (sete aulas).

Como sabemos, a escola é o reflexo da forma como a sociedade se organiza no âmbito institucional, segundo objetivos que os seus membros pretendem atingir e que estabelece determinado tipo de relações. A escola tem na sua essência todo um conjunto de ensinamentos, formais e não formais, que não têm como objetivo único o conhecimento intelectual, tal como podemos constatar na referência à educação presente no Relatório Delors:

«Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.»¹¹⁴

A educação, neste caso a escolar, deve ter em conta que as aprendizagens feitas nos primeiros anos de vida, infância, adolescência e juventude, marcam decisivamente a forma de pensar e agir dos aprendentes, ao longo da sua participação na sociedade e há todo um conjunto de aprendizagens onde a relação com os outros é primordial. Neste contexto, o Eu envolve-se com o Tu e começa a discernir o que significa a relação para além do que conhece como o meio familiar e pares. Desta feita, o *Concílio Vaticano II*, na sua Declaração sobre a liberdade religiosa, tem uma palavra para os educadores sobre a importância da formação da pessoa humana:

«Pelo que este Concílio do Vaticano exorta a todos, mas sobretudo aos que têm a seu cargo educar outros, a que se esforcem por formar homens que, fieis à ordem moral, obedeçam à autoridade legítima e amem a autêntica liberdade; isto é, homens que julguem as coisas por si mesmos e à luz da verdade, procedam com sentido de responsabilidade, e aspirem a tudo o que é verdadeiro e justo, prontos para colaborarem com os demais.»¹¹⁵

¹¹⁴ Jacques DELORS, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, Edições Asa 1996, p.89.

¹¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *Dignitatis Humanae (DH)*, nº8

A dimensão relacional é fundamental na construção do Eu como pessoa. As aprendizagens que brotam da convivência com os outros irão ditar a forma como se vai inserir na sociedade futuramente, e o modo como vai interagir com eles. O conhecimento de valores que promovam as boas relações com os outros é a forma de criar atitudes verdadeiramente promotoras de uma maior colaboração na construção de uma rede de relações verdadeiramente humanas. Cada um toma consciência do seu lugar na comunidade a que pertence, pelo que:

«A pessoa torna-se consciente de si própria como alguém que participa do ser, que coexiste com outros e, portanto, como ser. O ser individual torna-se consciente de si como ser que é assim e não de outro modo. A pessoa diz “sou”. O ser individual diz “Sou assim.” “Conhece-te a ti mesmo” significa para a pessoa: conhece-te como ser; e para o ser individual: conhece o teu ser-assim. O ser individual, ao apartar-se dos outros, afasta-se do ser.»¹¹⁶

Como facilmente se percebe, na escola as crianças e jovens estão em constante relação não só com os seus pares, mas também com os adultos, nomeadamente os professores. Neste contexto, são trabalhadas as relações interpessoais, de modo formal em algumas disciplinas ou unidades curriculares e, de modo informal, com o regulamento da escola e a ação de professores, funcionários e alunos.

Analisando agora os conteúdos programáticos da UL1, *Viver juntos*, constatamos que o ser humano, na sua relação institucional escolar, é “forçado” a aprender a viver com os outros, sendo que essas relações interpessoais, não são só um fator promotor do crescimento e de mudança, na relação com um Tu que se me apresenta como alteridade, mas possibilita, também, a interiorização de um conjunto de valores essenciais para viver em sociedade. Deste modo, faz sentido dedicar uma aula ao tema da mudança, enquanto situação existencial que provoca desconforto e insegurança no seio do grupo. A apresentação de Abraão como modelo de pessoa em situação de mudança e que vive um processo de crescimento interior é muito pertinente.

¹¹⁶ Martin BUBER, *Eu e Tu*, Paulinas Editora, 2014, p.67.

No entanto, seria oportuno existir nesta primeira unidade uma aula destinada à apresentação da Bíblia e sua estrutura, pois os alunos não têm bases culturais para identificar citações bíblicas, pelo que o texto de Gn 12, 1-8, se apresenta como um texto excessivamente longo. Viver em sociedade equivale a viver em grupo e, é no seio do grupo que se aprende a estabelecer as relações adequadas com o outro, que funciona como um Tu no qual me reconheço.

A dimensão relacional é essencial para a construção do Eu como pessoa, pelo que faz sentido reservar uma ou duas aulas para o tema sobre os grupos, suas características, critérios éticos (valores e normas) para a escolha dos mesmos. Pela nossa experiência, é pertinente e faz sentido reservar duas aulas para estes temas, pois torna-se difícil concretizar as estratégias escolhidas para a transmissão destes conteúdos com um volume tão grande de informação a dar aos alunos. Não foi essa a nossa opção tomada na planificação, atendendo às condicionantes temporais e programáticas, em virtude de dispormos de poucas aulas para a totalidade dos conteúdos.

Finalmente, uma aula dedicada ao tema “Deus toma a iniciativa de estabelecer uma aliança com a humanidade” é manifestamente insuficiente para apresentar a perspetiva do encontro entre Deus e a sua criatura, que se abre à possibilidade de uma relação amorosa, baseada na confiança e no cumprimento da Lei, à qual o homem responde, partindo da sua vocação inscrita na interioridade humana, ou seja, no seu coração.

Viver em grupo, viver em sociedade, é fundamental para o desenvolvimento da pessoa, mas exige o reconhecimento das implicações da Aliança na vida quotidiana, pelo que se torna essencial, a partir dessa Aliança, reconhecer a dimensão facilitadora do viver conjunto, afirmando a igual dignidade das pessoas e que exige um compromisso pessoal de cada um.

Tendo sido destinadas sete aulas para esta unidade, verificámos que é pouco tempo para a transmissão dos conteúdos e sua avaliação, nomeadamente quando se coloca as estratégias

centradas nos alunos, pois escolhemos estratégias centradas em metodologias ativas (micropedagogias), como por exemplo as seguintes: elaboração de uma caixa de memórias, construção de um “estendal das intenções”; elaboração de um cartaz, com o título “As minhas mudanças”, em que os alunos foram chamados a referir numa palavra, uma situação concreta onde acharam que tinham mudado/crescido, registando essa mudança por escrito numa gota de água (pessoa), que simbolizava a pertença a um grupo (conjunto das gotas), que se inseria num oceano (cartolina azul) do qual fazemos parte (humanidade – diferentes pessoas); preenchimento de um dístico em que os alunos pintassem ou desenhassem as proporções que entendessem adequadas dos valores escolhidos para o seu grupo; correspondência dos Dez Mandamentos por associação a imagens apresentadas que requeriam a identificação pelos alunos da correspondência certa; e por fim, seleção dos valores tidos como essenciais para uma vida em sociedade/grupo.

De modo a não deixar espaço para dúvidas, passamos a explicar detalhadamente as atividades desenvolvida no âmbito de implementação das micropedagogias no contexto de sala de aula. Caixa das memórias: Explicação – Na medida em que notámos que o programa carece de um compromisso pessoal (prático) na UL 1, *Viver juntos*, desafiámos os alunos a construírem uma caixa das memórias a partir de uma caixa de sapatos ou, então, uma caixa feita por eles com a família, de modo a guardarem na mesma, pequenos objetos simbólicos (ex. papel de rebuçado dado ao aluno como um sinal (dimensão simbólica) de atenção e cuidado; uma *emoticons*, construída por um colega; um separador oferecido pelo professor; uma lembrança de alguém importante; etc.), distribuídos ao longo do ano letivo, como lembranças de algo positivo e símbolo do cuidado do outro.

Estendal das intenções: numa aula, e de acordo com os conteúdos para a mesma, (mudança) distribuímos uma pequena etiqueta furada a cada um dos alunos com a sua foto, onde lhes pedimos que escrevessem numa frase simples, um aspeto, uma dimensão, em que

estavam dispostos a crescer/melhorar, enquanto pessoas em transformação ao longo deste ano letivo, pelo que, no final da aula foram recolhemos as etiquetas, metendo-se as mesmas num cordel que foi de seguida pendurado no placard, com o título “*Estendal das intenções*” e que materializaram objetivamente o propósito e compromisso individual de crescimento ao longo do ano letivo.

Gota de água: distribuámos pelos alunos uma gota de água em papel (cartolina) onde foi pedido aos alunos que escrevessem numa palavra, um aspeto em que achassem que tinham crescido em relação ao último ano. Na distribuição das “gotas de água” demos uma gota imperfeita (mal cortada) de modo a provocar a reação nos alunos sobre a falta de cuidado com o outro, trocando-a de seguida, por uma “boa”, após a reação. Depois, recolhemos as “gotas de água” preenchidas com uma palavra em que os alunos acharam que mais tinham crescido no último ano, pelo que, a palavra amizade foi a mais referida, no que se refere ao crescimento pessoal do último ano. De seguida colocámo-las numa cartolina azul representando o oceano, enquanto símbolo da humanidade, com as gotas de água, enquanto símbolo da pessoa individualmente e o conjunto das gotas, representava o grupo/turma.

Dístico: para evidenciar a singularidade de cada grupo (escuteiros, catequese, turma, banda, equipa de andebol, etc.) e os valores que os norteiam, distribuámos um dístico aos alunos com vários valores inscritos (verdade, transparência, ajuda, esforço, cooperação, trabalho) para que cada aluno pintasse as percentagens/valores que queriam para o seu grupo, de modo a perceberem que cada grupo se orienta por um conjunto de valores específicos.

Decálogo – Correspondência dos Dez Mandamentos: para apresentar a presença dos valores presentes na Aliança, estabelecida por Deus com a humanidade, distribuámos pelos alunos um mandamento inscrito num “bilhete”, o que, após a leitura intercalada do texto do Deuterónimo 5, 1-33, pelos mesmos, permitiu afixar nas Tábuas da Lei fixas no quadro, o mandamento correto distribuído aos alunos; depois disso, uma vez que tínhamos distribuído

dez imagens aos alunos correspondentes a cada um dos mandamentos, os alunos tiveram de escolher qual a imagem associada ao mandamento em causa e apresentarem-no publicamente aos colegas, fazendo a respetiva correspondência entre mandamento e imagem.

Também utilizámos, como suporte às aulas, um PPT condutor dos temas tratados e demonstrativo dos exemplos pretendidos. A utilização de pequenos vídeos suporte aos conteúdos da aula, serviu, de igual modo, como base à apresentação dos conteúdos.

Assim, com base no que foi sendo dito, julgamos que o ideal ao nível da planificação da UL 1, *Viver juntos* teriam sido nove aulas para a presente unidade, mas tal não foi possível, atendendo às circunstâncias em que foi elaborada a planificação anual das várias unidades letivas, pelo que na terceira parte deste trabalho apresentamos a sugestão “ideal” de planificação para esta unidade.

Como proposta para uma revisão à presente UL, atendendo a que o tema é *Viver juntos*, talvez fizesse sentido inserir um tópico, numa aula, em que o tema fosse *cuidar do outro*, pois em sociedade todos somos responsáveis pelo nosso semelhante e é importante começar desde pequeninos a sensibilizar para a importância de nos preocuparmos com o mais fraco, com o mais desprotegido e mais necessitado, numa lógica de compaixão e não numa lógica de competição. O outro é um semelhante que necessita do nosso amor e cuidado, procurando assim viver o amor presente em Jesus e aceitando esse desafio como uma missão: Amar a Deus no próximo! Por isso, talvez fizesse sentido incorporar na UL1, *Viver juntos*, a meta *N- Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de modo a possibilitar um projeto anual com uma vertente prática (banco de voluntariado, visita a doentes) que permita ultrapassar as limitações dos saberes “teóricos” que requerem uma operação prática e concreta, de modo a efetivarem-se como comportamento objetivo em prol do outro, manifestador de atitudes de respeito e reconhecimento da dignidade do outro, pondo em prática os valores que se querem valorar operativamente.

Se analisarmos com atenção todo o programa de EMRC 2014 verificaremos que a meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, aparece no primeiro ano letivo na UL 1, *Ter um coração bondoso*; e na UL 3, *Crescer em família*; no segundo ano letivo, aparece na UL1, *Ser amigo*; no terceiro e quarto ano não está presente; no quinto ano aparece apenas uma vez na UL 4, *Construir a fraternidade*, (última unidade), a ser trabalhada normalmente no fim do ano letivo, deixando poucas possibilidades de ser desenvolvida, enquanto competência religiosa, ao longo do ano letivo. As potencialidades que a meta apresenta podem ser melhor desenvolvidas, se for inserida na UL1, *Viver juntos*, possibilitando o envolvimento comprometido dos alunos, em ações/projetos, nos quais se tenha atenção ao tema de cuidar do outro. Continuando, no sexto ano aparece na UL 3, *A partilha do pão*; no sétimo ano aparece na UL 4, *A paz universal*; e no oitavo e nono ano letivo, não está presente. No que concerne ao ensino secundário, está presente na UL 3, *Ética e economia*; na UL 5, *A religião como modo de habitar e transformar o mundo*; e, por fim, na UL 6, *Sentido para a vida*. Assim, constatamos que no programa a meta é apresentada três vezes no primeiro ciclo; duas vezes no segundo ciclo; uma vez no terceiro ciclo; e três vezes no ensino secundário. Das unidades letivas em que está presente, apenas aparece nas primeiras unidades letivas a trabalhar, no primeiro ciclo. Por isso, julgamos pertinente, atendendo aos conteúdos e objetivos, a inserção da meta N, *promover o bem comum e o cuidado do outro*, na UL 1, *Viver juntos*, de modo a potenciar o envolvimento das crianças do quinto ano, em ações e projetos que permitam por em prática os valores e princípios defendidos pela visão cristã do mundo. O outro será sempre, para o cristão, alguém que necessita de cuidado e acolhimento.

3.6. Avaliação Global da Prática de Ensino Supervisionada

Uma vez terminada a prática letiva, objeto de avaliação da PES, constatamos que a mesma se pautou, desde o seu início, por uma ação sistemática de pesquisa e incremento de um conjunto de técnicas e competência aprendidas e desenvolvidas, ao longo dos anos da nossa experiência profissional e que tiveram agora uma ótima oportunidade de ser desenvolvidas, aprofundadas e ampliadas, com base nos conhecimentos adquiridos durante a frequência do curso de Ciências Religiosas e Mestrado, tendo possibilitado uma prática pedagógica mais coerente e assertiva.

O início desta caminhada começou com a definição do objeto de estudo a desenvolver durante a PES- (documental, terreno) e que determinou a Escola Salesianos de Manique e a turma do 5.º B, composta por 30 alunos, como campo de desenvolvimento da nossa experiência profissional de ensino e aprendizagem. Decorrente da prática letiva da UL1, *Viver juntos*, e dos seus pressupostos sociais e teológicos, procurámos, a partir da prática letiva, articular os valores cristãos, presentes na ação transformadora do mundo, presentes na mensagem da Igreja, dirigida à sociedade e da qual faz parte um forte apelo a favor dos mais pobres, de maneira a possibilitar a sua articulação prática a partir do programa educativo. Assim, a questão Como estamos a cuidar do outro? (nosso colega, vizinho, familiar doente, carenciado), e a resposta à pergunta Que práticas desenvolver no quotidiano letivo de modo a transmitir fazendo, os valores evangélicos? acabaram por ser o motor de uma prática de ensino direcionada a encontrar respostas para as questões inicialmente formuladas, que obrigaram a um aprofundamento dos nossos conhecimentos e a uma leitura sistemática, de modo a encontrar as “melhores” soluções pedagógicas para responder às questões colocadas. Fruto da colocação desse “problema” objeto de estudo, procurámos encontrar as bases metodológicas que pudessem encontrar, no campo da prática letiva, as respostas adequadas à formulação do problema. Por isso, desenvolvemos com os alunos, pequenas atividades promotoras da aquisição dos conhecimentos tidos como

essenciais, desta unidade letiva (aprender a viver conjuntamente), fomentando o gosto pela descoberta pessoal e colaborativa. Fruto desta intencionalidade, estabelecemos com os alunos uma relação pedagógica saudável, em que os alunos se sentiram à-vontade e se respeitaram durante a atividade letiva, de um modo geral. Assim, foi com naturalidade que decorreram as aulas, sem incidentes de maior, e com uma participação muito positiva, ainda que alguns alunos não participassem muito, o que requereu da nossa parte alguns cuidados no direcionamento da participação, dirigindo-lhes questões diretamente. Por várias vezes os alunos interpelaram-nos no corredor, perguntando o que íamos dar naquele dia, o que denota curiosidade e interesse pela disciplina, bem como à-vontade para com os professores.

Por vezes, ao nível da comunicação e transmissão do saber, sentimos algumas dificuldades em adequar o vocabulário ao nível etário dos alunos, o que requereu um esforço de simplificação do vocabulário utilizado, nem sempre acessível a todos os alunos. Ao nível das dificuldades sentidas, por vezes, foi difícil cumprir a planificação na sua totalidade, o que requer, em termos de planificação futura, mais tempo para esta unidade letiva e menos conteúdos e atividades para algumas aulas. De facto, urge repensar a planificação anual e de unidade, pois a proposta apresentada, ao nível da UL 1 não foi suficiente. É possível fazer mais e melhor no âmbito da UL 1, *Viver juntos*, mas, para isso, precisamos de mais tempo para desenvolver mais aprofundadamente os conteúdos a apresentar e fazer uma melhor divisão dos tempos letivos a consagrar a cada unidade. Sete aulas para esta unidade letiva são manifestamente pouco.

No quotidiano escolar, procurámos planificar de modo coerente e rigoroso a atividade letiva direcionando o ensino para o aluno, fazendo-o motor das aprendizagens. Assim, para que os alunos pudessem atingir as metas propostas em termos ideais, delineámos um conjunto de estratégias centradas nos alunos, de modo a que pudessem fazer a aquisição dos conteúdos, atingindo assim, os objetivos programáticos, passíveis de serem avaliados pelos vários

instrumentos de avaliação utilizados, a partir dos conteúdos ministrados e supostamente adquiridos. Da mesma forma, planificámos com rigor e de modo sistemático a longo, médio e curto prazo, ou seja, anual, trimestral, unidade letiva, semanal/diária. Modificando as designações, quer dizer que fizemos planificações de nível 1, 2, 3 e 4, sendo que a semanal e diária na disciplina de EMRC se equivalem, pois, há apenas uma aula por semana de 45 minutos, que pode ser de 50, 60 ou 90 minutos, consoante os ciclos e anos. Na planificação anual, procurámos nos objetivos da planificação, estabelecer o conteúdo geral conforme o programa, estabelecendo a sequência do currículo, ou seja, a forma como é apresentado, de modo a aparecer ao aluno como um todo harmonioso e equilibrado, possibilitando durante o trajeto uma ordem coerente e salvaguardando a reserva dos materiais necessários à sua concretização futura. Ao nível da planificação das unidades letivas, tivemos como objetivos proporcionar no ensino, um desenvolvimento de uma sequência de experiências de aprendizagem, que permitissem a apresentação dos conteúdos de um modo abrangente, integrado e que pudesse ser significativo a um nível apropriado para os alunos. Ao nível da planificação semanal, apresentámos com oito dias de antecedência ao professor cooperante, com o registo das atividades a realizar, de acordo com o trabalho semanal e fazendo o ajustamento do programa às necessidades decorrentes do dia a dia escolar, da vida da escola e os ajustamentos decorrentes do andamento da última aula, pois nem sempre foi possível cumprir a planificação na íntegra. Ao longo de toda a planificação, esteve sempre presente a avaliação que se pretendeu efetuar, desde a implementação do instrumento portfólio, até à elaboração de instrumentos de avaliação sumativa. A avaliação formativa foi uma constante do processo ensino aprendizagem, que permitiu um registo de observação diária, desde a participação, ao interesse e comportamento, previstos nos critérios de avaliação.

Relativamente à produção dos materiais suporte às aulas, procurámos ser criativos, inovadores, fazendo uso das novas tecnologias da informação, aplicando conhecimentos

básicos aprendidos no mestrado sobre teorias da comunicação e sua apresentação. Assim, o uso das novas tecnologias de informação foi uma constante, usando-se para isso suportes PPT, onde introduzimos pequenos filmes temáticos (curtos/flash), de modo a introduzir determinado tema para discussão/apresentação e escolhemos estratégias de acordo com os objetivos e conteúdos para a aula, pelo que foram implementámos micropedagogias, de modo a envolver os alunos cooperativamente numa determinada atividade da aula, arranjando os materiais com a devida antecedência para lhes serem apresentados e distribuídos na aula.

Algumas destas atividades tiveram a duração limite aplicada à aula em concreto, outras estenderam-se ao longo do ano (por exemplo, a caixa das memórias).

Após a colocação no núcleo de estágio dos Salesianos de Manique – Escola, e uma vez conhecidos os colegas de núcleo de estágio, formámos pares pedagógicos, tendo ficado a lecionar a turma do 5.º B. Trabalhámos a planificação das unidades letivas, a partir do programa de EMRC em vigor, o que nos permitiu ter um contacto direto mais aprofundado sobre as suas bases epistemológicas e seus fundamentos teóricos. Assim, decorrente desta análise hermenêutica do mesmo, demos conta do seu valor e potencial, atendendo às bases teóricas em que está assente o mesmo. Deste modo, percebemos como a partir das finalidades apresentadas para a disciplina de EMRC, pela Conferência Episcopal Portuguesa, se estabeleceram as metas pedidas pelo governo, de modo a incorporar as novas orientações ministeriais e que levaram à reformulação do programa, partindo do apresentado para a disciplina em 2007. Assim, das competências passámos às metas que se operacionalizam a partir de três domínios específicos do facto religioso, que engloba a *Religião e Experiência Religiosa*, que incorpora quatro metas gerais, mas em que apenas duas se aplicam ao 2.º ciclo; domínio da *Cultura Cristã e Visão Cristã da Cultura e da Vida*, que realça a importância da religião como fator cultural, que tem implicações teóricas e práticas, no modo concreto como o cristão lê o mundo, a partir da visão cristã da vida. A cosmovisão cristã não nega os dados da ciência, antes, porém, lhes acrescenta

uma realidade transcendente, ou seja, um PLUS que lhe permite abrir um novo horizonte de sentido e uma esperança intemporal que o abre ao infinito da existência em Deus, que se revela na história humana (tempo) e nos permite a abertura a um horizonte de esperança. Esta dimensão cultural é tão importante que, ao nível do programa absorve oito metas, ainda que a meta H não se aplique ao 2.º ciclo. Por último, temos o domínio *Ética e Moral*, que “abriga” no seu chapéu, referente ao agir humano, cinco metas. De facto, apresenta uma síntese coerente na distribuição das metas entre os dados da experiência religiosa, da cultura, presente numa sociedade maioritariamente católica e a quem a divisão do trabalho e a definição dos dias da semana foi estabelecido a partir do facto religioso. O *domini* (domingo) é o que é, porque é o Dia do Senhor, que determina que haja uma segunda feira (dia de mercado), que concorre para uma ética e moral comprometida com um conjunto de valores advenientes do facto religioso e da cultura, que tem implicações no agir humano. O mundo visto assim requer um compromisso no agir, baseado no modo cristão de ler a vida e o universo criado, a partir da Revelação de Deus na história e que se manifestou, de uma vez por todas no Seu Filho Jesus Cristo, fonte da vida eterna, que nos abre à misericórdia do Pai.

Deste modo, na nossa atividade letiva, tivemos presente esta articulação entre as metas e os objetivos programáticos que se operacionalizam a partir dos conteúdos lecionados e que requerem estratégias adequadas à sua transmissão. O programa, parece-nos um todo harmonioso, que numa leitura atenta dos dados presentes no mesmo, permitem ver a sua coerência, mas onde pensamos ser possível inserir na UL1 – *Viver juntos*, a meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de modo a trabalhar de forma mais sistemática a dimensão prática dos valores cristãos, durante todo o ano letivo, permitindo passar de uma base mais teórica, para uma componente prática de ação moral/ética a favor do próximo. Cuidar do outro é estar ao serviço da solidariedade, da partilha e amor ao próximo, e mais do que as palavras

são os gestos e as ações que contam para a formação integral da pessoa humana (criam o hábito e a predisposição para a prática do bem pelo bem).

No que concerne aos resultados obtidos pelos alunos, relativamente às aquisições dos conteúdos que permitem determinar a validade do processo ensino/aprendizagem, podemos afirmar que foram muito positivos, pelo que atestam o acerto das estratégias utilizadas na apresentação dos conteúdos, de modo a conseguir alcançar os objetivos propostos para a unidade. Contudo, como fomos dizendo, poderíamos ter feito uma divisão mais acertada e harmoniosa na distribuição do tempo pelas quatro unidades. Se quanto à sequência estamos de acordo com aquilo que apresentámos, o mesmo não podemos afirmar quanto à divisão dos tempos letivos por cada unidade, pelo que no futuro alteraremos a distribuição do mesmo.

Relativamente ao comportamento, ao interesse, à participação e empenho dos alunos, pelo que nos foi dado observar, durante a lecionação da UL1, *Viver juntos*, podemos afirmar de modo cuidado, de que os mesmos foram francamente positivos, pois fomos sentido, ao longo das aulas, uma entrega e compromisso adequados à exigência do professor, havendo, no entanto, um ou outro aluno de quem não se pode dizer o mesmo, mas aos quais, no âmbito do sistema preventivo dos Salesianos, foi dado um acompanhamento individualizado, minimizando assim, os efeitos negativos, procurando alterar condutas menos desejáveis em contexto educativo.

Como descoberta significativa, julgamos poder afirmar, que faz sentido pensar a programação do ano letivo e a implementação da planificação a partir de um projeto congregador, que inclua a meta, N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de modo a fomentar a dimensão prática do agir humano, canalizando a energia das crianças para ações de solidariedade e de preocupação social, promotoras de uma cultura de cidadania de salutar, que no plano cristão, encontra a máxima realização na caridade como amor ao próximo. Também foi interessante a partilha de ideias com os colegas de núcleo de estágio que permitiram a

descoberta de novos modos de fazer as coisas, nomeadamente no que se refere à utilização das tecnologias informáticas para o registo das participações e avaliações dos alunos em plataformas digitais, evitando assim, a burocracia reinante na vida profissional do docente e a duplicação de tarefas. Hoje há plataformas informáticas, como por exemplo a *Additio App*, que organizam e recolhem a informação diária, resultante da atividade letiva, que permitem poupar tempo e simplificam processos. Esta foi uma das mais valias da prática do ensino supervisionado que permitiu a oportunidade de as conhecer, desenvolver e aprofundar.

Durante este ano letivo foi desenvolvemos o hábito de planificar semanalmente as aulas e de pensar a longo, médio e curto prazo, em termos de planificação e de preparação da atividade letiva. Também aprendemos a fazer uma reflexão diária sobre a nossa prática letiva, fazendo a avaliação do nosso desempenho, pondo o foco nos aspetos que não estiveram tão bem, no decorrer da aula e que requerem uma melhoria da nossa parte. Os processos corretivos são muito importantes para a tomada de consciência dessas insuficiências no processo de transmissão do conhecimento.

Neste ano letivo de estágio profissional, em que no âmbito da PES, nos foi confiada uma turma para o exercício prático da atividade letiva, de modo a concretizar em ambiente laboral a dimensão prática dos conhecimentos adquiridos durante o curso de Ciências Religiosas, para comprovar as competências adquiridas necessárias ao exercício da função docente, procurámos desempenhar as nossas funções inerentes à profissão com o máximo rigor e competência científica, bem como empregámos toda a energia e força na promoção da assiduidade, arranjando a disponibilidade esperada num profissional competente. Assim, enviámos atempadamente as planificações e materiais necessários à lecionação das aulas previstas ao professor cooperante, bem como enviámos e respondemos aos mails dos colegas com prontidão.

Como diz Richard Arends, em *Aprender a Ensinar*,¹¹⁷ ensinar é uma arte, melhor “o ensino é tanto uma ciência como uma arte”, pelo que, é também um prazer para quem a executa com gosto, pois se não houver uma componente afetiva e emocional presente na atividade letiva, esta será um pouco árida e insípida. No nosso caso concreto, podemos afirmar que nos deu um gosto especial ensinar e trabalhar com esta turma do 5.º B, pois apresentou-se como uma turma interessada, empenhada, participativa e com grande potencial de desenvolvimento manifestado ao longo do ano.

Os princípios utilizados nesta unidade, baseados na investigação e na prática letiva, revelam que fórmulas e receitas fixas não funcionam em todas as situações e isto acontece porque o **ensino é situacional**, o que significa que as características de determinados alunos/grupo turma, salas de aula, escolas e comunidades, afetam o processo de ensino aprendizagem.

De facto, após a leção da UL 1, *Viver juntos* - podemos concluir que, nem todas as estratégias de aprendizagem foram bem conseguidas, outras não foram cabalmente bem concluídas, devido à falta de tempo ou gestão do mesmo e, por vezes, devido ao ritmo lento dos alunos. Por outro lado, também aconteceu a planificação ser demasiado ambiciosa para uma aula de 45 minutos, o que não quer dizer que os objetivos não tenham sido alcançados. Constatase antes, que há espaço para a melhoria e reflexão constante sobre a prática letiva e sua eficácia, levando à adoção de novas estratégias, metodologias e técnicas de ensino. Se se constata uma insuficiência no processo ou nos resultados, que não correspondem às expectativas, há que produzir alterações no processo, que possam, de certo modo, apontar para um outro caminho que permita inverter esses mesmos resultados, já que a avaliação dá um *feedback* corretivo a que é preciso estar atento.

¹¹⁷ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã 1999, p. 35.

Em nossa opinião, e de acordo com as influências do pensamento da corrente pedagógica da escola moderna de John Dewey ¹¹⁸, a sala de aula deve ser, nos dias de hoje, um espaço aberto ao debate de ideias, um espaço de laboratório, de aula oficina. Por esta razão, e dadas as características desta turma, privilegiámos a estratégia pedagógica assente no uso de metodologias ativas (micropedagogias) que não incidem muito sobre a reflexão individual e o debate em plenário, mas que permitem a participação colaborativa dos alunos para chegar a um determinado resultado.

Assim, consideramos o balanço sobre a lecionação desta unidade letiva muito positivo, pois, em geral, ou quase sempre, os alunos saíram da sala de aula com o conhecimento essencial dos conteúdos, sobretudo bem-dispostos, felizes e com o domínio aceitável, relativo às metas definidas para esta unidade letiva.

Com este exercício de balanço e reflexão, temos consciência clara de que há muito a melhorar e que este é um desafio constante de um professor reflexivo, que julgamos ser a base do sucesso dos professores experientes: melhorar a técnica, intensificar o domínio do conhecimento científico e contribuir para a motivação do processo de ensino/aprendizagem.

Por último, consideramos que, após esta reflexão, estamos no bom caminho, pois *aprende-se a caminhar caminhando*, já que, tal como refere Richard Arends, na sua obra *Aprender a Ensinar*, “*um professor eficaz é um professor reflexivo*” e, parece-nos, é também um professor que ama os alunos, a escola e o ato de ensinar, não como uma abstração, mas como um ato concreto, concretizado no dia a dia escolar, aula a aula, que leva o professor a aceitar o ato de ensinar como uma missão, a quem a Igreja pede que cumpra o seu dever profissional de modo exemplar, tendo por modelo o Mestre dos mestres e o legado que nos deixou: “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”.(Jo 10, 10)

¹¹⁸ Joaquim AZEVEDO, *Das escolas “Sísifos” às escolas re-institucionalizadas (equidade e sucesso escolar)*, 2008. “*Os professores e as diversas disciplinas devem funcionar em rede, em equipas de trabalho com o mesmo objetivo de bem comum. As escolas devem ser transformadas em centros/oficinas/laboratórios de trabalho, reflexão, de projeto, trabalho individual e em equipa, de escuta, de pesquisa e de descoberta*”.

CAPÍTULO II

“-Não -disse o príncipezinho. – Ando à procura de amigos. «Cativar» quer dizer o quê?

- É uma coisa de que toda a gente se esqueceu – disse a raposa. – Quer dizer «criar laços»

- Criar laços?

- Sim, laços – disse a raposa. – Ora vê: por enquanto tu não és para mim senão um rapazinho perfeitamente igual a cem mil outros rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu não precisas de mim. Por enquanto eu não sou para ti senão uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti...

- Parece-me que estou a perceber – disse o príncipezinho. Sabes, há uma certa flor...tenho a impressão que ela me cativou... [...].

[...] – Mas se tu me cativares, a minha vida fica cheia de sol... se faz favor cativa-me! Acabou finalmente por pedir.

- Eu bem gostava – respondeu o príncipezinho, - mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...

- Só conhecemos o que cativamos – disse a raposa. – Os homens deixaram de ter tempo para conhecer o que quer que seja. Compram as coisas já feitas aos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens deixaram de ter amigos. Se queres um amigo, cativa-me!

- Tens de ter paciência. Primeiro, sentas-te longe de mim, assim, na relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas podes-te sentar cada dia um bocadinho mais perto” [...].

- Vocês não são nada parecidas com a minha rosa! Vocês ainda não são nada – disse-lhes ele. Ninguém vos cativou e vocês não cativaram ninguém. São como a minha raposa era, uma raposa perfeitamente igual a cem mil raposas. Mas eu tornei-a minha amiga e ela passou a ser única no mundo.

E as rosas ficaram bastante arreliadas

- Vocês são bonitas, mas vazias – insistiu o príncipezinho. Não se pode morrer por vocês. [...]

Depois voltou ao pé da raposa e despediu-se:

- Adeus...

- Adeus – despediu-se a raposa. – Agora vou-te contar o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos...

- O essencial é invisível para os olhos – repetiu o príncipezinho, para nunca mais se esquecer.

- Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.”

Antoine de Saint-Exupéry, *O príncipezinho*

Introdução

Após a lecionação da UL1, *Viver juntos*, constatámos que os conteúdos abordados incidem muito sobre uma dimensão de competências intelectuais, morais e sociais (teóricas e práticas) que envolvem diferentes metas e vários domínios da dimensão religiosa do ser humano. Partindo do domínio da religião e da experiência religiosa, passando pela cultura cristã e pela visão cristã da vida e terminando na dimensão ético moral, constata-se que esta UL 1, *Viver juntos*, se orienta muito para a dimensão da vida em sociedade e que releva a importância de uma cultura de cidadania (metas BFPG). Qualquer boa teoria que não se consubstancie numa boa prática ficará aquém das suas potencialidades. Ao aprofundar e desenvolver o tema *Cuidar do outro*, procuramos encontrar sentido para relevar a importância da meta N- *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de modo a que esta possa ser trabalhada, nesta unidade, de forma mais aprofundada, visando comprometer as crianças, numa prática pedagógica diária, assente nos valores evangélicos, a partir da ação, isto é, onde quer que ponha em evidência a importância do aprender fazendo, permitindo, assim, desenvolver projetos anuais que entronquem, no início do ano letivo, na UL1, *Viver juntos*.

CUIDAR DO OUTRO

1. O outro: um dom a descobrir e cuidar

Quem é o outro? Em português, a palavra “outro” enquanto determinante e pronome indefinido, designa outro como o que não é o mesmo; como diverso, diferente, distinto. Vem do latim, da palavra *alter, era, erum* (gen. *Alterius*, dat. *Alteri*), designando o que não é o mesmo, (um de dois, o outro). No entanto, não é esta a dimensão que nos ocupa, mas que não deixa de ser relevante para o conceito de alteridade. Então, quem é o outro? O outro é uma pessoa digna e com valor que temos de descobrir e valorizar na sua singularidade e está destinado a “*ser transformado e alcançar a própria realização*”.¹¹⁹ Assim, quando olhamos para o outro, olhamos para o ser humano que, enquanto pessoa, necessita de ser inserida no seio da comunidade humana, “*na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade.*”¹²⁰

Mas, como acedemos a essa categoria do “outro” como ser humano/homem, com o qual nos relacionamos?

Comecemos pela perspetiva filosófica que nos é apresentada pela antropologia, que num percurso epistemológico, ao longo da história da humanidade, coloca o homem como centro da sua questão filosófica. De facto, essa perspetiva parte de uma resenha histórica para se aprofundar naquilo a que se denominou “ciências do homem”, *human sciences* ou *Geisteswissenschaften* e das ciências da vida que aprofundam cada vez mais o ser biológico do homem.¹²¹ Nesta corrente epistemológica, desvirtua-se a conceção clássica do homem, apresentada pela filosofia grega, bem como a perspetiva cristã, apresentada pelo cristianismo, a partir das Escrituras.

¹¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n.º4.

¹²⁰ *Ibidem*, n.3.

¹²¹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia filosófica I*, Edições Loyola, Brasil, S. Paulo 1991, p.9.

Nesta conceção contemporânea, em que a antropologia se encontra fragmentada pelas diferentes ciências, são-nos apresentadas várias correntes, de modo a transmitir uma ideia de homem consoante a perspetiva exposta. Assim, surge o *naturalismo*:

“que professa um reducionismo mais ou menos estrito do fenómeno humano à natureza material como fonte última de explicação. Entre os exemplos contemporâneos desse naturalismo podem ser apontadas as obras do antropólogo C. Lévy-Strauss e do biólogo molecular J. Menod; e o *culturalismo*, que acentua a originalidade da cultura em face da natureza, separando no homem o “ser natural” e o “ser cultural”. O mais conhecido representante dessa tendência é Wilhelm Dilthey (1833-1911) que inspirou a distinção, tornada clássica entre as ciências da cultura ou do espírito (*Geisteswissenschaften*) e as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Assim, a resposta à questão sobre, o que é o homem? fica distendida entre os dois polos da natureza e da cultura, cada um exercendo poderosa atração sobre os conceitos com os quais a antropologia filosófica pretende explicar o homem.”¹²²

Ora, esta divisão no campo das ciências, ao refletir sobre o que é o homem? origina uma profunda dicotomia no modo de entender o ser humano, que cria dificuldades acerca da elaboração de uma ideia de homem contemporânea, que aceite os contributos vindos das ciências naturais e das ciências culturais harmonizadas como um todo pelas ciências espirituais, (religião e teologia) mantendo a unidade daquilo que é o homem como um todo e não como a soma das suas partes. Para se conseguir tal objetivo não se pode prescindir de nenhuma área do saber, muito menos do contributo que a teologia e as ciências religiosas podem dar para uma visão mais unitária do que ao humano diz respeito, ou seja, o que é o homem?

Partindo das Escrituras, podemos constatar que “*O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente*”, pois “*Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo*”. (Gn 2, 7-8) Deus começa por lhe dar vida, fá-lo do pó da terra e insufla-lhe o sopro vital que o transforma em algo mais, o que mostra que tem por ele uma predileção. Para além do mais, no âmbito teológico/antropológico, Deus não o “faz”,

¹²² *Ibidem*, p.10.

não o cria de um modo qualquer, fá-lo à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26), o que lhe dá um cunho duma dignidade sem par, criando-o com toda a honra e dignidade, ao ponto de ser quase um ser divino. (Sl 8,6) Se tivermos em conta esta presença divina criadora no ato “inaugural”, conseguiremos detetá-la na restante criação a partir da dimensão relacional, pois, o Criador não criou uma criatura só. Ao criar Adão, “reparou”, “deu-se conta”, de que este estava sozinho, tendo-lhe “dado” uma companheira, companheira essa que é criada/tirada do seu lado. Após esta criação, podemos dizer que o homem se abre à alteridade, tem um outro com quem falar, com quem se relacionar, com quem se comparar e de quem cuidar, constatando simultaneamente a igualdade e a diferença.

“O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente: o último Adão é um espírito vivificante”. (1 Cor 22-45). Com Rm 5, 12-21 o confronto entre Cristo e Adão torna-se mais articulado e iluminador: Paulo percorre a história da salvação de Adão até à Lei e dela até Cristo. No centro do cenário não se encontra tanto Adão com as suas consequências do pecado sobre a humanidade, quanto Jesus Cristo e a graça que, através d’Ele foi derramada em abundância sobre a humanidade. A repetição do “muito mais” relativo a Cristo ressalta como o dom recebido n’Ele supera, em grande medida, o pecado de Adão e as consequências causadas sobre a humanidade, de modo que Paulo pode chegar à conclusão: “Onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20). Portanto, o confronto que Paulo traça entre Adão e Cristo põe em realce a inferioridade do primeiro homem em relação à prevalência do segundo”.¹²³

Sendo assim, fica claro que, desde o princípio, o ser humano é “alma vivente”, que precisa de ser vivificado pelo “espírito vivificante”, de modo a cumprir o seu desígnio relacional, de modo a reconhecer o outro como um dom e de modo a reconhecer-se no outro. Esta conceção antropológica intuída pela teologia, encontra formas sublimes de ser expressa, pelo que, a afirmação “*a criação acontece porque é uma irradiação do amor divino*” muito eloquentemente afirma que

¹²³ BENTO XVI, *Audiência geral de quarta feira*, 3 de dezembro de 2008.

“A Criação acontece porque o amor irradiou-se a si mesmo. Deus criou todas as coisas: «Aquele que vive eternamente criou ao mesmo tempo todas as coisas» (Sir 18,1). «Deus viu quanto tinha feito, e eis que era coisa muito boa» (Gn 1,31) e pô-la ao serviço do homem: «Deu-lhe poder sobre as obras das suas mãos e colocou tudo debaixo dos seus pés» (Sl 8,7). Mas, se as coisas são inanimadas e servem apenas de «meios» cujo fim é serviço do homem, o homem tem a alma cujo fim é um só: o Amor de Deus. Não poderia ser de outro modo. Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança» (Gn 1,26). Interveio oficialmente a Santíssima Trindade na criação do homem. Interveio Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Cada um deu de Si mesmo valor que só Deus pode entender, mas que podemos distinguir em particular: o poder, a predisposição ao sacrifício, a caridade. São todos os dons de que é enriquecida a nossa alma. Contudo, as três Pessoas não deram senão uma realidade única: o Amor. Deus – permanecendo Deus – deu de Si mesmo, à sua imagem e semelhança”¹²⁴,

pelo que concluímos que fomos criados pelo Amor para amar o Amor.

Também no artigo de L.F. Ladaria, “*El hombre a la luz de Cristo en el concilio Vaticano II*” e da Constituição Pastoral, sobre a Igreja no Mundo Atual, *Gaudium et Spes*, (GS) pudemos constatar que foi apresentado ao mundo cristão uma nova visão sobre o modo de ler a antropologia, permitindo uma resposta mais cabal à pergunta: O que é o homem? Esta antropologia é-nos apresentada a partir duma cristologia que ilumina e dá um novo sentido à antropologia. Já não é só no ato criador de Deus que se encontra a dignidade da humanidade criada.

Na GS no n.º 22 a antropologia apresenta-nos o outro, ou seja, o homem como um ser uno e inteiro, dotado de corpo e alma, coração e consciência, mente e vontade, constituindo uma unidade psicossomática. No entanto, neste homem há uma centelha divina, uma semente “*divinum quoddam semen*” que permite à Igreja, a partir da Escritura, afirmar o seu valor e a altíssima vocação humana, que vem de Deus e a Deus retorna, pela reconfiguração na morte e ressurreição de Jesus, filho de Deus. Portanto, a resposta à antropologia, à pergunta sobre a dignidade humana, sobre o valor do outro, encontra o seu esclarecimento a partir de Jesus, sua vida humana, enquanto cumprimento dos desígnios da Pai, fonte e origem de toda a Criação. A

¹²⁴ ARDENS, *Mergulho no divino*, Edições Carmelo, Oeiras 1986, p.68.

crisologia é a chave hermenêutica da antropologia apresentada na *GS* no ponto número vinte e dois, embora o ponto de partida apresentado não seja necessariamente um dado da fé, mas sim o resultante da experiência humana, feita pelo homem contemporâneo no seu devir histórico, onde se cruza com as interpretações e incertezas dos sinais dos tempos.¹²⁵

Na realidade, o mistério do homem encontra o seu sentido e resposta definitiva a partir da iluminação cristológica, pois é no Verbo encarnado que o homem, a antropologia, se esclarece verdadeiramente. O concílio fala do homem, a partir da luz de Cristo, porque no Filho encarnado se descobre o fim último do homem, que tem a sua origem (protologia) e o seu fim (escatologia) em Deus, que o criou à sua imagem e semelhança (Gn 5, 1-2). Jesus é, assim, o novo Adão, sendo que se ilumina Adão por Cristo e não Cristo por Adão, pois só por Cristo podemos saber o que é o homem pelo mistério da encarnação, (feito homem – antropologia – viveu e pensou, sentiu como homem), morte e ressurreição, que, apontando para um horizonte de plenitude e unidade com Deus, mostra à evidência, no âmbito da fé, o ser divino que habita cada cristão ou homem de boa vontade, a quem se estende o mistério da salvação presente no amor em Cristo. Cf.¹²⁶

O novo Adão mostra ao homem, na revelação do mistério do Pai, o homem a si mesmo, descobrindo-lhe a sua vocação plena: configurar-se com Cristo, para entrar em comunhão com Deus através do seu amor e do seu Espírito. Faz sentido, assim, o dizer de Tertuliano, “*Quodcumque limus exprimebatur, Christus cogitabatur homo futurus*”¹²⁷, na medida em que

¹²⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *GS*, n.22.

¹²⁶Luis LADARIA, *El hombre a la luz de Cristo en el concilio Vaticano II*, p. 706, in <https://pt.scribd.com/document/349084158/L-Ladaria-El-Hombre-a-La-Luz-de-Cristo-en-El-Vaticano-II#>

¹²⁷ Tertulian, *De Resurrectione carnis*, n.6., in Luigi LANZONI, *The virtues of Mary*, Acedemy of the Immaculate, New Bedford, MA, 2012, p. 79. Cf. “*Mas onde podemos encontrar esta fragrância celestial tão rica como em Maria a Rosa Mística, que conteve durante nove meses a virtude (dádiva) da Humanidade de Cristo? Tertuliano disse que o corpo do primeiro homem feito à imagem do Criador revelou como eram tênues os contornos das características de Cristo que estava para vir. Mas podemos também dizer, com ainda mais legitimidade (/certeza/autoridade/sentido/razão), que nunca houve mais fiel semelhança a Jesus Cristo do que a vista em Maria Sua Mãe, e que ao vê-la, se pensa em Jesus Cristo. Aqueles que a olharam mesmo nos dias da sua vida mortal, fitaram como num espelho a imagem do seu filho Jesus Cristo. Viram nela a doçura, modéstia, caridade e beleza do Filho do Homem, e enquanto a contemplavam, podem ter usado as palavras do poeta com um significado mais subtil do ele lhas imbuíu: "Tais eram a sua aparência (ou olhar), os seus gestos e a sua presença(/aura/essência)".*

Cristo é a “imagem de Deus invisível” (Col 1, 15) que, do ponto de vista antropológico, diz o que é o homem, na sua completude humana, criado à imagem de Deus e que nos é revelada na alteridade do Filho, que já Deus pensava quando amassava o barro com o qual fez surgir pela Sua Palavra, Adão. Ao criar Adão, pensava já no homem novo que Cristo configuraria, (Rm 5-20) com sua morte (Rm 5-10) e ressurreição, dando-nos a conhecer os desígnios de Deus sobre o que somos e o que Ele quer que sejamos, pois, pela queda no pecado, nos afastamos da nossa natureza divina, da qual participamos por Cristo. Há aqui uma dimensão ontológica da nossa natureza que se revela e é conhecida no plano existencial, onde vivemos a vida e sofremos as alegrias e tristezas, as esperanças e desventuras do mundo terreno, espaço privilegiado, para, a partir da vontade, inteligência e sentir humano (amor), abraçar Deus, como parte constituinte da nossa natureza, mas que nos foi devolvida por Cristo, homem novo. É Jesus quem verdadeiramente descobre (redescobre) a nossa verdadeira identidade, que no seu mistério nos desvela a vocação sobrenatural do homem, e que só a revelação cristológica permite aclarar com a sua luz.¹²⁸

Assim, em jeito de conclusão, podemos afirmar que a cristologia nos dá a conhecer Jesus como homem, solidário com os homens, irmão da humanidade, mostrando, a partir da sua humanidade, o verdadeiro ser do homem, que o liga irremediavelmente a Deus e que por Jesus mostra o amor do Pai a partir da fraternidade humana de Cristo, que procura com a sua vida, morte e ressurreição a unidade perfeita, já que o Verbo de Deus, feito carne se constitui como homem perfeito e a “todos” salvou. É por Jesus e com Jesus que o homem acede à sua verdadeira natureza divina, que é património não só de cristãos, mas, ao limite, de toda a humanidade configurada por Cristo na morte e ressurreição¹²⁹.

¹²⁸ Luis LADARIA, *El hombre a la luz de Cristo en el concilio Vaticano II*, p. 707-709,

In, <https://pt.scribd.com/document/349084158/L-Ladaria-El-Hombre-a-La-Luz-de-Cristo-en-El-Vaticano-II#>

¹²⁹ *Ibidem*.

No entanto, verificamos que no mundo contemporâneo existe um conjunto de contradições no seio da sociedade atual, pois vivemos num mundo em que a cultura dominante afirma o desenvolvimento e o progresso social, ou seja, a evolução da dignidade do homem, sem dar conta do que ela própria produz, o que, muito sinteticamente poderá ser traduzido nas questões apresentadas por Rita Carvalho,

“Porque maltratam os pais os filhos? Porque matam os homens as mulheres? Porque se abandonam os mais velhos? Porque se alienam nos computadores os mais jovens? Porque se auto-mutilam as crianças e adolescentes?”¹³⁰,

referentes aos media e ao tratamento da informação sem reflexão sobre a mesma, e que são reveladoras da cultura dominante, que “prefere a segurança dos seus dias e das suas verdades, fugindo ao encontro com o outro”.¹³¹

Na mensagem quaresmal para o ano de dois e dezassete, o Papa Francisco apresenta-nos o outro como um dom a descobrir. E fá-lo no seu jeito muito peculiar, que foca o essencial na dignidade humana, presente nos desvalidos da sociedade contemporânea. Assim, apresenta-nos uma catequese quaresmal que tem por base a parábola do *Rico avarento*, que nos fala do contraste social dos nossos dias, em que a riqueza, em vez de ser símbolo de um desenvolvimento verdadeiramente humano, é antes a manifestação das *estruturas de pecado*, de que falava o Papa João Paulo II.¹³² De facto, é perante o quadro sombrio apresentado, em que se vê um homem degradado e humilhado (Lázaro), que na sua condição de pobre se tornou “invisível”, passando sua vida numa condição desesperada e desumana, que se opera um alerta para a necessidade de atenção ao cuidado do outro. Só após a sua morte, o rico deu conta da existência do (seu) outro que ignorava sistematicamente. No entanto, diz-nos o Papa Francisco,

¹³⁰ Rita CARVALHO, “As palavras incómodas do Papa Francisco”, in José Manuel pereira de ALMEIDA (Organizador), *O pensamento social do Papa Francisco*, Ed. Cáritas, Lisboa 2016, p.127.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² JOAO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, in <http://www.caritas.pt/livraria/index.php/livros/97-consciencia-social-da-igreja-catolica?showall=&start=2>, consultado a 10/04/17

“a nossos olhos aparece como um ser conhecido e quase de família, torna-se um rosto; e como tal, é um dom, uma riqueza inestimável, um ser querido, amado, recordado por Deus, apesar da sua condição concreta ser a duma escória humana. Lázaro ensina-nos que *o outro é um dom*.¹³³

Ora, reconhecer o outro, seja ele quem for, constitui-se como uma obrigatoriedade moral, pois, ele é, por si mesmo, uma criatura que requer o nosso reconhecimento fraternal. Por isso, o outro não pode ser visto como um empecilho fastidioso encontrado à nossa porta, mas deve ser antes entendido como a possibilidade de encontro com o mais profundo de nós mesmos e que nos leva a uma conversão e mudança de vida. Há como que um reorientar do olhar a partir do coração, que possibilita a nossa conversão e mudança de vida. O outro é, antes de mais, um dom que é colocado no nosso horizonte para nos devolver a imagem de quem somos e qual a relação que estabelecemos com os outros com que nos cruzamos, pelo que, “*cada vida que se cruza conosco merece aceitação, respeito, amor.*”¹³⁴

1.1. A aceitação do outro e seu cuidado

Olhando para a palavra aceitação, constatamos que ela é um nome comum feminino que comporta a noção de ato de aceitar. A palavra deriva do latim, do verbo *acceptatio/acceptio*, que quer dizer aceitar, receber.¹³⁵ Na própria significação do verbo aceitar, aceitar comporta o predicado de receber o que é oferecido, estar conforme com, admitir, receber com agrado.

Também a dimensão antropológica do ser humano comporta uma dimensão religiosa,¹³⁶ a qual pode dar um forte contributo na formação da pessoa, contribuir para que o homem saiba

¹³³ PAPA FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2017, A palavra é um dom. O outro é um dom*, In *Voz da Verdade*, Domingo, 12 de fevereiro de 2017, p.4.

¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, I Volume, Lisboa, 2001, p.44

¹³⁶ Juan AMBRÓSIO, *Dimensão religiosa e condição humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao ser humano?*, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015. p.1.

aceitar o outro, e ainda para edificação de uma personalidade harmoniosa e ajustada à sociedade, pois “a capacidade religiosa do homem é algo que não depende das contingências culturais ou históricas, mas, pelo contrário, trata-se de algo inerente à condição humana.”(Gn 1, 27) Se é algo inerente à condição humana, então a dimensão religiosa poderá dar o seu contributo para a humanização do ser humano, levando-o a aceitar o outro como ele é, reconhecendo nele todo o seu valor e dignidade, promovendo o seu acolhimento. Além do mais, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e Deus não o criou para estar só, pois, “desde o princípio criou-os varão e mulher”(Gn 1, 27) constituindo a sua união a primeira forma de comunhão entre pessoas, dado que o homem, por sua própria natureza, é um ser social que não pode viver nem desenvolver as suas capacidades sem entrar em relação com os outros”.¹³⁷ Como se pode ver desde o início, essa dignidade que lhe é inerente, precisa de ser reconhecida na comunidade em que se insere o reconhecimento e a aceitação, porque o ser humano “precisa muito mais do que o instinto e do que o biológico, ele precisa de ser reconhecido e acolhido como tal”¹³⁸, na medida em que a sua vida “jamais pode ser reduzida a uma trajetória existencial predeterminada pelo instinto e pelo biológico”,¹³⁹ muito menos pode aceitar que, num tempo onde a riqueza abunda, uma parte significativa da humanidade esteja despojada desses bens e seja atormentada pela fome, o que inviabiliza a sua sobrevivência, impossibilita o acesso à educação, afastando estes homens analfabetos do progresso humano¹⁴⁰ de uma verdadeira socialização conducente à afirmação duma personalidade bem desenvolvida e harmoniosa, em que predomina o equilíbrio e a possibilidade de abertura ao transcendente.

Assim, a aceitação do outro começa por reconhecê-lo como humano. Mas como se opera essa constatação? Primeiro, é preciso ter em conta que essa aceitação passa por reconhecer o

¹³⁷ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n.º 12

¹³⁸ Juan AMBRÓSIO, *Dimensão religiosa e condição humana*, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015. p.3.

¹³⁹ Ibidem

¹⁴⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, GS, próêmio, 4

humano como elemento comunitário e social, como afirma Genovesi, “*o homem é um animal naturalmente sociável*”¹⁴¹, pelo que se assume que os outros homens são absolutamente essenciais para o desenvolvimento humano, pois “*os outros homens são decisivos para a nossa vida*”,¹⁴² pelo que

“não há nenhuma criança que se conseguisse livrar dos perigos da natureza e dos animais, se o amor e o cuidado de progenitores a não protegesse até aos anos da puberdade e, por vezes, ainda mais tarde”.¹⁴³

Reconhecer essa necessidade é perceber que o problema da aceitação nasce precisamente no espaço dos vínculos que nos unem aos outros homens no mundo, primeiro na família, depois na escola e mais tarde no mundo do trabalho (profissional). Assim, nesta trama relacional, está presente, desde o início, a construção da felicidade da pessoa que se realiza com os outros (Aristóteles).

Deste modo, a projeção de uma vida feliz acentua-se na relação que começa na família, na escola, no trabalho, onde existe espaço para a alegria, a dor, o amor, a amizade e que possibilita a apresentação do outro como outro, diferente de mim, capaz de pensar, amar, sofrer e aprender. Ao acentuar uma perspectiva que, do ponto de vista antropológico, concede a primazia imediata ao ser com o outro no mundo, rejeita-se a autossuficiência do eu e coloca-se o enfoque na responsabilidade frente ao outro, decorrente da necessidade de comunhão com ele. O encontro com o outro constitui um dinamismo concreto que abre o homem à transcendência e à esperança religiosa.¹⁴⁴

Aceitar o outro requer, antes de mais, que com ele se coabite, que com ele se partilhe um espaço e um tempo. Este facto possibilita, no âmbito escolar, um ponto de encontro entre pessoas diferentes, que possuem características individuais únicas e que precisam de ser reconhecidas

¹⁴¹ Walter MAGNONI, *Magistério social e direitos da pessoa*, in José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p.247.

¹⁴² *Ibidem*, p.247.

¹⁴³ *Ibidem*, p.247, referindo citação de A. GENOVESI, *Lezioni di economia civile*, Vita e Pensiero, Milão 2013, p.22.

¹⁴⁴ Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.31.

pelo outro na sua singularidade, pois elas são fruto duma herança genética, social e cultural. No entanto, não é despreciando o facto de, no plano da fé, o outro ser alguém que na caridade se

“torna manifesto que o homem (é a) única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, (e) não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo.”¹⁴⁵

A aceitação do outro constitui-se como um sim de reconhecimento existencial do outro, que comporta um sentido que pode ser descoberto a partir da oração entre irmãos, pois,

“a oração é um lugar da incessante busca interior daquilo que é correto fazer, de um modo mais justo e mais fraterno, de uma terra de paz, de “qual será o melhor caminho para realizar a plena humanização do mundo”, a partir das possibilidades que o Senhor continua a conceder. Neste sentido, oro na cidade, permaneço em silêncio e dialogo com o Senhor, precisamente para não excluir ninguém”¹⁴⁶.

No entanto, se aceitar o outro é o ponto de partida da situação existencial multicultural em que nos colocamos em meio escolar, de modo a podermos conviver pacificamente com os demais, essa aceitação deve originar uma evolução para o acolhimento, pois *“muito mais do que a simples aceitação do “Outro” propõe-se o acolhimento do Outro e transformação de ambos com esse encontro, decorrendo daí um novo “Nós”.*”¹⁴⁷

1.2. O cuidado e o acolhimento do outro como dom

O acolhimento, como substantivo masculino, revela a debilidade humana de quem precisa de cuidado. O outro precisa de ser recebido, de ser acolhido como a quem é dada hospitalidade, uma vez que, como já vimos anteriormente, é a *“única criatura sobre a terra a ser querida por*

¹⁴⁵ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n.º 24.

¹⁴⁶ José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade?*, in Sérgio BASTIANEL, (coordenador) *Entre possibilidades e limites, uma teologia moral em demanda*, Editorial Cáritas, Lisboa 20013, p.154.

¹⁴⁷ Rui MARQUES, *“Vinha de fora e...”*. *A experiência portuguesa e a situação da Europa*, in José Manuel Pereira de ALMEIDA, (organizador), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.84.

Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”,¹⁴⁸ ou seja, o ser humano, apresenta-se no mundo numa condição de total vulnerabilidade, pelo que depende completamente do outro, para afirmar o seu pleno potencial. Vem ao mundo desprovido dos instrumentos, do equipamento necessário para a sua sobrevivência à nascença, mas equipado com um pleno potencial de crescimento e desenvolvimento, capaz de o tornar humano no contacto com os seus semelhantes, o que denota a sua total dependência do modo como é acolhido no seio da comunidade humana. Se os animais vêm já equipados, do ponto de vista instintivo, com os meios biológicos necessários, prontos a responder ao meio ambiente, o ser humano é posto no mundo numa situação de total dependência, o que o coloca numa situação de absoluta necessidade de cuidado e aceitação, pois, caso não seja aceite pelos seus progenitores, está condenado à nascença a desaparecer. Assim, verificamos que o ser humano necessita do acolhimento e da aceitação desde a nascença, de modo a configurar o seu ser com o humano, com o mundo e com a cultura, instrumentos absolutamente necessários à sua humanização, e que levarão progressivamente ao seu desenvolvimento humano. Sem esse cuidado, sem essa aceitação, por si só não poderia ser, pois faltar-lhe-iam as condições básicas necessárias para subsistir e de ter oportunidade de vir a dizer o mundo que habita. O mundo é uma construção humana que requer a cultura, o habitar um espaço num determinado tempo, e que requer do infante (que ainda não fala) uma aprendizagem, baseada na relação interpessoal que lhe permita, a partir da “língua materna”, aceder ao mundo como ‘parlante’, possibilitando-lhe, assim, o dizer o mundo, que vai construindo e ao qual atribui sentido e significado, fruto da dimensão simbólica que a linguagem permite.¹⁴⁹

Neste âmbito, são necessárias estruturas que permitam esse acolhimento e o reconhecimento no seio do humano, porquanto, se assim não fosse, não seria possível

¹⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n.º24.

¹⁴⁹ Cf. Juan AMBRÓSIO, *Dimensão religiosa e condição humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao ser humano?* texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, p.3-4.

desenvolver o seu potencial, pelo que, é possível passar do biológico e natural ao humano e cultural graças a esta “engenharia” que permitiu superar a ambiguidade e a contingência.¹⁵⁰

Se o outro com quem me relaciono é alguém que me serve de espelho e que permite a edificação da minha identidade, então, o outro não é apenas alguém totalmente distinto de mim. O outro é a condição possibilitante de me dizer, a mim mesmo, pela interação que permite a minha construção, enquanto ser aberto e inacabado. Assim, o outro, não é apenas um outro, é um outro que se apresenta como dom que me faz ser, porque o sujeito por si mesmo não poderia ser, dado que, “*o ser humano é feito para o dom, que exprime, atua e realiza a sua experiência de transcendência*”¹⁵¹

Ser dom comporta a gratuidade de estar presente na vida do outro sem esperar nada em troca, pois, como se viu anteriormente, o ser existente tem uma dívida de gratidão da sua existência, derivada do facto de ser o que o outro lhe permitiu ser. Sem o outro, o eu individual não se afirmaria na sua singularidade existencial. Com isto não queremos dizer que não pudesse ser (existir), mas a qualidade humana que o sustenta e suporta, deve-a por inteiro às estruturas de suporte que o conduziram a ser aquilo que é. Sendo assim, deve procurar ser dom para os outros, como sugere o papa Paulo VI, ao afirmar,

“a pregação do amor fraterno para com todos os homens – capacidade de doação e de perdão, de renúncia e de ajuda aos irmãos – que promana do amor de Deus e que é o núcleo do Evangelho”¹⁵²,

de modo a que o humano se una ao divino e promova a dignidade deste a partir da relação com o outro que o faz ser. Assim, o acolhimento do outro é essencial para um desenvolvimento harmonioso da pessoa e deve ter por base os ensinamentos daquele que se fez acolher como

¹⁵⁰ *Ibidem*, p.4-5.

¹⁵¹ Walter MAGNONI, *Magistério social e direitos da pessoa*, citando *Caritas in veritate*, 34 in, José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2015, p.256

¹⁵² PAULO VI, *Evangelii nuntiandi*, n.º 28.

humano, no meio de nós, de modo simples num presépio de Belém, pelo que, o “*Verbo fez-se homem e veio habitar connosco*”. (Jo 1, 14)

1.3. A palavra como oportunidade de cuidado e encontro

Falar o mundo, dizer a pessoa, comunicar a vida, requer um elemento primordial: a palavra. Falar é um ato natural necessário à transmissão das ideias, do pensamento, mas, por sua vez, não há pensamento sem palavra, nem palavra sem pensamento, pois ambas se implicam numa teia significativa, em que, para haver linguagem e transmissão do pensamento se invocam as palavras e seus significados. Pensar o homem e dizer o que ele é, requer essa gramática base do dizível, pelo que, para dizer o homem a partir da palavra na sua relação (encontro), requer que se parta da mesma. Não há facto mais humano do que falar, ou seja, a palavra que dirijo ao outro e a palavra que o outro me dirige. Recordemo-nos, por exemplo, da dificuldade de comunicação (encontro) por que passou Helen Keller, até que alguém lhe desse as chaves de interpretação do real (Anne Sullivan) apresentadas no filme *Helen Keller e o Milagre de Anne Sullivan* (The Miracle Worker - 2000) e que lhe possibilitaram o sair de si e ir ao encontro do outro e do mundo, permitindo uma interação definidora da relação interpessoal. Onde antes havia caos, passou a existir uma ordem e capacidade de definir o real.¹⁵³

Só o homem fala, pelo que sempre que estamos na presença de seres humanos, estamos perante determinadas formas de linguagem. A palavra, o falar, a linguagem, é uma das manifestações humanas que revelam, com maior clareza, a estrutura dialógica e interpessoal da existência humana, manifestando-se de duas formas: por um lado, a palavra, pois toda a palavra está inserida no âmbito das relações sociais; por outro, a inteligência pessoal não consegue manifestar-se, concretizar-se, fazer-se reconhecer, fora da palavra. Como disse Martin

¹⁵³ Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.48.

Heidegger, “*a linguagem é a casa do ser*”. A palavra é, à primeira vista, a palavra recebida, a palavra que o outro me dirige, dado que é a palavra que pertence a uma determinada cultura e que nos enforma a partir de uma determinada visão do mundo. É também a palavra que alguém me dirige, de pessoa a pessoa, impondo-me responsabilidade. É através da palavra que se transmite a riqueza da cultura, o que quer dizer que o significado do mundo e dos objetos se abrem mediante a palavra a todo o ser humano que passa a fazer parte de uma sociedade. Assim, é através da palavra, que permite atribuir um nome às coisas, aos objetos, que se reconhece que o mundo adquire uma fisionomia humana e familiar, isto é, não estranho. A palavra permite ao homem mover-se neste mundo e realizar o significado da sua própria existência, pelo que toda a pessoa, toda a vida intelectual e social, fica parada num estado embrionário quando está ausente a linguagem.¹⁵⁴

Portanto, em última análise, a palavra procede de um sujeito pessoal e vai dirigida a outro sujeito pessoal, pelo que é sempre um que interpela e, chamando pelo seu nome, se dirige a um tu. Esta dimensão é muito importante, porque é ela que cria a oportunidade de ir ao encontro do outro, pois,

“a palavra não é só «desvelamento» do mundo e das coisas; é também essencialmente «revelação» da pessoa. Na palavra é o outro pessoalmente que se anuncia e se expressa, manifestando e comunicando a sua própria riqueza, o seu mistério, as suas alegrias e esperanças, a sua inconfundível novidade da sua existência”.¹⁵⁵

A palavra é o lugar da “revelação” do outro que se comunica e é também o lugar de abertura à revelação do outro que se quer comunicar, donde a realidade metafísica e transcendente do outro se anuncia a si mesma. Assim, também a Palavra divina revelada ao homem é local de encontro entre Deus e o homem, na medida em que a

“«condescendência» de Deus na sua revelação ao homem é, em definitivo, a possibilidade de Ele incarnar. Ora, essa possibilidade tornou-se realidade no homem de Jesus de Nazaré. Na pessoa e na mensagem, o binómio Palavra de Deus e Escritura ganha

¹⁵⁴ Cf. Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993, p.49.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p.51.

novo alcance e plenitude. “Tendo Deus falado em muitas ocasiões e de muitas maneiras no passado aos nossos pais pelos profetas, agora, nestes últimos tempos, falou-nos pelo Filho, a quem constituiu como herdeiro de tudo..., ele, o resplendor da sua glória e imagem fiel da sua substância” (Heb 1,1-2). Depois de muitas palavras, soou a Palavra, que se podia ver como *razão* de ser de todas as precedentes”.¹⁵⁶

De facto, a Palavra é um dom e propõe-se como uma oportunidade de encontro com o outro que necessita do nosso cuidado, pelo que “*hoje em dia, o que faz sentido é haver diálogo para o bem comum.*”¹⁵⁷

2. *Parábola do Rico Avarento.*

¹⁹«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes. ²⁰Um pobre, chamado Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas. ²¹Bem desejava ele saciar-se com o que caía da mesa do rico; mas eram os cães que vinham lambe-lhe as chagas. ²²Ora, o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. ²³Na morada dos mortos, achando-se em tormentos, ergueu os olhos e viu, de longe, Abraão e também Lázaro no seu seio. ²⁴Então, ergueu a voz e disse: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para molhar em água a ponta de um dedo e refrescar-me a língua, porque estou atormentado nestas chamas.’ ²⁵Abraão respondeu-lhe: ‘Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, enquanto Lázaro recebeu somente males. Agora, ele é consolado, enquanto tu és atormentado. ²⁶Além disso, entre nós e vós há um grande abismo, de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão-pouco vir daí para junto de nós.’ ²⁷O rico insistiu: ‘Peço-te, pai Abraão, que envies Lázaro à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos; ²⁸que os previna, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.’ ²⁹Disse-lhe Abraão: ‘Têm Moisés e os Profetas; que os oiçam!’ ³⁰Replicou-lhe ele: ‘Não, pai Abraão; se algum dos mortos for ter com eles, hão de arrepender-

¹⁵⁶ Armindo dos Santos VAZ, *Palavra viva, Escritura poderosa; A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora 2013, p.35.

¹⁵⁷ Oscar Rodríguez MARADIAGA, “Respostas no debate” in José Manuel Pereira de ALMEIDA, *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.30.

se.’³¹ Abraão respondeu-lhe: ‘Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão-pouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos.’¹⁵⁸ (Lc 16, 19-31)

2.1. O acolhimento do outro na sua fragilidade material

A pobreza é um flagelo que desde sempre atormentou a humanidade. E hoje, como sempre, também existe pobreza no seio das nossas comunidades. No entanto, este facto social constitui-se como oportunidade de encontro com o outro, que necessita do nosso cuidado. Hoje, mais do que nunca, vivem milhares de pessoas em cidades multiculturais,¹⁵⁹ com enormes dificuldades económicas a quem é preciso dar uma resposta, com base nos valores cristãos e do múnus evangélico.

Mas, como podemos no nosso dia a dia, enquanto habitantes da cidade atuar a favor dos mais pobres? Que conceção, que ideia temos da cidade, como cristãos? E na escola: como dar resposta aos mais frágeis da sociedade, presentes na sala de aula? Para responder ou aclarar este pensamento, socorremo-nos das palavras de José Manuel Pereira de Almeida,

“o anúncio do Evangelho tomou, já desde o começo, uma forma de presença capilar no seio do viver social estruturando as redes das relações e as mentalidades das *póleis* de outrora. Nós, ocidentais, somos herdeiros desta tradição eclesial que se organiza na *polis*, em comunidade de comunidades, de *oikos ekklesias* (chamadas depois, no mundo latino, *domus ecclesiae*), em busca de uma tendencial possibilidade de viver o evangelho na vida de cada dia, a relação com Deus na relação com os outros”¹⁶⁰

De facto, hoje a missão que o professor de EMRC é chamado a desempenhar, não é apenas a de ser um professor de Ensino Religioso Escolar, mas comporta um papel específico que lhe advém de ser um enviado da Igreja, a quem cabe, nalguns casos, um primeiro anúncio. No

¹⁵⁸ Cf. Lc 16, 19-31 in, http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_1

¹⁵⁹ José Manuel Pereira de ALMEIDA, “Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade?” in Sergio BASTIANEL, *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013, p.141.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 138.

entanto, a disciplina de EMRC comporta uma visão própria¹⁶¹ na sua designação, que não se confunde com a catequese, mas antes a complementa,¹⁶² e não a impede de, no âmbito escolar, tomar iniciativas, de acordo com os seus valores¹⁶³ que emanam do mandato que lhe foi atribuído, a favor dos mais pobres e carenciados, de modo a relevar a sua dignidade e o seu valor próprio. A pobreza, que não se deseja, mas existe, entra pela escola adentro e requer do professor de EMRC um olhar atento com vista à sua superação.

Tal como as primeiras comunidades cristãs davam testemunho (kerigma), também o professor de EMRC deve estar atento aos problemas sociais existentes na sua comunidade escolar e pôr-se ao serviço e cuidado dos outros, pois é isso que a Igreja lhe pede. Da transmissão da fé, enquanto cultura e proposta da Igreja, enquanto anúncio, portadora de um conjunto de valores que assentam no múnus evangélico, passamos à ação comprometida com todos aqueles que necessitam de ajuda,

“aos cristãos de hoje não deveria afigurar-se estranho este modo de presença, no seio do mundo, que recebemos da tradição da Igreja. Ela expressa-se com clareza já no escrito séc. I, a *Carta a Diogneto*, onde se recorda o facto de que os cristãos «não têm uma particular conceção da cidade ou da nação. Têm conjuntamente com os outros cidadãos, a vocação de contribuir para tornar este mundo mais justo, mais habitável, mais cheio de respeito por cada um».”¹⁶⁴

Por isso, como nos adverte o Papa Francisco na sua mensagem,

“Então, compreende-se que não aprendemos a esperar sozinhos. Ninguém aprende a esperar sozinho. Não é possível! Para se alimentar, a esperança precisa necessariamente de um «corpo», no qual os vários membros se ajudem e se reavivem uns aos outros. Então, isto quer dizer que se nós esperamos é porque muitos dos nossos irmãos e irmãs nos ensinaram a esperar, mantendo viva a nossa esperança. E entre eles, distinguem-se os pequeninos, os pobres, os simples, os marginalizados. Sim, pois quem se fecha no próprio

¹⁶¹ Pascual MAYMÍ PONS, *Pedagogia de la Fé*, San Pio X, Ediciones 1998, p.193.

¹⁶² Jaime PUJOL BALCELLS, *Introdução a la pedagogia da fé*, Eunsa 2001, p.114.

¹⁶³ Pascual MAYMÍ PONS, *Pedagogia de la Fé*, San Pio X, Ediciones 1998, p.193.

¹⁶⁴ José Manuel Pereira de ALMEIDA, “Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade?”, in Sergio BASTIANEL, *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013, p.140.

bem-estar não conhece a esperança: só espera no seu bem-estar, e isto não é esperança, mas segurança relativa; quem se fecha na própria satisfação, quem se sente sempre à vontade não conhece a esperança... Quem espera, ao contrário, são aqueles que experimentam cada dia a provação, a precariedade e o próprio limite. São estes nossos irmãos que nos dão o testemunho mais bonito, mais vigoroso, porque permanecem firmes na confiança no Senhor, conscientes de que, para além da tristeza, da opressão e da inevitabilidade da morte, a última palavra será sua, e será uma palavra de misericórdia, de vida e de paz.¹⁶⁵

Por vezes, ficamos tranquilos por ensinarmos aos nossos alunos, um conjunto de princípios acerca do modo de viver juntos, enquanto cidadãos, e esquecemo-nos de que, muito mais poderia ser feito com esses mesmos alunos, de modo a sensibilizá-los, pela prática, no modo de acolher o outro, que passa por dificuldades no seio da comunidade, fruto do desemprego, pobreza, dificuldades económicas, e proporcionando aos alunos uma oportunidade de aprendizagem significativa,¹⁶⁶ aprendendo pela prática/ fazendo.

2.2. O acolhimento dos mais frágeis e seu cuidado a partir da solidariedade

Na escola, nem sempre nos damos conta da situação existencial em que se encontra cada aluno. Ao fazermos a caracterização da turma, temos acesso a um conjunto de dados que revelam um pouco da situação económica e financeira da família do aluno, mas que não revela a sua situação existencial, as carências por que passa, as condições habitacionais em que vive, a falta de condições mínimas de existência, garante mínimo da satisfação das necessidades básicas (Maslow).

Para acedermos à situação concreta do aluno e podermos contribuir positivamente para a resolução de parte dos seus problemas, a partir de projetos que envolvam a escola e os seus

¹⁶⁵ PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral*, Quarta feira, 8 de fevereiro de 2017, in, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170208_udienza-generale.html

¹⁶⁶ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGRAW-HIL Editora. Lousã 1999, p.4.

alunos, temos de perceber o seguinte em relação à condição humana presente na condição urbana exige,

“Buscar entre possibilidades e limites, os caminhos de uma vida mais humana na cidade é, pois, uma tarefa que nos pode efetivamente unir, crentes e não crentes, na aperceção consciente das dificuldades e da riqueza do diálogo que podemos desenvolver.

Sabemos que o diálogo é sempre uma relação interpessoal. Dialogar significa estar diante do outro com a capacidade de escuta de palavra. A minha escuta do outro dever ser sincera, não tácita, não feita em vista fim funcional e útil para mim próprio. Escutar verdadeiramente, perante o outro, significa poder contar com ele para compreender melhor, saber poder alterar o modo particular de ver por causa da sua ajuda. Falar significa comunicar com o outro, não por astúcia, mas com confiança, sabendo que o outro é capaz de compreender o que lhe digo, disposto a compreender-me melhor também a mim graças ao discurso comum, partilhando, através da palavra comum, a existência, na aperceção consciente de que este partilhar faz parte do *humanum* da nossa humanidade. Neste sentido, o diálogo é caminho e critério de relação pessoal autêntica, da realização da partilha possível aqui e agora.”¹⁶⁷

Neste confronto diário com o mundo que nos rodeia, não podemos deixar de olhar para o outro e verificar o modo como se apresenta, pois,

“Perante o outro não temos necessidade de nos defender. O cristão aprendeu do Senhor que o entregar-se, estabelecendo com o outro relações livres porque libertadoras da liberdade de outrem, não é só desejável, mas também possível. Em virtude do encontro com Deus em Jesus, no seu medo de se tornar próximo, ele aprende que o reinar de Deus na terra não se leva a cabo pela vitória sobre o outro, mas no ver no outro um irmão, e não um inimigo, em deixar de viver pelo medo da morte, em consonância com uma experiência de consciência moral liberta pela fé na ressurreição.”¹⁶⁸

De um outro modo, o acolhimento do pobre, do necessitado, do refugiado, consiste num modo de habitar o mundo, segundo a hospitalidade e o acolhimento do outro, pois o estilo de vida do cristão não,

¹⁶⁷ José Manuel Pereira de Almeida, “Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade?” In Sergio BASTIANEL, *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013, p.145.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.151.

“é um conjunto de conteúdos prescritos, é ordenação de valores outorgada na busca de um rosto concreto de vida e de escolhas possíveis. Vivê-lo acolhendo a intencionalidade do Senhor significa estabelecer o outro e a caridade como critério de valoração do bem possível.”¹⁶⁹

Assim, os valores transmitidos, no âmbito dos objetivos específicos da UL1, *Viver juntos*, que permitem operacionalizar um conjunto de competências (saber em ação/fazer) e que se consubstanciam em metas apresentadas, como resultado final daquilo que se espera que o aluno consiga fazer, após o percurso letivo, permitem, de um ponto de vista da cidadania e da interdisciplinaridade, a incorporação em atividades que promovam o bem comum, e que possibilitem aos alunos por em prática as aquisições teóricas decorrentes dos conteúdos transmitidos. Nas palavras do Doutor Jorge Sampaio, na introdução à obra *Educação para cidadania*,

“O nosso tempo apresenta problemas radicalmente novos e desafios nunca antes conhecidos, experimentando mudanças aceleradas e que têm reflexos em todos os domínios da vida e da atividade humana. Esta situação, tão complexa e tão cheia de incógnitas, exige de todos maior e melhor participação, tendo em vista o aparecimento de formas de intervenção mais adequadas, mais eficazes e mais consistentes. (...) A cidadania é responsabilidade perante nós e perante os outros, consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, de realizar, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e ação que se pensa.”¹⁷⁰

De facto, o problema da pobreza em meio escolar acarreta para dentro da sala de aula dificuldades na aquisição dos saberes, fruto das “limitações” que esses alunos incorporam no seu ser, mas também constituem uma oportunidade de pôr em prática os ensinamentos do evangelho e que requerem dos atores responsáveis pela transmissão do saber, (professores,

¹⁶⁹ *Ibidem*, p.152.

¹⁷⁰ Mendo Castro Henriques, *Educação para a cidadania*, Plátano Editora, Lisboa 1999, p.4.

escola, pais e comunidade escolar) ações concretas que permitam fazer o acolhimento necessário do outro, que se encontra em dificuldade e que requer da nossa parte, uma desinstalação do comodismo profissional. Se é verdade que as organizações não governamentais já desempenham um papel muito ativo na defesa dos mais fracos, pois,

“assumem um papel cada vez mais importante na atual comunidade internacional ... [onde apoiam] e impulsionam projetos em áreas tão diversas quanto o meio ambiente, direitos humanos, desenvolvimento económico, assistência e saúde, formação e educação”,¹⁷¹

também não deixa de ser verdade que, como diz Daniel Bell, “*o Estado atual é pequeno demais para as grandes tarefas e grande demais para as pequenas*”,¹⁷² pelo que, enquanto cristãos empenhados, na construção de uma sociedade mais justa e mais humana, e uma humanidade respeitadora do valor humano, devemos pôr os nossos conhecimentos e capacidades ao serviço do cuidar do outro, acolhendo-o, nomeadamente quando o outro é o pobre e o desvalido, que na escola é “abandonado” e posto à margem, pelos pares, e por vezes, por alguns adultos. No entanto,

“se na nossa história as condições objetivas de pobreza, em todos os modos em que a pessoa é humilhada e magoada, são objetivamente o resultado de um agir humano oposto à ação de Deus, não haverá então objetivamente acolhimento do senhorio de Deus e efetiva busca de justiça, a não ser *privilegiando o fraco*”.¹⁷³

Do mesmo modo, também Oscar Rodriguez Maradiaga enfatiza que,

“uma Pastoral Social de base missionária não vive obcecada pela transmissão pura da doutrina mas centra-se no anúncio do essencial ao homem e aqui inclui-se a dimensão social, explicitamente inerente à sua condição de pessoa necessitada de evangelização. No mundo de hoje, não podemos criar compartimentos fechados nem por em causa a evangelização pois para que esta seja “plena” tem que ser “integral”, e para que o seja na verdade não pode de deixar de iluminar com a caridade, a justiça e a verdade a dimensão

¹⁷¹ *Ibidem*, p.191.

¹⁷² *Ibidem*, p.27.

¹⁷³ José Manuel Pereira de ALMEIDA, “Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade”? in Sergio BASTIANEL, *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013, p.156.

“social”. Por isto, o social na evangelização não se pode considerar opcional pois é uma realidade constitutiva e obrigatória da ação evangelizadora” .¹⁷⁴

que promove a inclusão e faz do outro o centro da atividade educativa, pois a inclusão é tema presente nas palavras do próprio Jesus: “*Dai-lhe vós mesmos de comer*”, (Lc 9, 13) o que fomenta,

“a inclusão dos outros naquilo que podia fazer por si próprio, para que eles também se desenvolvam e se desdobrem em competência própria, é a base do princípio da subsidiariedade. Nunca perder o sentido do “todo” e sentir que o problema do “outro” é o meu próprio problema é o princípio da *solidariedade*.¹⁷⁵

De facto, o acolhimento do outro, do pobre, do excluído, que nos é apresentado no dia a dia profissional, requer uma atenção específica que coloque o mesmo como foco do educador. A equidade no tratamento e no exercício dos direitos à educação em igualdade de oportunidades, requer que se tenha em conta o mundo em que vive o mais frágil, o qual requer o reconhecimento do mundo vivido pelo outro, pois o mundo é sempre uma construção do sujeito, como refere Merleau-Ponty, pelo que,

“todos: professores, dirigentes, pastores, pais e mães, alunos podemos ser sinais de um mundo diferente, onde cada um seja reconhecido, aceite, incluído, dignificado, e não só pela sua utilidade, mas também pelo seu valor intrínseco de ser humano, de filha ou filho de Deus. Chamados a sermos criativos, [...] teremos de perguntar a nós mesmos o que é que fazemos como Igreja, como escola, como professores, para contribuir para uma mentalidade e uma prática verdadeiramente inclusiva e universal e para uma educação que ofereça possibilidades não só a alguns, mas a todos os que estiverem ao nosso alcance, através dos diversos meios que tivermos.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Oscar Rodríguez MARADIAGADA, “Dimensão Social Evangelização no mundo de hoje”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.15.

¹⁷⁵ Manuel CLEMENTE, “A mensagem económica e social do Papa Francisco”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.54.

¹⁷⁶ Jorge Mario BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas Editora, Prior Velho 2015, p.26.

2.3. O cuidado do outro resultante da convivência e acolhimento

Por natureza, o ser humano é um ser que vive acompanhado, ou seja, vive com os outros, com quem partilha um espaço, uma identidade e uma cultura. A palavra “convivência” deriva do latim, de *conviventia*, do verbo *convivere*, que quer dizer todo aquele que convive e vive com. Este mesmo verbo utiliza-se, igualmente, com igual legitimidade, para expressar a ação de conviver, com a de comer conjuntamente ou de acompanhar alguém à mesa, pois os convivas são aqueles que se sentam à mesma mesa, partilhando a refeição conjuntamente.

Deste dado originário do viver com, percebemos como o tornar-se próximo, o viver com, pode ser um caminho interessante para desenvolver o cuidado do outro pondo-o como fundamento do agir humano, pelo que,

“para nos tornarmos próximos não basta um espontâneo sentir, nem aquilo que o forma em virtude de precompreensões e atitudes amadurecidas no tempo. No modo como hoje sentimos está presente o que de nós fizemos, o modo de nos compreendermos e decidirmos por vezes não explícito, mas implicitamente operante. Nisso já experimentamos uma realidade de proximidade: tornamo-nos próximos, porque somos filhos de uma história de mediações que nos formam e nos acompanham para interpretar a realidade e para nela nos movermos.”¹⁷⁷

De facto, parece que o tornarmo-nos próximos, requer um viver conjunto da vida e dos problemas do outro, por exigir o acolhimento do outro com os seus problemas e modo de ver o mundo, já que, sendo filhos da mesma história, as suas mediações que nos acompanham na nossa identidade, ajudam-nos a compreender a realidade na qual nos movemos e a poder efetuar uma aproximação ao mundo do outro que necessita do nosso cuidado, pois não são só as condições de

¹⁷⁷ Donatella ABIGNENTE, “Próximo, responsáveis, discípulos. O sentido de uma perspetiva.”, José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p. 65.

“interdependência económica e política que vivemos, mas também o nosso sentir e decidir segundo valores culturais, possibilidades e limites históricos [que] (meu) nos recordam que não somos autónomos no sentido de independentes”.¹⁷⁸

e assim, neste sentido, não podemos chamar de proximidade a toda a vizinhança ao outro. Tem de haver uma aproximação que não pode ficar pela mera compaixão, mas requer o estabelecer de uma relação que pode surgir, que pode ocorrer, a partir da compaixão, já que a mesma emana de uma referência às entranhas maternas que pressupõem o estar envolvido intimamente por uma presença que se impõe no silêncio. Assim, é no evento da moralidade pessoal que se

“torna possível a novidade da experiência da compaixão num horizonte que transcende a solidariedade orgânica; é a assunção da ‘voz’ ou instância íntima de livre responsabilidade para nos abirmos ao cuidado do outro porque é outro, para que ele próprio se torne autónomo gerador de palavra e de vida”.¹⁷⁹

O cuidado do outro a partir do seu acolhimento e da convivência que emana da possibilidade de estarmos juntos requer um viver na relação que reconhece o outro, não como uma coisa, mas como alguém semelhante e diferente, que se apresenta como um tu dialogal que,

«“pretende entrar no meu projeto e que já dentro dele se encontra com a simples força da sua presença e com a mera força da presença”, antes ou, amiúde, sem a possibilidade de exigir coisas, “julga inevitavelmente a totalidade do que eu sou” com base na qualidade do meu responder. O outro existe não dependendo de mim, mas dos diferentes modos de encontrar-me perante ele o seu existir assinala sempre também o meu, fazendo de mim um sujeito reconhecedor-reconhecido, e nunca posso proceder como se não existisse. Neste sentido, cada “tu” dirige-me um apelo: pede-me para o acolher como pessoa. Disto dependerá também a qualidade propriamente “humana” do meu viver pessoal: “trata-se de ter de responder pela presença do outro, não só de responder ao outro na eventual pergunta ou pretensão explícita que me pode apresentar”. À objetividade de uma presença e de um apelo responde a objetividade de um *novo sentido* dado ao meu

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p.65.

existir; *perante o outro*, o meu *conhecimento* e a minha *liberdade* são chamados a tornar-se *responsabilidade*” .»¹⁸⁰

É na resposta ao tu que se nos apresenta na convivência social que somos “convidados” a tomar em nossos braços o peso da responsabilidade da qualidade do seu existir, na medida em que nos pede que reconheça a sua existência. Mas, e aquele que não existe para mim, para nós, pelo afastamento “voluntário” a que se submeteu, fruto das injustiças e fraquezas humanas? Aí, no fundo da má consciência coletiva, emerge o problema do outro, não como presente, mas como ausente, imanente à consciência em situação existencial de negação da dignidade humana, pelo que,

“o ser humano é indivíduo e sociedade. Nós temos uma dimensão social no nosso ADN. O ser humano jamais vai amadurecer se se fechar em si próprio. É preciso abrir-se para a dimensão social (...) A mensagem do Evangelho não é exclusão. Vão a todo o lado, anunciem. Não se diz: “este estava a pregar e não é dos nossos”. O Senhor diz: “deixem-no, está connosco”. Não podemos pensar que os excluídos podem continuar excluídos. Temos de os incluir” .¹⁸¹

Assim sendo, no âmbito de ação evangélica, qualquer cristão, independentemente do papel que desempenhe na sociedade, deve de ir ao encontro do outro que necessita de cuidado, pois, como ser de relação, não se pode permitir o seu afastamento do contacto social por falta de cuidado, pelo que fazem sentido as seguintes palavras,

“«Não, não vos quero aqui, quero que saiam, para procurar quem está debaixo das pontes, quem dorme na rua”. Não quer que sejam as pessoas a procurá-los, quer que sejam eles a procurar as pessoas. Esta é a mudança necessária. Não podemos pensar que os excluídos podem continuar excluídos. Temos de os incluir.»” .¹⁸²

De facto, a vida humana, para ser vida humana, tem de ser “regada” da presença do outro, pois, só assim, o humano se vê na mesmidade do outro que se apresenta como alteridade. O

¹⁸⁰ *Ibidem*, p.67.

¹⁸¹ Oscar Rodríguez MARADIAGA, “Dimensão Social, Evangelização no mundo de hoje, Respostas no debate”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.37.

¹⁸² *Ibidem*, p.37.

viver juntos não é só condição social e antropológica, é, antes de mais, condição ontológica do próprio existir humano, pelo que, afastado do seu semelhante, o homem nega aquilo que é, ou seja, ser de relação e para a relação, pelo que:

“Viver é conviver. Quem não convive e não tem possibilidade de conviver, morre. Morre socialmente e acaba por morrer fisicamente. E específica: «Em consequência desta situação, grandes massas da população vêem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. [...] Já não se trata simplesmente do fenómeno da exploração e da opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.»¹⁸³

Este problema moderno destrói o outro enquanto outro e remete-o para o canto da inexistência e indiferença, pelo que é urgente, no âmbito do agir a partir de uma ética cristã, estar atento ao outro e não permitir que, por falta de cuidado, contribuamos para o afastamento do mais débil e frágil¹⁸⁴ aniquilado pela competição e indiferença social.

¹⁸³ Manuel CLEMENTE, “A mensagem económica e social do Papa Francisco”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p.51.

¹⁸⁴ José Manuel Pereira de ALMEIDA, “Bem-aventurados os portadores de brechas porque deixarão passar a luz”, (Sobre os números 209-216 da *Evangelli gaudium*, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016, p. 161., “*Frágil quer dizer isso mesmo: parte-se. Ora a fragilidade diz-nos respeito a todos. Desde o primeiro instante da vida. Desde pequenos que, para sobreviver, temos de lutar contra a fragilidade. Crescermos. Termos mais força. Evitarmos a doença. Tratarmo-nos.*”.

3. Mito de Higino

"Certo dia, Cuidado tomou um pedaço de barro e moldou-o na forma do ser humano. Nisso apareceu Júpiter e, a pedido de Cuidado, insuflou-lhe o espírito. Cuidado quis dar-lhe um nome, mas Júpiter proibiu-o, querendo impor-lhe o nome. Começou, então, uma discussão entre ambos. Nisso apareceu a Terra alegando que o barro é parte do seu corpo e, que por isso, tinha direito a escolher um nome. Gerou-se uma discussão generalizada e sem solução. Então todos aceitaram chamar Saturno, o velho deus ancestral, para ser o árbitro. Este tomou a seguinte sentença, considerada justa: Tu, Júpiter, deste-lhe o espírito, receberás o espírito de volta quando essa criatura morrer. Tu, Terra, que lhe forneceste o corpo, receberá o seu corpo de volta, quando esta criatura morrer. E tu, Cuidado, que foste o primeiro a moldar a criatura, acompanhá-la-ás, durante todo o tempo que viver. E como vocês não chegaram a nenhum consenso sobre o nome, então, decido eu: chamar-se-á homem que vem de húmus que significa terra fértil".¹⁸⁵ (GAIUS JULIUS HYGINIUS) Tradução livre por Jorge Nogueira

3.1. A escola, espaço de serviço, cuidado e acolhimento

A escola, desde sempre, teve na sua missão educativa um conjunto de finalidades paralelas na formação dos cidadãos, mas, como é comumente aceite, hoje olha-se para a educação escolar partindo do pressuposto que

“a educação escolar tem uma função importante na preparação para a vida adulta, proporcionando não apenas ocasiões de aprendizagem do saber disciplinarmente organizado e de contacto como os modos sociais de pensar, sentir e agir, mas também favorecendo o desenvolvimento humano dos alunos”¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Leonardo BOFF, *El cuidado esencial, Ética de lo humano, compasión por la tierra*, Editorial Trotta, Madrid 2002, p.34.

¹⁸⁶ Bártolo Paiva CAMPOS, *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa 1990, p.11.

Com base na Lei Bases do Sistema Educativo, podemos perceber que a educação ministrada nas escolas visa a instrução, a socialização e o desenvolvimento, sendo que,

“Para esta, os objetivos de formação geral de todos os cidadãos não se limitam à aquisição da cultura moderna nas suas dimensões literárias, científicas, tecnológicas e artísticas, nem à adesão consciente e crítica aos valores e normas sociais, mas abrangem ainda o desenvolvimento da personalidade e de uma série de competências de vida. Com efeito, segundo a mesma lei, a educação deve contribuir para a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos, solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho; desenvolver o espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões; formar cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se inserem e de se empenharem na sua transformação progressiva; proporcionar experiências que forneçam a maturidade cívica e socio-afetiva, criando atitudes e hábitos práticos de relação e cooperação quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante; contribuir para aprendizagem da utilização criativa de tempos livres; fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação”.¹⁸⁷

Sendo a educação uma missão que a escola é chamada a desempenhar com qualidade científica e dimensão humana, na prestação do serviço, é de realçar a possibilidade que os educadores têm de ajudar a edificar uma sociedade mais justa, e mais humana, onde estejam presentes os valores da justiça, da equidade, da tolerância, da paz, da aceitação e do acolhimento do outro. A escola, enquanto espaço de convivência, deve proporcionar experiências que ajudem a crescer nestes valores promotores de uma nova humanidade e por isso, fazem muito sentido as palavras do Papa Francisco ao afirmar,

“Não penso enganar-me ao intuir que a vossa tarefa como educadores vai ter de *sobressair* neste desafio. Criar coletivamente uma realidade melhor, com os limites e possibilidades da história *é um ato de esperança*” pelo que, “atuar criativamente implica

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 11-12.

responsabilizar-se seriamente pelo que há, em toda a sua densidade, e encontrar o caminho pelo qual a partir dali se manifeste algo novo”.¹⁸⁸

Criar outro mundo, criar um mundo novo, criar com criatividade um mundo novo, requer que se olhe para a escola como um serviço à comunidade e implica uma educação que tome o outro a seu cuidado, como dizia S. João de Bosco, “a educação é uma questão de coração”, pelo que temos de cuidar do “nosso” irmão que necessita de acompanhamento personalizado na sua caminhada pelas estradas da aprendizagem e da construção do saber. Assim, a escola, para além de um espaço de ensino-aprendizagem, tem de ser também um espaço de acolhimento do outro que se apresenta perante mim numa condição de fragilidade, quanto ao conhecimento, quando não consegue atingir o desempenho dos outros alunos e toma consciência disso, sentindo-se angustiado e desesperado, por não conseguir atingir os níveis dos seus colegas, manifestando a sua frustração pelo insucesso. Por vezes, esses resultados são resultado do desnivelamento sociocultural dos alunos, provenientes das classes mais pobres e com maiores dificuldades no dia a dia, pelo que é preciso estar atento e saber aceitar o outro como ele é, e acolhê-lo de modo a que se sinta bem e ganhe a confiança que lhe permita enfrentar as dificuldades por que passa, ganhando gosto pelo espaço em que está inserido, e reconheça o seu valor e amor próprio que lhe permitem ultrapassar as suas fragilidades pessoais.

Sendo a escola um espaço de serviço público à educação, seria bom que professores e educadores tomassem em seus braços o cuidado do outro, provendo todas os meios possíveis, pessoais (vontade/disponibilidade/conhecimento), profissionais e institucionais, de modo a efetuar um acolhimento condigno e humano do outro. Na falta dos mesmos, a criatividade humana e a vontade pessoal, profissional e institucional serão sempre uma alavanca promotora do agir humano orientado para ir ao encontro das necessidades do outro, se tiverem sensibilidade e disponibilidade para os acolher, pois, numa lógica cristã

¹⁸⁸ Jorge Mario BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho 2015, p.8-9.

“todo o homem deve ter o seu lugar e cada um é imprescindível (...) porque uma sociedade não inclusiva é, na realidade, uma sociedade potencialmente inimiga de todos. E (...), porque aquele que foi esquecido não se vai resignar tão facilmente. Se não pôde entrar pela porta, tentará fazê-lo pela janela” sendo que uma “missão imprescindível de todo o cristão é apostar na inclusão, trabalhar pela inclusão.”¹⁸⁹

estando, assim, ao serviço da comunidade com um forte sentido de gratuidade, de todo o seu ser, em prol da educação, do outro, da comunidade e, em última instância, na promoção do bem comum.

3.2. Quando amamos cuidamos quando cuidamos amamos

Quando passamos pelas escolas católicas fundadas por S. João Bosco, deparamo-nos com a inscrição “*A educação é uma questão de coração.*”, o que nos soa como advertência séria e amiga, da íntima ligação a Deus, detentor das chaves da missão educativa. Não basta saber e conhecer. É preciso amar, e o amor brota do coração.

De facto, educar, mais do que um ato intelectual, é uma atividade que requer um gosto e um profundo sentimento (emotivo) por aquilo que se faz a pensar no outro e no seu desenvolvimento, o que acarreta, por extensão, a necessidade de prestar atenção ao seu cuidado. Já o Concílio do Vaticano II, na Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (GS), nos diz que “*O amor de Deus não se pode separar do amor do próximo*”,¹⁹⁰ pelo que o amor ao próximo se reveste da mais alta expressão de amor: a caridade, só possível de ser manifestada “*no sincero dom de si mesmo.*”¹⁹¹

No mesmo sentido nos fala Joseph Gevaert ao afirmar que

“A estrutura interpessoal resplandece com maior claridade quando se considera a função do amor na existência humana. Tanto o amor que um ser humano recebe dos outros,

¹⁸⁹ Jorge Mario BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p.25.

¹⁹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, GS, n.º 24.

¹⁹¹ *Ibidem*.

como o amor que lhes dá ilustra a mesma dimensão interpessoal da existência. O amor recebido dos outros é um dos fatores mais determinantes para o desenvolvimento e equilíbrio da pessoa. O facto de tomar consciência de si como ser «humano», isto é, como pessoa, como centro de dignidade, de bondade, de valor insubstituível e único, de dignidade e de criatividade... não é um dado espontâneo que se verifica num determinado ponto do desenvolvimento, em medida mais ou menos igual para todos os indivíduos da espécie, algo assim como o crescimento do cabelo na cabeça ou o despertar do instinto sexual na puberdade. Em conformidade com a estrutura intencional da consciência humana, de que tivemos ocasião de falar anteriormente, o homem percebe-se a si mesmo ao sair fora de si, no contacto com o outro. Por isso, se percebe a si mesmo como pessoa, como ser de bondade e liberdade, quando o outro o trata como tal”.¹⁹²

Assim, amar é fundamental na ação educativa, pois somos o que amamos e amamos na medida daquilo que somos. Se o amor tem uma presença fundacional no humano, naquilo que ele é, quanto à sua estrutura antropológica, então é fundamental amar o outro (crianças) no ato educativo, pois só assim conseguiremos aceder ao coração das crianças e jovens, ajudando-os a um desenvolvimento equilibrado e harmonioso, que verdadeiramente os ajude a construir uma identidade que reconheça a dignidade e valor humano de um modo integral, já que

“O amor é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, amor eterno e Verdade absoluta. Cada um encontra o bem próprio, aderindo ao projeto que Deus tem para ele a fim de o realizar plenamente.”¹⁹³

Do mesmo modo, também A. Terruwe realça esta dimensão, ao referir que

“A afirmação, contida no amor afetivo, é por isso mesmo o fundamento de toda a existência social do homem; é ela que dá ao homem ser o que é, e ao dá-lo a si mesmo, fê-lo capaz de ser para os outros, de dar-se aos outros”.¹⁹⁴

¹⁹² Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.54.

¹⁹³ BENTO XVI, *Caridade na verdade, (Caritas in veritate)*, Paulinas, Prior Velho 2009, p. 5.

¹⁹⁴ Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.55. in A. TERRUWE, *De liefde bouwt een woning*, Roermond 1971, p. 31.

Numa outra dimensão, na perspetiva cristã, o amor humano é imagem de um “outro” amor que emana de Deus, pois Deus é amor (1 Jo 4,8), e é a partir deste amor que configuramos o amor humano, pois se o homem ama é porque foi criado por amor e para o amor. O amor é, assim, a roda motriz que permite ao humano harmonizar-se com Deus que o criou à sua imagem e semelhança, pelo que o amor humano fica realçado ao afirmar-se

“o amor ativo aos outros, não menos do que o amor que se recebe dos outros, é indispensável para a realização do homem. Talvez todo o amor que se recebe do outro inclua em si mesmo a exigência da reciprocidade [...] de todos os modos é um facto que na resposta ao amor e às chamadas que o ser necessitado dirige aos outros, é onde o homem se desenvolve de verdade a si mesmo e chega à maturidade da sua existência humana. Escutando e acolhendo a chamada do outro (do pobre, do necessitado, da pessoa amada...) o homem liberta-se a si mesmo, solta as forças criadoras que tem dentro de si e põe-as ao serviço do reconhecimento dos demais. A experiência demonstra precisamente que é o assumir da responsabilidade frente à pessoa amada que faz com que se amadureça em humanidade. Na educação pode comprovar-se facilmente o progresso que pode fazer o educando quando começa a querer o educador e a comprometer-se em responder ao seu amor.”¹⁹⁵

o que denota a importância da dimensão afetiva no crescimento e desenvolvimento pessoal. Assim, fazem sentido as palavras de Leonard Boff quando declara,

“Daí se evidencia que o dado originário não é o logos, a razão e as estruturas de compreensão, mas o pathos, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido.”¹⁹⁶

o que realça a importância do cuidado na educação e no crescimento/desenvolvimento dos infantes. O cuidado é a condição primeira que permite um crescimento harmonioso e capaz

¹⁹⁵ Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.56.

¹⁹⁶ Leonardo BOFF, *Saber cuidar: ética do humano*, Vozes 1999, p.2.

de reconhecer o outro na inter-relação do cuidado, (não referimos à alimentação na presente análise) e que apareceu há uns anos atrás representada num jogo para crianças, em que,

“Esta antirrealidade [jogo japonês - tamagotchi] afeta a vida humana naquilo que possui de mais fundamental: o cuidado e a «compaixão». Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos ensinam-nos que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, como basicamente no cuidado. O cuidado é, verdadeiramente, o suporte leal da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o *ethos* fundamental do humano. Isto é dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que convertem a vida num viver bem e as ações num reto atuar.”¹⁹⁷

Pelo que acabámos de ver, não se trata apenas de um jogo, trata-se de uma dimensão absolutamente essencial para o crescimento humano. O cuidar do outro no viver conjunto é fundamental para um desenvolvimento harmonioso que potencie todas as capacidades individuais, passíveis de serem postas à disposição dos outros, com base no desenvolvimento da criatividade, que, por sua vez, contribuíram, para a promoção não só dos interesses individuais, mas também da defesa e promoção do bem comum.

3.3. Do amor à necessidade do cuidado na escola, como ponto de encontro entre diferenças.

Como temos vindo a constatar, a necessidade do cuidado é essencial no desenvolvimento humano e pode ser uma porta aberta ao encontro das diferenças existentes no meio escolar. Ser professor requer, assim, naquele que ensina, a capacidade de ver no outro uma forma de exercer a humanidade comum a todas as pessoas, pois

¹⁹⁷ Leonardo BOFF, *El cuidado esencial, ética de lo humano compasión por la tierra*, Editorial Trotta 2002, p.14.

“o professor é quem ama e ensina a difícil tarefa de amar todos os dias, dando o exemplo, mas também ajudando a criar dispositivos, estratégias, práticas que permitam fazer dessa verdade básica uma realidade possível e efetiva. Porque amar é muitíssimo mais do que sentir de vez em quando uma ternura ou uma emoção. É todo um desafio à criatividade! Uma vez mais, trata-se de inverter o raciocínio habitual. Primeiro, trata-se de tornar-se próximo, de dizermos a nós mesmos que o outro é sempre digno do nosso amor. E depois será preciso ver como, por que caminhos e com que energias. Encontrar a forma (diferente de cada vez, certamente) de dar a volta aos defeitos, limitações e até maldades do outro (dos alunos neste caso), para poder desenvolver um amor que seja, em concreto, aceitação, reconhecimento, promoção, serviço, dom.”¹⁹⁸,

e que só a educação pode transformar. Não podemos esquecer, que é à escola que cabe preparar os futuros cidadão para o mundo do trabalho, mas que não se esgota aí a sua missão. É preciso ensinar a ser¹⁹⁹ e essa é a missão mais nobre do ato educativo, pelo que “*fundar escolas é semear nas almas*”²⁰⁰ as ideias que contribuem para edificação de uma sociedade de convivência pacífica e feliz. Porém, nunca é de mais lembrar que “*o mundo do homem é o espaço histórico-cultural donde o homem, junto com os demais tenta realizar a sua própria existência criando um mundo mais humano*”²⁰¹, mas, para isso é necessário que o homem aprenda a conviver com os outros, com base em valores, princípios e normas que ajudem a realizar todo o seu potencial.

Numa sociedade contemporânea multicultural é preciso ser capaz de acolher e cuidar do outro tal qual ele se nos apresenta, ou seja, na perspetiva da Igreja, a historicidade humana mostra-nos a auto revelação de Deus ao homem, pelo que a Igreja “*é chamada a viver como sacramento, o cuidado do humano e o diálogo com as culturas históricas, para lá dos confins*

¹⁹⁸ Jorge Mario BERGOLGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho 2015, p.138.

¹⁹⁹ Jacques DELORS, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, Edições Asa, 1996.

²⁰⁰ Jorge Mario BERGOLGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho 2015, p.17.

²⁰¹ Joseph GEVAERT, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1993, p.119.

da pertença a uma tradição religiosa.”²⁰², conforme linha orientadora da *Gaudium et Spes* e da *Lumen Gentium*.

Assim, na educação, convém não esquecer, para além do acolhimento e do cuidado, o respeito pelo pluralismo, bem como devemos ser promotores, em sociedade multiculturais, do respeito e do desenvolvimento da tolerância que deve levar ao acolhimento e aceitação do outro. A tolerância é sempre um ponto de partida de respeito pelo outro, que não deve ficar por aí, pois isso significa apenas que o toleramos, e não que o sentimos como um irmão. Assim, como nos indica Cataldo Zuccaro,

“passasse da afirmação da tolerância e do pluralismo como concessões a partir de cima, para evitar males maiores, à afirmação deles, entendidos agora como impostos pela própria dignidade da pessoa. Os dois termos, tolerância e pluralismo, intimamente ligados, surgem aplicados ao discurso relativo ao bem e à verdade, embora sobre este último aspeto nem sempre se clarifique a que verdade se alude.”²⁰³

Há, de facto, necessidade de um verdadeiro acolhimento e um cuidado profundo do outro como um irmão que é diferente, (cultura, modo de ser, posição social) mas que requer o cuidado a partir do coração, pois,

“todos os seres humanos sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada pessoa”.²⁰⁴

Considerações finais sobre o capítulo II

Falar de cuidado é falar do homem. Desde o nascimento até à morte, o ser humano é um ser de cuidado. O homem descobre-se como humano pelo cuidado do outro, que o acolhe e que o “faz” ser. A aceitação do outro e o seu acolhimento originam a possibilidade de crescimento e desenvolvimento, o que lhe permite passar de infante a parlante.

²⁰² José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p.25.

²⁰³ Cataldo ZUCCARO, *Hermenêutica histórica, pluralismo e diálogo*, in *Ibidem*, p.112.

²⁰⁴ BENTO XVI, *Caridade na verdade, (Caritas in veritate)*, Paulinas, Prior Velho 2009, p. 5.

O ser humano descobre a sua humanidade através dos cuidados do outro, pelo que, de um mesmo modo, por intermédio de Jesus que se fez acolher em Belém e veio habitar entre nós, nos foi revelada a verdadeira identidade humana, por Ele revelada na cruz. Jesus, que, enquanto Deus, fez-se homem, fez-se acolher, para nos mostrar na sua condição humana, a nossa filiação divina. O aceitar o outro, o acolher o outro no coração humano é condição *sine qua non* para a revelação do divino no humano e do humano no divino e, para que tal possa suceder, são necessárias as mediações que só a linguagem permite.

Assim, acolher o outro, cuidar do outro, na sua singularidade e fragilidade, requer da escola em particular e da sociedade em geral, a capacidade de estar atento ao mais pobre e fragilizado, facultando-lhe os meios necessários para manifestar o seu potencial, que emana do seu valor e dignidade própria. Se o outro é um ser de relação e para a relação, não pode ser afastado e deixado para trás, devido às suas limitações económicas, sociais ou intelectuais, pelo que há a necessidade de tomar as medidas pedagógicas necessárias para que possa manifestar todo o seu potencial. A um nível mais elementar, é necessário promover uma pedagogia do serviço, que ponha o outro no centro da ação educativa, sobretudo, quando o outro é o mais pobre e fragilizado, pelo que os valores que emanam do cristianismo devem ser promovidos e postos em prática pelas comunidades escolares. O acolhimento, a aceitação, a solidariedade, a entreajuda, a partilha, a justiça, a equidade e a paz devem estar presentes na ação quotidiana,²⁰⁵ numa escola inclusiva que educa para a necessidade de aprender a *viver juntos* e que pode contar com o contributo da Igreja, que aos longo dos séculos nos ensina *como ser do Senhor na cidade?* Promover o desenvolvimento de competências sociais, morais e intelectuais, requer esta tomada de consciência na ação educativa, pois, só perante ela nos colocamos ao serviço do outro.

Nesse sentido, julgamos que esta análise teológica sobre a importância do cuidado na relação com o outro pode melhorar a prática letiva na UL 1, *Viver juntos*.

²⁰⁵ Peter STILWELL (Coord.) *Caminhos da justiça e da paz*, Editora Rei dos Livros, Lisboa 2002, p.25., “cada católico tem de aprender a aplicar os princípios gerais da doutrina social da Igreja, às situações particulares em que vive.”

CAPÍTULO III

Introdução

Depois de exposta a base teológica da importância do conceito teológico sobre o cuidado do outro, vamos agora verificar algumas implicações que esse mesmo conceito teve, no âmbito da prática letiva da UL 1, *Viver juntos*, de modo a justificar a inclusão da meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de maneira a potenciar e desenvolver projetos de turma anuais que tenham desde o início do ano letivo cabimento intencional, ao longo de toda a atividade letiva, procurando assim, ensinar fazendo e fazer ensinando a promover o bem comum, tendo em constante consideração o cuidado do outro e a prática do bem pelo bem.²⁰⁶

Na UL 1, *Viver juntos*, é possível introduzir a meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, pelo que passamos a apresentar, com base no trabalho desenvolvido, a avaliação efetuada pelos alunos que nos permite verificar o grau de satisfação sobre a atividade letiva desenvolvida, no ano letivo de 2016/2017 e suas práticas.

1. Conclusões a retirar

1.1. Avaliação das atividades desenvolvidas (Anexo 14 e 15)

Após a avaliação das atividades, verifiquemos os dados relativos às estratégias utilizadas no âmbito da lecionação da UL1, *Viver juntos*, e que se consubstanciaram em micropedagogias que requereram um envolvimento e participação ativa diária dos alunos, em prol dos outros. O cuidado foi uma dimensão que esteve sempre presente.

²⁰⁶ BENTO XVI, CV, n.º 34.

Deste modo, de forma a obter dados sobre a concretização e grau de satisfação relativa às atividades, elaborámos questionário de avaliação das atividades desenvolvidas na aula e que apresentamos em anexo. (anexo 14). Esta avaliação é o ponto de partida para a elaboração de uma nova proposta de planificação em que se propõe a inserção da meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, na UL1, *Viver juntos*. É com base nas conclusões passíveis de serem retiradas da lecionação da UL1 e da avaliação efetuada pelos alunos (anexo 15), que a mesma é apresentada como proposta. (Anexo 16).

1.2. Avaliação das atividades com base nas estratégias adotadas

Após a avaliação das atividades desenvolvidas com a intenção de promover e aprofundar o conceito teológico de *cuidar do outro*, pensando na sua dimensão prática, ao permitir operacionalizar competências religiosas de índole intelectual, moral, social, e de modo a que as mesmas influíssem positivamente no interesse e gosto pela aprendizagem, pensamos poder retirar dessa avaliação algumas conclusões.

Com base nos pressupostos anteriormente apresentados, ou seja, que *o cuidado do outro* é essencial para um bom desempenho dos alunos na atividade letiva, durante o ano letivo e a partir da UL1, *Viver juntos*, passamos a apresentar a avaliação das atividades desenvolvidas, com base num inquérito feito aos alunos, sobre o modo como avaliavam as mesmas. O questionário foi presente aos alunos depois de lecionada toda a unidade letiva e uma vez efetuada a avaliação dos conteúdos em teste escrito. Se é verdade que os resultados obtidos pelos alunos foram considerados muito bons, com base no teste, (avaliação do professor) os resultados do questionário corroboram uma avaliação muito positiva às atividades propostas e desenvolvidas com os alunos, pelo que passamos a apresentar, primeiro o questionário, tal como foi distribuído aos alunos, (anexo 14) bem como, num segundo momento são apresentados os resultados obtidos no questionário, com base nas respostas dadas pelos alunos (anexo 15).

Convém dizer que do universo de 30 alunos, apenas 29 responderam, dado que um faltou. Assim, foram obtidos os seguintes resultados decorrentes das questões apresentadas no questionário avaliativo da UL1 – *Viver juntos*.

Dados gerais do inquérito avaliativo à UL1 – *Viver juntos*.

		Sim	Não		
1	Gostei das atividades da aula de EMRC	28	1		
2	As atividades foram importantes para compreender os conteúdos?	27	2		
		NI	PI	IN	MI
3	Achei as atividades desenvolvidas na aula de EMRC:	1	1	13	14
4	Achei a atividade do "estendal das intenções" interessante?	1	1	13	14
5	Achei a atividade "as minhas mudanças" interessante?	1	1	12	15
6	Achei a atividade da construção da <i>emoticons</i> interessante?	1	0	9	19
7	Achei a atividade do preenchimento dos valores interessante?	1	1	14	13
8	Achei a atividade da correspondência dos 10 Mandamentos interessante?	1	2	10	16
9	Achei a atividade da seleção de valores interessante?	1	2	12	14
10	Achei a atividade da construção da caixa das memórias interessante?	1	2	7	19

Que poderemos concluir com base nos dados apresentados? Estes dados têm de ser vistos com algum cuidado, pois a amostra não é significativa de um universo verdadeiramente representativo, já que apenas se refere à opinião de um grupo turma de uma escola. Assim, é legítimo aferir algumas ideias sobre a avaliação feita à atividade letiva e às ações levadas a cabo nas aulas de EMRC, mas conscientes das suas limitações quanto à aplicação das conclusões retiradas da amostra e sua aplicação universal a outras escolas ou ao programa do 5.º ano.

Deste modo, e conscientes das limitações do questionário, quanto à questão um, foi feita uma pergunta generalista, passível de resposta objetiva, sim ou não, “Gostei das atividades da aula de EMRC?”, pelo que vinte e oito alunos em vinte e nove, responderam afirmativamente, aquando da lecionação da UL,1, *Viver juntos* e um não gostou. Quando questionados, na

segunda questão, se “*As atividades foram importantes para compreender os conteúdos*” e se tinham achado as atividades desenvolvidas importantes para ajudar à compreensão dos conteúdos, vinte e sete alunos responderam que sim. Cabe-nos dizer que um aluno não respondeu por ter faltado à aula e dois responderam negativamente. Um desses alunos respondeu negativamente a todas as questões do questionário.

Nas restantes questões havia a possibilidade de dar quatro respostas diferentes, pelo que perguntámos aos alunos se achavam as atividades realizadas, Nada Interessante (NI), Pouco Interessante (PI), Interessante (I) e Muito Interessante (MI). Assim, relativamente à terceira questão, também ela generalista, através da qual procurávamos saber se “*Achei as atividades desenvolvidas na aula de EMRC, NI, PI, I, ou MI*”, responderam que acharam as atividades NI três e meio por cento, PI igualmente três e meio por cento, I quarenta e cinco por cento e MI quarenta e oito por cento. É, pois, significativo o número de alunos que acharam interessantes e muito interessantes as atividades realizadas nas aulas de EMRC, que somadas fazem noventa e três por cento de avaliações positivas. À questão quatro, sobre o *Estendal das intenções* responderam que a mesma foi NI, três vírgula cinco por cento, PI o mesmo valor, I quarenta e cinco por cento, e MI, quarenta e oito por cento. Quanto à questão cinco, referente às mudanças (gota de água), três vírgula cinco por cento acharam a atividade NI e PI, quarenta e um por cento, I e cinquenta e dois por cento MI, o que revela uma avaliação muito positiva da atividade. Na questão seis, referente à construção pessoal de uma *emoticons* e partilha da mesma com o/a colega de trás, reveladora do cuidado que temos com o outro, três por cento acharam a atividade NI, trinta e um por cento I e sessenta e seis por cento MI. No que toca a questão sete, relativa ao preenchimento de um dístico com valores para sua escolha, três vírgula cinco por cento acharam a atividade NI e PI, quarenta e oito por cento I e quarenta e cinco por cento MI. Quanto à questão oito, relativa à correspondência entre os Dez Mandamentos e a imagem correspondente, três por cento acharam a atividade NI, sete por cento PI, trinta e cinco por cento

I e cinquenta e cinco por cento MI. Na questão nove, relativa à seleção dos valores a utilizar na elaboração do painel sobre o compromisso e fidelidade à palavra dada, a atividade foi avaliada por três por cento como NI, por sete por cento como PI, por quarenta e dois por cento como I e por quarenta e oito por cento como MI. Por fim, a questão dez, respeitante à construção de uma “caixa das memórias” a atividade foi avaliada por três por cento como NI, por sete por cento como PI, por vinte e quatro por cento como I e por sessenta e seis por cento como MI. Assim, após análise aos resultados obtidos na avaliação das atividades realizadas pelos alunos nas aulas de EMRC da UL1, *Viver juntos*, é lícito afirmar que os mesmos gostaram das mesmas, tendo avaliado muito positivamente a sua concretização.

Por isso, dado que estas micropedagogias ajudam a operacionalizar competências religiosas, intelectuais, morais e sociais, dando aos a oportunidade de, a partir da ação, desenvolver a capacidade da prática do bem, sugerimos a inclusão da meta N- *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de maneira a dar uma maior consistência prática aos ensinamentos teóricos ministrados na UL1, *Viver juntos*, de modo a que, pondo em prática os princípios e valores aprendidos pelos alunos nesta unidade, possam ter na ação comprometida a resposta efetiva e ativa às sugestões propostas, decorrentes da transmissão dos conteúdos nela presentes. Assim, é possível que os alunos, colocando-se ao serviço e cuidado do outro efetivando a prática do bem, assumam um compromisso social e moral com os mais pobres e fragilizados.

1.3. Papel da disciplina de EMRC e do professor na escola

Relativamente ao papel reservado à disciplina de EMRC na escola e importância do professor de EMRC, no quadro curricular existente, pensamos poder dizer que a disciplina enfrenta alguns desafios que precisa de saber ultrapassar. A disciplina de EMRC desempenha um papel muito importante na transmissão dos valores presentes na cultura cristã e presentes

na sua matriz cultural, pois contribui decisivamente para a formação integral dos futuros cidadãos. No entanto, essa possibilidade de educação não é universal, pois ela depende no quadro atual, de vários fatores: da escola e valor atribuído à disciplina, nomeadamente ao nível executivo, se os dirigentes olham positivamente para a disciplina e se estão dispostos a harmonizar os diferentes interesses existentes na mesma, ao nível da formulação dos horários e das incompatibilidades que isso comporta; da comunidade educativa em que se leciona a disciplina de EMRC, pelo que se é valorizada e sentida como uma mais valia para a comunidade, leva a uma inscrição massiva na disciplina; do reconhecimento do trabalho e da competência profissional do professor de EMRC, pelo que, se for visto como tal, os alunos permanecem matriculados ao longo de muitos anos, pelo que, é essencial começar no primeiro ciclo com a oferta da disciplina de EMRC, com qualidade e criatividade, de modo a dar seguimento a esse projeto de educação integral, ao longo dos vários ciclos de ensino; e da permanência do professor e da continuidade do projeto apresentado à escola e à comunidade educativa. Também é verdade, de que se houvesse uma disciplina de oferta obrigatória e frequência facultativa, no âmbito da educação para a cidadania, que originasse a obrigatoriedade por uma opção concorrente, haveria muito mais espaço para o crescimento da disciplina de EMRC. Agora quando a opção é, EMRC ou um “furo”, na ponta dos horários, torna-se difícil motivar alunos, pais, encarregados de educação e comunidade educativa para a inscrição na disciplina, não pela falta de reconhecimento do seu valor, mas pelas dificuldades que acarreta aos alunos e encarregados de educação a sua inscrição, pois, por vezes ficam horas na escola à espera da disciplina de EMRC, ou então, têm de se levantar uma hora mais cedo para frequentar a aula de EMRC.

Relativamente ao quadro institucional Estado-Cidadão/Escola, pensamos que o modelo de frequência facultativa de oferta obrigatória, corresponde aos anseios de um Estado secular que defende a laicidade e valoriza a diversidade e pluralismo existentes na sociedade ocidental,

ao mesmo tempo que assume o fator religioso, como um dado importante da identidade e da cultura de um povo. De facto, o religioso enquanto facto antropológico deve estar na escola, pelo menos para aqueles que entendem que a EMRC, embora confessional, contribui para a formação de melhores pessoas e presta um precioso contributo no desenvolvimento da pessoa e do modo como faz a “leitura” do mundo. Numa era em que a intolerância graça por essa Europa fora, não podemos esquecer o contributo que as religiões dão à sociedade, ao promoverem o diálogo inter-religioso, a paz e a inclusão, como muito bem afirma Guilherme de Oliveira Martins,

“Esta ligação entre melhor compreensão do fenómeno religioso no seu todo e necessidade de dar espaço às confissões religiosas para participarem, segundo seu ponto de vista, na valorização do fenómeno religioso como fator de relação, tem de abrir portas ao diálogo inter-religioso. E só pode haver diálogo se houver capacidade de afirmação e espaços de relação. Só poderemos dialogar com o que conhecemos. Sem conhecimento não pode haver compreensão. E este é o grande desafio do tempo presente.”²⁰⁷

No âmbito da cultura, do pluralismo, do respeito mútuo e dos direitos humanos, pensamos que a EMRC é um contributo muito válido na transmissão de valores essenciais à vida em sociedade, que permitem a construção de uma identidade respeitadora das diferenças e que evitam o vazio religioso da sociedade, causador de indiferença, pelo que fazem sentido as palavras que afirmam *“que a escola e serenamente laica deve dar acesso à compreensão do mundo”*²⁰⁸

No âmbito da especificidade da confessionalidade da disciplina de EMRC, o professor de EMRC não pode esquecer que tem a obrigação de estar ao serviço da Igreja, que o chama em

²⁰⁷ Guilherme d’Oliveira MARTINS, “O conhecimento do fenómeno religioso”: Educação Moral e Religiosa Católica um valioso contributo para a formação da personalidade, *Pastoral catequética*, SNEC, Maio-Agosto, 2006, p. 73.

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 71.

sentido de missão, a ser colaborador de um primeiro anúncio a que não se deve furtar, pois foi para isso que a Igreja o propôs como seu membro ativo. Neste aspeto, constatamos que muitos docentes tendem a acomodar-se aos direitos laborais esquecendo os deveres éticos decorrentes da missão recebida. A EMRC não existe para garantir um emprego, existe pelo valor intrínseco da sua proposta, decorrente da mensagem evangélica que procura realizar o pleno potencial humano, ou seja, o homem todo.

2. Proposta de planificação com base na avaliação efetuada à prática pedagógica

Com base nas dificuldades sentidas na lecionação na UL1, *Viver juntos*, onde pudemos perceber a dificuldade em transmitir os conteúdos programáticos na sua totalidade em sete aulas, propomos que esta unidade letiva seja lecionada em nove aulas, de modo a permitir uma transmissão mais harmoniosa dos mesmos, permitindo a realização mais desenvolvida de micropedagogias, com mais tempo para a sua execução, conseguindo-se assim, atingir os objetivos didático pedagógicos de forma mais consistente. Para isso, por um lado, é necessário reservar nove aulas que obrigarão a uma reformulação da planificação anual (anexo 16) e a uma nova distribuição dos tempos letivos, por cada uma das unidades letivas do programa. Por outro lado, permite envolver com mais tempo, alunos, professores e comunidade escolar em projetos resultantes de uma pedagogia do serviço (anexo 18) em que a comunidade é colocada ao serviço de causas humanitárias, específicas de cada escola e sua área envolvente. Fazer o bem requer a possibilidade da sua concretização e a inclusão na meta N, *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, no decorrer da lecionação da UL1, permite agilizar e melhor fundamentar pedagogicamente as micropedagogias e os projetos resultantes do PCT e englobados nos PAA. Assim, com base nos argumentos apresentados e sustentados no levantamento dos dados

produzidos, concluímos que se justifica aquela inclusão. De modo a consubstanciar a possibilidade de apresentação e execução de um projeto de cariz anual em que se promova o bem comum e o cuidado dos mais frágeis da sociedade (os pobres) apresentamos uma proposta com os seus fundamentos (Anexo 18).

2.1. Proposta de nova planificação da UL1, *Viver juntos*

Deste modo, com base na análise e avaliação à UL1, *Viver juntos*, no ano letivo 2016/2017, e após retiradas as conclusões da mesma, propomos uma nova distribuição dos tempos letivos na planificação anual. Assim, para esta unidade, reservámos nove aulas, para a UL 2, *Advento e Natal*, reservámos oito aulas, para a UL 3, *A família, comunidade de amor*, reservámos sete aulas e, por último, para a UL 4, *Construir a fraternidade*, reservámos nove aulas. Esta distribuição teve por base o pressuposto de que o ano letivo tem 33 aulas letivas distribuídas pelos três períodos.

Para a UL1, *Viver juntos*, foram reservadas nove aulas, por termos verificado a grande importância temática que aquela assume nas crianças, as quais necessitam de aprender a viver juntas e estão a construir uma identidade,²⁰⁹ desenvolvendo competências intelectuais, sociais, morais e religiosas, que requerem a utilização de micropedagogias que as ajudem a compreender os conteúdos transmitidos (regras, normas, valores). Estes são mais facilmente adquiridos se nos basearmos na perspetiva construtivista da construção do saber. A

²⁰⁹Cf. Juan AMBRÓSIO, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, in, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015, p.10., “A construção da identidade pessoal passa por um processo muito mais dinâmico e muito menos estável. Em cada aqui e agora os indivíduos são desafiados a reordenar e repensar a sua existência para responder às interpelações que constantemente lhe vão surgindo, de tal modo que é possível falar-se na construção da identidade como sendo uma ‘bricolage de sentidos. A identidade é, nesta linha, um processo sempre a ser realizado e sempre possível de transformação. A pessoa, de certo modo, não é aquilo que é, mas aquilo que vai sendo, ou dito de outro modo, vai manifestando e vivendo ao longo da sua vida. Como é óbvio, esse viver e esse manifestar têm a marca iniludível e sempre inevitável da cultura.”

exemplificação a partir de experiências práticas/plásticas ajudam a essas aquisições. Para a UL 2, *Advento e Natal*, reservámos oito aulas. Mantivemos a sequência do programa, por considerarmos que faz todo o sentido manter a UL 2, na posição em que encontra. Para lecionar a UL 3, *A família, comunidade de amor*, reservámos sete aulas por entendermos a importância deste tema, para um crescimento harmonioso e equilibrado pois, como bem sabemos, a família é a célula da sociedade. Da família surge a vida como dom da entrega ao outro, e dela recebemos os cuidados base de um desenvolvimento são. O amor conjugal reflete na educação dos filhos os valores que estão presentes na família e que dão um contributo para a formação de cidadãos, (homens e mulheres) felizes e realizados. Na educação, não deixam de estar presentes os valores cristãos que emanam do viver cristão. No entanto, atendendo a que os conteúdos previstos para esta UL não são muitos, parecem-nos suficientes sete aulas para a leção da mesma. Para a UL 4, *Construir a fraternidade*, dada a sua importância no desenvolvimento das competências relativas aos domínios *Cultura cristã e visão cristã da vida*, (G, L) e do domínio *Ética e moral* (N, Q), que potenciam um compromisso empenhado de transformação da vida e do mundo, a partir do compromisso religioso e dos dados recolhidos da experiência religiosa, pareceu-nos necessário reservar nove aulas para a sua leção.

Assim, passamos a apresentar as atividades a desenvolver durante a leção da UL 1, *Viver juntos*, aula a aula, atendendo à implementação das micropedagogias, das estratégias, dos objetivos e das metas que se pretendem desenvolver no aluno, ou que se espera que o mesmo adquira, findo o processo educativo, ao longo dos vários ciclos de ensino. Deste modo, na primeira aula, faremos a apresentação dos alunos e do professor, e será apresentada a proposta de construção da “caixa das memórias”, a ser elaborada pelos alunos em casa. Na aula será lançado o desafio e explicado o objetivo da sua construção. Não esqueçamos que, num contexto de mudança, as memórias positivas são importantes para dar força e ânimo ao longo da caminhada. A “caixa das memórias” permite “coleccionar” pequenos objetos, símbolo de

momentos positivos e reveladores de cuidado do outro na caminhada pessoal (presença e acompanhamento). Para esta aula, temos como objetivo valorizar a mudança como condição de crescimento humano e introduzimos um novo objetivo: *a promoção e acolhimento do outro*, que nos é apresentado num contexto de mudança. Os conteúdos referem-se à mudança presente na escola, na vida dos alunos e proporcionam uma boa ocasião para ensinar os alunos a acolher e cuidar do outro que passa a ser seu colega. Há, de facto, uma intenção de promover o acolhimento e a aceitação do outro. Como metas a desenvolver, pretendemos que os alunos consigam contruir uma chave de leitura religiosa da pessoa e da vida; e introduzimos a meta **N**, referente ao domínio ética e moral, que pretende que o aluno assuma uma posição ativa e consiga promover o bem comum e o cuidado do outro. Na segunda aula distribuiremos as etiquetas aos alunos com a sua fotografia, para que os mesmos escrevam, numa frase, uma intenção de crescimento, sinal de mudança e de desenvolvimento no crescimento pessoal. Nesta aula pretendemos que os alunos consigam identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho, que passou por momentos difíceis, os quais enfrentou com coragem e confiança, abrindo-se à mudança e ao crescimento pessoal.²¹⁰ Mantemos as mesmas metas, pois Abraão constitui um exemplo de alguém que enfrentou a mudança como possibilidade de crescimento interior e que se pôs ao serviço do Outro, respondendo a um apelo de fidelidade a um projeto de Deus, que visa a defesa do bem comum. Não é a sua felicidade que está em causa. É a sua e a dos outros. Na terceira aula será distribuída uma “gota de água” pelos alunos onde os mesmos irão registar um aspeto em que acham que cresceram enquanto pessoas no último ano. Com base nessa indicação de crescimento e partilha coletiva, partimos para a elaboração do cartaz, com o qual pretendemos valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento, pondo em evidência a diversidade de grupos e suas características. Mantemos as metas (B) construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história

²¹⁰ Américo M. VEIGA, *Porque sou cristão?* Editorial Perpétuo Socorro, Porto 1992, p.18.

e a meta (N) promover o bem comum e o cuidado do outro. Na quarta aula, distribuiremos um dístico pelos alunos, para que façam a seleção dos valores mais importantes para o seu grupo que tenham em conta a colaboração, a aceitação dos outros e das suas características pessoais, a disponibilidade para ouvir e a participação nas atividades do grupo. Ao mantermos como objetivo valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento, pretendemos ajudar o aluno a construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (meta B), e levar o aluno a promover o bem comum e o cuidado do outro (meta N). Na quinta aula, será apresentada uma Tábua da Lei em branco (Decálogo), para que os alunos, a partir da leitura dos textos Gn 9, 8-13; Gn 15, 18; e Dt 5, 1-33 e da sua explicação, façam a ligação correta entre o Mandamento e a imagem que o representa. O objetivo para esta aula é o seguinte: interpretar textos bíblicos sobre a Aliança que visa levar o aluno a conhecer a mensagem e cultura bíblica (meta F), tomando conhecimento de que Deus tomou a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade. Dada a possibilidade de os alunos não conhecerem a Bíblia, apresentaremos um PPT com uma introdução à Bíblia e sua estrutura. Na sexta aula será elaborada uma *emoticons*, como desafio simbólico do cuidado do outro e compromisso assumido, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada com os colegas, à semelhança de Deus. Com esta micropedagogia, temos como objetivo promover o acolhimento e a aceitação do outro, proporcionando ao aluno a oportunidade de conhecer a mensagem e cultura bíblica. Na sétima aula será efetuada uma seleção de normas (frases) importantes para a definição de uma aliança do grupo, com base nos valores trabalhados (colaboração, aceitação do outro, disponibilidade para ouvir, respeito, paz, verdade, justiça, bondade). Na oitava aula será efetuada a afixação no mural (papel cenário) do compromisso assumido pelos alunos para com os membros da comunidade escolar no presente ano letivo, de maneira a valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes, permitindo

ao aluno desenvolver capacidades que lhe permitem identificar o fundamento religioso da moral cristã (P) e identificar os valores evangélicos (G).

Na nona aula, realizarão um teste escrito com base nos conteúdos transmitidos nas aulas anteriores para aferição das aprendizagens e para posterior avaliação corretiva (*feedback*).

2.2. Aplicação das competências adquirida a novos contextos educativos

Qualquer estudo desenvolvido no âmbito educativo deve apontar para aplicações futuras, para novas utilizações práticas na atividade pedagógica, se as conclusões a que se chegar revelarem ter potencial e utilidade na prática letiva, atendendo às competências que se pretendem desenvolver nas crianças e jovens. No âmbito da disciplina de EMRC, parece-nos que as conclusões a que chegámos validam a sua aplicação em novos contextos educativos. Assim, assentes nos pressupostos experimentais utilizados e com base na avaliação da prática letiva, vemos como positiva a inserção intencional da meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, na UL 1, *Viver juntos*, de maneira a trabalhar o tema do cuidado do outro, a partir da pedagogia do serviço, da solidariedade e da responsabilidade que cada ser humano tem para com o seu semelhante. O viver juntos deve levar-nos a olharmos para o outro (nosso semelhante) como alguém por quem nós também somos responsáveis. Se o nosso vizinho, se o nosso colega, se o nosso aluno carecem de apoio, de acolhimento, de aceitação, da presença ou de uma simples palavra, então, devemos estar a seu lado. Melhor, temos de estar lá e ser o rosto visível de Cristo, e isso só sucederá se estivermos disponíveis para estarmos ao serviço do outro, serviço esse que começa com a nossa presença e se pode desenvolver na doação de nós mesmos aos outros, pondo-nos ao seu serviço. (Anexo 18). Não se trata de ser presença intermitente, mas sim de ser uma presença contínua a quem se pode recorrer (professor), de modo a auxiliar aquele/a que necessita desse acolhimento e que fomenta nos seus alunos a oportunidade de se

porem ao serviço. Assim, julgamos estarem reunidas as condições para pôr em prática a pedagogia do serviço,²¹¹ nos novos desafios educativos a que formos chamados, partindo dos conteúdos da UL 1, *Viver juntos*, dinamizando e promovendo ações concretas, na escola, a favor dos mais carenciados e desprotegidos (os pobres das periferias e mesmo dos centros). Deste modo, as competências morais que se pretendem desenvolver e que requerem a adesão da pessoa integram a aprendizagem académica com serviço comunitário relevante, permitindo aprender novos conhecimentos, promotores da valorização da responsabilidade individual perante o outro e que permitem o desenvolvimento de uma cultura de cidadania ativa ao serviço do outro. Se o homem é um ser de relação e para a relação, é nela que descobre o divino que o habita e lhe possibilita a salvação. O outro é a condição da prática do bem pelo bem. Não é o nosso interesse que está em causa, mas é o outro pelo seu valor intrínseco que nos põe ao serviço. É na escola e pela escola que temos a oportunidade de ser sal da terra e luz do mundo, promovendo os valores universais da justiça e da paz presentes no múnus evangélico.

2.3. Conclusão da dissertação

Após efetuado todo o percurso de análise, desde a lecionação da UL1, *Viver juntos*, ao estudo desenvolvido do conceito teológico de *cuidar do outro* e sua aplicação àquela unidade, podemos afirmar que a meta N, *promover o bem comum e o cuidado do outro* pode ser incorporada na UL1, por permitir um desenvolvimento mais aprofundado dos conceitos ministrados nas primeiras quatro aulas, relativas ao tema *Viver juntos* e às implicações que as relações pessoais/sociais têm ao nível do desenvolvimento pessoal, cultural, social, ético, moral

²¹¹ Cristina Sá CARVALHO, in PPT de apoio aos alunos, 2016. “Um modelo de ensino cooperativo que se baseia em situações de intervenção reais” e que permite vincular o trabalho voluntário na comunidade com a aprendizagem escolar, influenciando a forma como os professores ensinam e que requer um compromisso. A educação é vista como uma experiência que visa aprofundar as aprendizagens sem comprometer o rigor científico.

e espiritual, num contexto de mudança e formação de novos grupos. Por outro lado, cada grupo comporta uma identidade própria que lhe advém das características e valores assumidos pelos seus membros. Assim, dado que colocámos uma grande ênfase nas micropedagogias que permitem uma exemplificação prática das competências intelectuais/sociais/morais/espirituais que se pretendem desenvolver, tendo por base os conteúdos referidos anteriormente, entendemos que a sua apresentação no início da UL1, *Viver juntos*, permite mais facilmente justificar a participação dos alunos em projetos de inclusão social (solidariedade, tolerância, aceitação do outro), levando ao seu compromisso pessoal, a partir da dimensão ética e moral. Os alunos são chamados a posicionar-se ativamente, isto é, a participar em ações que carecem do seu assentimento pessoal, e do encarregado de educação, se os alunos forem chamados a participar numa jornada de voluntariado, tendo, assim, a oportunidade efetiva de praticar o bem, partindo dos valores presentes no Evangelho e pondo-os ao serviço do cuidado do outro. A proposta da Igreja que irradia do Evangelho encontra um eco profundo na vida do cristão na cidade, na medida em que nos abre à possibilidade de, ao vivermos juntos, ajudarmos a construir um mundo novo, que reconhece no outro um irmão. Educar para o viver juntos num novo grupo, será mais fácil se promovermos o bem comum e o cuidar do outro, ajudando cada um a dar o melhor de si, procurando a inclusão e integração do outro que não conhecemos.

A meta *construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, que se pretende que o aluno atinja, parece-nos insuficiente para ministrar, de modo mais assertivo, os conteúdos relativos ao conceito de mudança, da apresentação de Abraão como modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior, e os grupos e suas características, por não proporcionar aos alunos uma oportunidade de tomada de decisão pessoal prática, de tomar o outro ao seu cuidado. A meta N, *promover o bem comum e o cuidado do outro*, possibilita a introdução de pequenas atividades práticas, que levam a uma tomada de decisão pessoal, fazer ou não fazer, relativa à dimensão ética e moral. O envolvimento pessoal dos alunos na promoção

do cuidado, promovendo o acolhimento e aceitação do outro, é um aspeto fundamental numa sociedade que se quer mais justa e inclusiva. Ao mesmo tempo, a partir desta dimensão relacional, é possível desenvolver nos alunos uma atenção e cuidado mais acentuado a favor dos mais frágeis.

Também realçamos que no programa do 5.º ano a meta N, *promover o bem comum e o cuidado do outro*, aparece no fim da UL 4, *Construir a fraternidade*, quando se pede aos alunos para colaborarem ativamente na construção de um mundo mais fraterno, promovendo a concórdia nas relações interpessoais. Em nosso entender, está bem inserida a meta N nesta unidade, mas é pena que apareça na última unidade letiva. A sua inclusão na UL 1, *Viver juntos*, permite ao aluno o desenvolvimento de competências que lhe permitem alcançar essa meta.

Ao inserirmos a meta N na UL1, *Viver juntos*, a EMRC dá um forte contributo, desde o início do ano letivo, à implementação dos princípios defendido na *Declaração de Toledo* (2007), que recomenda aos estados e instituições escolares decisões que levem “à luta contra a intolerância e a discriminação, e ao fomento do respeito e compreensão mútua.”²¹² tomando o outro ao nosso cuidado. Que as religiões saibam dar um forte contributo na arte de nos ajudar a viver juntos, respeitando o próximo e tomando o outro a seu cuidado. Dos princípios à ação temos a vontade como intermediária. Saibamos nós pô-la em prática.

E a terminar deixamos-vos com as palavras de D. Carlos Azevedo,

“Uma onda de solidariedade emerge e cresce no mundo. É um dos sinais mais positivos de um novo humanismo, dinâmico, pleno de imaginação realístico, criatividade, esforço, sacrifício. Os voluntários trocam reuniões de gabinete por gestos concretos; negociações intermináveis por ações imediatas; protestos e manifestações mediáticas por factos; promessas por cumprir por realidades visíveis.

²¹²<https://www.schooleducationgateway.eu/pt/pub/resources/publications/toledo-guiding-principles-on-t.htm> consultado a 28/09/2017.

A madre de Teresa de Calcutá oferecia um cartão de visita onde se lia:

“O fruto do silêncio é a oração.

O fruto da oração é a fé.

O fruto da fé é o amor.

O fruto do amor é o serviço.

O fruto do serviço é a paz”

Poderíamos nós concluir revertendo o texto:

Se não há paz faltou o serviço aos pobres.

Se não houve serviço não houve amor.

Se não houve amor faltou a fé.

Se não existiu a fé faltou a oração.

Se não aconteceu a oração faltou o silêncio.”

Termino, então, para dar possibilidade ao início do processo da paz: o silêncio.”²¹³

²¹³ Carlos A. Moreira AZEVEDO, *Caminhos para uma vida solidária; Intervenções na pastoral social*, Editorial Cáritas, Lisboa 2014, p.67.

Conclusão

Após a realização deste trabalho, podemos afirmar que desenvolvemos e aperfeiçoámos as nossas capacidades no âmbito da planificação dos conteúdos a partir do programa.

Para além das competências desenvolvidas, enquanto gestores de um programa, também desenvolvemos e aperfeiçoámos as nossas competências relativas a aspetos práticos do dia a dia da prática letiva. Aprendemos a planificar em linha, ou seja, a ajustar na planificação metas, objetivos, conteúdos e estratégias, de modo a conseguir fazer uma leitura coordenada e consequente, sobre a estratégia principal da aula a utilizar, na transmissão de determinado conteúdo. Essa metodologia constituiu-se como uma mais-valia operacional. Também desenvolvemos novas competências no âmbito da avaliação.

Decorrente da reflexão sobre a PES constatamos que a mesma se pautou, desde o seu início, por uma ação sistemática de pesquisa e incremento de um conjunto de técnicas e competência aprendidas e desenvolvidas na nossa experiência profissional, onde foram inseridas as micropedagogias promotoras da aplicação do conceito cuidar do outro.

Como vimos, o ser humano é um ser de cuidado. O homem descobre-se como humano pelo cuidado do outro, que o acolhe e que o “faz” ser. A aceitação do outro e o seu acolhimento originam a possibilidade de crescimento e desenvolvimento que são importantes nas relações estabelecidas, no âmbito da UL 1, *Viver juntos*.

O ser humano descobre a sua humanidade através dos cuidados do outro, pelo que, o aceitar o outro, o acolher o outro no coração humano é condição *sine qua non* para a revelação do divino no humano e do humano no divino e, para que tal possa suceder, são necessárias as mediações que só a linguagem permite, fundamentais num processo educativo de transmissão e construção do conhecimento

Assim, acolher o outro, cuidar do outro, na sua singularidade e fragilidade, requer da escola em particular e da sociedade em geral, a capacidade de estar atento ao mais pobre e

fragilizado, facultando-lhe os meios necessários para manifestar o seu potencial que emana do seu valor e dignidade própria. Se o outro é um ser de relação e para a relação não pode ser afastado e deixado para trás devido às suas limitações económicas, sociais ou intelectuais, pelo que há a necessidade de tomar as medidas pedagógicas necessárias para que possa manifestar todo o seu potencial. A um nível mais elementar, é necessário promover uma pedagogia do serviço que ponha o outro no centro da ação educativa, sobretudo, quando o outro é o mais pobre e fragilizado, pelo que os valores que emanam do cristianismo devem ser promovidos e postos em prática pelas comunidades escolares. O acolhimento, a aceitação, a solidariedade, a entreatajuda, a partilha, a justiça, a equidade e a paz devem estar presentes na ação quotidiana,²¹⁴ numa escola inclusiva que educa para a necessidade de aprender a *viver juntos* e que pode contar com o contributo da Igreja que aos longo dos séculos nos ensina *como ser do Senhor na cidade*? Promover o desenvolvimento de competências sociais, morais e intelectuais, requer esta tomada de consciência na ação educativa, pois só perante ela nos colocamos ao serviço do outro.

Nesse sentido, julgamos que esta análise teológica sobre a importância do cuidado na relação com o outro pode melhorar a prática letiva na UL 1, *Viver juntos*, e permite fundamentar a inclusão intencional da meta N – *Promover o bem comum e o cuidado do outro*. O trabalho desenvolvido na escola carece de uma prática pedagógica assente na pedagogia do serviço que encontra nesta meta a melhor justificação para a implementação de projetos promotores do desenvolvimento das competências morais.

²¹⁴ Peter STILWELL (Coord.) *Caminhos da justiça e da paz*, Editora Rei dos Livros, Lisboa 2002, p.25., “cada católico tem de aprender a aplicar os princípios gerais da doutrina social da Igreja, às situações particulares em que vive.”

BIBLIOGRAFIA

FONTES DO MAGISTÉRIO

Bíblia (Não faz parte das fontes do magistério)

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caridade na verdade, (Caritas in veritate)*, Paulinas, Prior Velho, 2009.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática A Revelação Divina (Dei Verbum)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 219-234

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (Gaudium et spes)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 343-418.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 203-212.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja (Christus Dominus)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 151-172.

CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração A Liberdade Religiosa (Dignitatis Humanae)* Editorial A. O., Braga, 1987, 265-274.

JOÃO PAULO II, *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993, 398 - 534.

PAULO VI, *Carta Encíclica A Promoção do Desenvolvimento dos Povos (Populorum Progressio)*, Editorial A.O., Braga 1967.

PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelização nos dias de hoje, (Evangelii Nuntiandi)*, Editorial A. O., Braga, 1990.

SANTA SÉ, *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

OUTROS TEXTOS

ABIGNENTE, Donatella, “Próximo, responsáveis, discípulos. O sentido de uma perspetiva.”, ABIGNENTE, Donatella; ALMEIDA José Manuel Pereira de, (Orgs.), *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015.

ABIGNENTE, Donatella; ALMEIDA, J.M.Pereira de (Orgs), *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2015.

ALMEIDA, Diana (Coordenadora), *Ensaio entre arte e educação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2017.

ALMEIDA, José Manuel Pereira de (Organizador), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016.

ALMEIDA, José Manuel Pereira de, “Bem-aventurados os portadores de brechas porque deixarão passar a luz”, (Sobre os números 209-216 da *Evangelii gaudium*, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016.

ALMEIDA, José Manuel Pereira de, “Unidade pessoal na vida social. Como ser do Senhor na cidade”, In, Sérgio BASTIANEL (coordenador), *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa 2013.

AMBRÓSIO, Juan, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, in, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015.

AMBRÓSIO, Juan, *Avaliar em EMRC, Pistas para um caminho*, in, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015.

AMBROSIO, Juan, *Dimensão religiosa e condição humana: em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao ser humano?*, texto para uso dos alunos na disciplina de Didática da EMRC do Mestrado em Ciências Religiosas, no ano letivo 2015, documento não publicado, Faculdade de Teologia de Lisboa, 2015.

ARDENS, *Mergulho no divino*, Edições Carmelo, Oeiras, 1986.

ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, McGRAW-HILL Editor, Lousã, 1999.

ASSIS, Maria de, “Introdução; Porquê e como intervir no processo de ensino- - aprendizagem” in Diana ALMEIDA (Coordenadora), *Ensaio entre arte e educação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2017.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *Caminhos para uma vida solidária; Intervenções na pastoral social*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2014.

BALCELLS, Jaime Pujol, *Introdução a la pedagogia da fé*, Eunsa, Ediciones Universida de Navarra, 2001.

BASTIANEL, Sergio (coordenador), *Entre possibilidades e limites*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013.

BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2015.

BOFF, Leonardo, *El cuidado esencial, ética de lo humano compasión por la tierra*, Editorial Trotta, 2002.

BOFF, Leonardo, *Saber cuidar: ética do humano*, Vozes, 1999.

BUBER, Martin, *Eu e Tu*, Paulinas Editora, 2014.

CAMPOS, Bártolo Paiva (Coordenador), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa, 1990.

CARVALHO, Cristina Sá, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica”, Edição 2014, *Pastoral Catequética, Revista de catequese e educação*, n.º 31-32, Moscavide, 2015, 29-62.

CARVALHO, Rita, “As palavras incómodas do Papa Francisco”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Organizador), *O pensamento social do Papa Francisco*, Ed. Cáritas, Lisboa 2016, p.127.

CLARKE, Kevin, *Óscar Romero; O amor deve triunfar*, Paulinas Editora, 2014.

CLEMENTE, Manuel, “A mensagem económica e social do Papa Francisco”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório geral da catequese*, SNEC, Lisboa, 1998.

DELORS, Jacques, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, Edições Asa, 1996.

Despacho normativo n.º 1-F/2016, In *Diário da República*, 2.ª série — N.º 66 — 5 de abril de 2016 11440-(3) ANEXO VIII.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, I e II Volume, Lisboa, 2001.

DUC, Lluís, *Religión y mundo moderno. Introducción al estudio de los fenómenos religiosos*, PPC, Madrid, 1995.

DURRWELL, François-Xavier, *O Pai. Deus em seu mistério*, S. Paulo 1990.

ESCOLA SALESIANOS DE MANIQUE, *Plano de desenvolvimento curricular 2015-2016*, ESM, Manique, 2016.

ESCOLA SALESIANOS MANIQUE, *Projeto Educativo*, 2010-2014.

GEVAERT, Joseph, *El problema del hombre*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993.

GOLEMAN, Daniel, *Inteligência emocional*, Temas e Debates, Lisboa, 1999.

GRONLUND, E Norman, (1993)

HENRIQUES, Mendo Castro, *Educação para a cidadania*, Plátano Editora, Lisboa, 1999.

LADARIA, Luis Francisco, “El hombre a la luz de Cristo en el Vaticano II”, in R. LATOURELLE, *Vaticano II: balance y perspectivas*, Salamanca 1989, 705-714.

LEMONS, Valter V., *A nova avaliação da aprendizagem*, Texto Editora, Lisboa, 1994.

- MAGNONI, Walter, “Magistério social e direitos da pessoa”, in, José Manuel Pereira de ALMEIDA, *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015.
- MARADIAGA, Oscar Rodríguez, “Respostas no debate” in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016.
- MARADIAGADA, Oscar Rodríguez, “Dimensão Social... Evangelização no mundo de hoje”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016.
- MARIZ, Roberto Rosmaninho, *Rosto social da religião*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016.
- MARTINS, Guilherme d’Oliveira, “O conhecimento do fenómeno religioso”: Educação Moral e Religiosa Católica um valioso contributo para a formação da personalidade, *Pastoral catequética*, SNEC, Maio-Agosto, 2006.
- MAYMÍ PONS, Pascual, *Pedagogia de la fé*, San Pio X, Ediciones, 1998.
- MORAN, José Manuel, *A educação que desejamos, Novos desafios de como chegar lá*, Papirus Editora, S. Paulo, 2007.
- NOGUEIRA, Joaquim Dias, *Memórias de um beirão da zona do pinhal*, Várzeas da Rainha Impressora, Óbidos, 2015.
- PAPA FRANCISCO, “Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2017, A palavra é um dom. O outro é um dom”, In *Voz da Verdade*, Domingo, 12 de fevereiro de 2017.
- PESSOA, Fernando, *Mensagem*, Editorial Império, Lisboa, 1934.
- R. LATOURELLE, *Vaticano II: balance y prespectivas*, Salamanca 1989.
- RIBEIRO, José Luís Pais, “Desenvolvimento intelectual, in, Bártolo Paiva Campos (Coordenador), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Universidade Aberta, Lisboa 1997.
- Rui MARQUES, “«Vinha de fora e...». A experiência portuguesa e a situação da Europa”, in José Manuel Pereira de ALMEIDA, (organizador), *O pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Cáritas, Lisboa 2016.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine, *O príncipezinho*, Editorial Presença, Lisboa, 2008.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Conta Comigo*, Manual do 5.º ano, EMRC, SNEC, Moscavide, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, SNEC, Moscavide, 2014.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e religiosa Católica, Ensino Básico e Secundário*, SNEC, Lisboa, 2007.

SILVA, P. Querubim José Pereira da, “O saber religioso, fator de cultura e educação, in, SNEC, *Forum de EMRC*, Lisboa, 2005, 23-26.

SPITZER, Manfred, *Aprendizagem, neurociências e a escola da vida*, Climepsi Editores, Lisboa, 2007.

STILWELL, Peter (Coord.) *Caminhos da justiça e da paz*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 2002.

TRINDADE, Armando Rocha, *Introdução à comunicação educacional*, Universidade Aberta, Lisboa, 1990.

VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra viva, Escritura poderosa; A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora, 2013.

VAZ, Henrique C. L., *Antropologia filosófica I*, Edições Loyola, Brasil, S. Paulo, 1991.

VEIGA, Américo M., *Porque sou cristão?* Editorial Perpétuo Socorro, Porto 1992.

Walter MAGNONI, ” Magistério social e direitos da pessoa”, in, Donatella ABIGNENTE; José Manuel Pereira de ALMEIDA (Orgs) *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa 2015, p.247.

ZUCCARO, Cataldo, “Hermenêutica histórica, pluralismo e diálogo, in, Donatella ABIGNENTE; José Manuel Pereira de ALMEIDA (Orgs) *Cuidar do outro*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2015, 99-118.

WEBGRAFIA

<http://psidesenvolvimento-e-desporto.webnode.es/perspectiva-construtivista/>

http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_1

http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/dl_3_2008.htm consultado a 01/05/2017

<http://www.jf-alcabideche.pt/index.php/freguesia/censos2011-jfa>

http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/pee2012_14.pdf?sfvrsn=0

<http://www.pordata.pt/Portugal/N%C3%BAmero+de+div%C3%B3rcios+por+100+casamentos-531>, consultado a 01/05/2017

<https://pt.scribd.com/document/349084158/L-Ladaria-El-Hombre-a-La-Luz-de-Cristo-en-El-Vaticano-II#>

<https://www.schooleducationgateway.eu/pt/pub/resources/publications/toledo-guiding-principles-on-t.htm> consultado a 27/09/2017

<https://www.schooleducationgateway.eu/pt/pub/resources/publications/toledo-guiding-principles-on-t.htm> consultado a 28/09/2017.

JOAO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis*, in <http://www.caritas.pt/livraria/index.php/livros/97-consciencia-social-da-igreja-catolica?showall=&start=2>, consultado a 10/04/17

PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral*, Quarta feira, 8 de fevereiro de 2017, in, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170208_udienza-generale.html

(Anexo 1)**FINALIDADES DA DISCIPLINA DE EMRC**

É através das finalidades de uma disciplina, que são apresentadas, em *termos ideais*, que se define aquilo que se pretende que um aluno adquira e desenvolva com a frequência dessa disciplina, partindo da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma sociedade concreta. Essa sociedade é definidora de um contexto educacional próprio, modelador de um dado sistema educativo.²¹⁵ Deste modo, no contexto da EMRC, a disciplina apresenta como grande finalidade *“a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida [...]”*²¹⁶, pelo que, cabe à escola, enquanto lugar privilegiado de desenvolvimento pessoal harmonioso do aluno, fomentar a implementação das mesmas, já que a formação global da pessoa, comporta a abertura para uma dimensão corpórea, espiritual, de a abertura à transcendência, aos outros e ao mundo.²¹⁷

Assim, determinaram-se as seguintes finalidades para a disciplina de EMRC

0	<i>“Formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida” e/ou “Aprender a posicionar-se perante o fenómeno religioso”.</i> ²¹⁸
---	--



1.	Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo em particular;
2.	Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
3.	Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
4.	Adquirir uma visão cristã da vida;
5.	Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
6.	Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
7.	Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
8.	Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
9.	Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
10.	Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
11	Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

²¹⁵ Juan AMBRÓSIO, “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e metas curriculares”, in *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição de 2014, Apresentação, VII.

²¹⁶ *Ibidem*.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ Cristina Sá CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular, in *Educação Moral e Religiosa Católica*, edição 2014, *Pastoral Catequética*, n.º 31-32, 2015, p.48.

(Anexo 2)**Metas propostas para a disciplina de EMRC ao longo de todo o percurso escolar**

Assim, o programa determina três eixos (domínios) a partir dos quais se formularam as seguintes metas para a disciplina de EMRC (do 1.º ao 12.º ano):

DOMÍNIOS	METAS APLICADAS NA DISCIPLINA DE EMRC	
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A.	Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.
	B.	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.
	C.	Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.
	D.	Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E.	Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.
	F.	Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.
	G.	Identificar os valores evangélicos.
	H.	Articular a perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.
	I.	Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.
	J.	Descobrir a simbólica cristã.
	K.	Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.
	L.	Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
ÉTICA E MORAL	M.	Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.
	N.	Promover o bem comum e o cuidado do outro.
	O.	Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.
	P.	Identificar o fundamento religioso da moral cristã.
	Q.	Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

(Anexo 3)**Metas propostas para a disciplina de EMRC – 5.º ano (2.º Ciclo)**

Assim, o programa determina três eixos (domínios) a partir dos quais se formularam as seguintes metas para o 2.º Ciclo:

DOMÍNIOS	METAS APLICADAS AO 2.º CICLO	
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A.	Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.
	B.	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E.	Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.
	F.	Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.
	G.	Identificar os valores evangélicos.
	I.	Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.
	J.	Descobrir a simbólica cristã.
	K.	Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.
ÉTICA E MORAL	L.	Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
	M.	Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.
	N.	Promover o bem comum e o cuidado do outro.
	O.	Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.
	P.	Identificar o fundamento religioso da moral cristã.
	Q.	Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

PS- METAS APRESENTADAS NA UL 1 – VIVER JUNTOS – B; F; P; G



Unidades Letivas	Temas/ conteúdos	Tempo Letivos	P	(Anexo 4)																	
				A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	G. Identificar os valores evangélicos.	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	M. Promover os valores do amor na vida familiar	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade pessoa humana.									
UL1, Viver juntos	A mudança, uma constante na vida	= 12	1.º	X																	
	Abraão, modelo de pessoa em caminho: Gn 12, 1-8			X																	
	Os grupos onde me insiro			X																	
	Deus estabelece uma aliança com a humanidade Gn 12,				X																
	A aliança: condição facilitadora e fidelidade à palavra					X															
	Entrega e correção da ficha de avaliação					X															
	Querer viver de forma pacífica com os outros						X														
UL2 - Advento e Natal	Vem aí o Natal																				
	Deus, a grande esperança de Israel																				
	Jesus, a nova Aliança de Deus com a humanidade																				

(Anexo 5)

Calendário								
1º Período	Mês	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	Aulas	
	Setembro					1	2	
		5	6	7	8	9		
		12	13	14	15	16		
		19	20	21	22	23		1
		26	27	28	29	30		2
	Outubro	3	4	5	6	7		3
		10	11	12	13	14		4
		17	18	19	20	21		5
		24	25	26	27	28		6
	Novembro	31	-	-	-	-		
		-	1	2	3	4		6
		7	8	9	10	11		7
14		15	16	17	18		8	
21		22	23	24	25		9	
Dez.	28	29	30	-	-		10	
	-	-	-	1	2			
	5	6	7	8	9		11	
	12	13	14	15	16		12	
Aulas previstas: 12								
2º Período	Janeiro	2	3	4	5	6	13	
		9	10	11	12	13	14	
		16	17	18	19	20	15	
		23	24	25	26	27	16	
		30	31	-	-	-	17	
	Fevereiro	-	-	1	2	3		
		6	7	8	9	10	18	
		13	14	15	16	17	19	
		20	21	22	23	24	20	
	Março	27	28	-	-	-		
		-	-	1	2	3		
		6	7	8	9	10	21	
		13	14	15	16	17	22	
20		21	22	23	24	23		
Abril	27	28	29	30	31	24		
	3	4	-	-	-	25		
Aulas previstas: 13								
3º	Ab	17	18	19	20	21		
		24	25	26	27	28		
	Maio	1	2	3	4	5	26	
		8	9	10	11	12	27	
		15	16	17	18	19	28	
		22	23	24	25	26	29	
		29	30	31	-	-	30	
	Jun	-	-	-	1	2		
		5	6	7	8	9	31	
	Aulas previstas: 06							
Total de aulas previstas: 31								

Divisão dos conteúdos ao longo ano letivo 2016/2017

Unidades Letivas	Temas	Notas/Datas
Apresentação	1 Acolhimento: o grupo, o professor,	20/09
Apresentação	2 Portfólio	27/09
Apresentação	3 Portfólio	04/10
UL 1 – Viver juntos	4 Mudar faz parte da vida	11/10
UL 1 – Viver juntos	5 Abraão: G 12, 1-8	18/10
UL 1 – Viver juntos	6 Os grupos onde me insiro	25/10
UL 1 – Viver juntos	7 Deus estabelece uma aliança com a humanidade	08/11
UL 1 – Viver juntos	8 A aliança: condição facilitadora e fidelidade à palavra dada.	15/11
UL 1 – Viver juntos	9 Correção do teste de avaliação	22/11
U.L. 1 – Viver Juntos	10 Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança	29/11
UL 2 – Advento e Natal	11 Vem aí o Natal	06/12
Auto e heteroavaliação	12 Deus, a grande esperança de Israel. Jesus, a nova Aliança de Deus com a	13/12
Interrupção letiva do Natal		
UL 2 – Advento e Natal	13 O Advento. Tempo de esperar e de esperança	03/01
UL 2 – Advento e Natal	14 Jesus, Deus conosco na história	10/01
UL 2 – Advento e Natal	15 A esperança cristã	17/01
UL 3 – A família, comunidade de amor	16 A família	24/01
Dia de S. João Bosco	17 Atividades na escola	31/01
Interrupção letiva do Carnaval		
UL 3 – A família, comunidade de amor	18 O valor e a missão da família	07/02
UL 3 – A família, comunidade de amor	19 O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: os valores da	14/02
UL 3 – A família, comunidade de amor	20 A participação e a corresponsabilidade na vida familiar.	21/02
UL 3 – A família, comunidade de amor	21 Entrega e correção da ficha de avaliação	07/03
UL 3 – A família, comunidade de amor	22 Comunhão de pessoas que vivem no amor.	14/03
UL 3 – A família, comunidade de amor	23 O lugar dos mais velhos em ambiente familiar	21/03
UL 4- Construir Fraternidade	24 A fraternidade. Somos irmãos, iguais em dignidade	28/03
Auto e heteroavaliação	25 Auto e heteroavaliação	04/04
Interrupção letiva da Páscoa		
UL 4- Construir Fraternidade	26 A vida em comunidade dos primeiros cristãos	02/05
UL 4- Construir Fraternidade	27 As fragilidades e ameaças à fraternidade	09/05
UL 4- Construir Fraternidade	28 Mensagem cristã sobre o perdão. Construir um mundo fraterno	16/05
UL 4- Construir Fraternidade	29 Ficha de Avaliação	Ficha 23/05
UL 4- Construir Fraternidade	30 Entrega e correção da ficha de avaliação	30/05
Auto e heteroavaliação	Final do ano letivo/Auto e heteroavaliação	06/06

Feriados			
5 Out.	Implantação da República	29 Mar.	Sexta-feira Santa
1 Nov.	Dia de Todos os Santos	31 Mar.	Páscoa
1 Dez.	Restauração da Independência	25 Abr.	Dia da Liberdade
8 Dez.	Imaculada Conceição	1 Mai.	Dia do Trabalhador
1 Jan.	Ano Novo	30 Mai.	Corpo de Deus
12 Fev.	Carnaval	13 Jun.	Dia de Santo António

Calendário escolar	
1º Período	De 16 de Setembro até 16 de Dezembro
2º Período	De 3 de Janeiro até 15 de Março
3º Período	De 2 de Abril a 14 de Junho
Interrupção das atividades letivas	
1º Período	17 de Dezembro a 2 de Janeiro
2º Período	11 a 13 de Fevereiro
3º Período	18 de Março a 2 de Abril

**(Anexo 7)****PLANIFICAÇÃO POR UNIDADE LETIVA NÍVEL III****Unidade letiva 1 – Viver juntos**

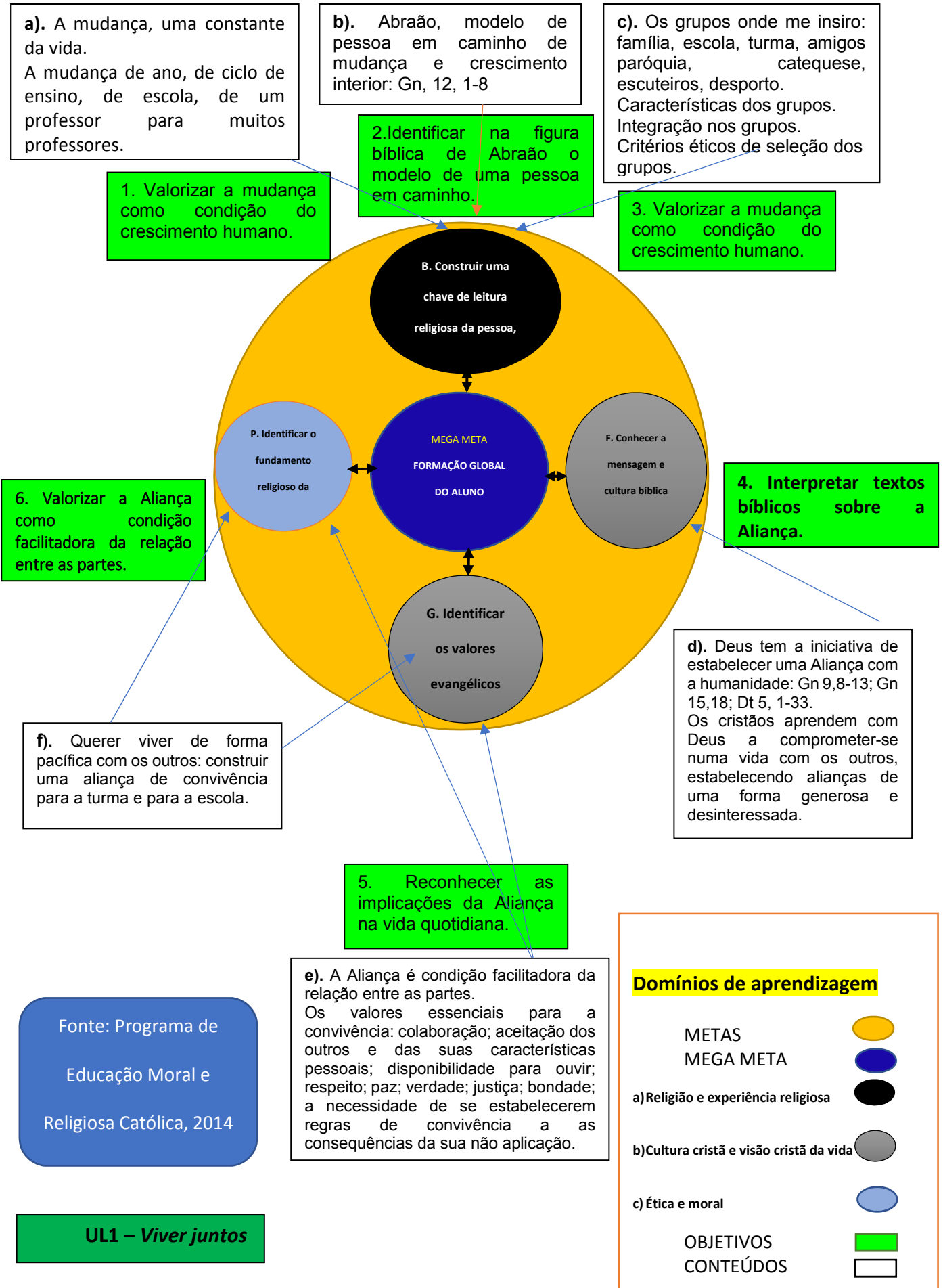
Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	A mudança, uma constante da vida.		Introdução oral à unidade letiva.		
	2. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.	A mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.	1	Construção de uma Caixa das Memórias .		
				PowerPoint Proposta de reflexão com bases em imagens expostas.		X
3. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior: Gn, 12, 1-8 Os grupos onde me insiro: família, escola, turma, amigos paróquia, catequese, escuteiros, desporto. Características dos grupos. Integração nos grupos. Critérios éticos de seleção dos grupos.	2	Leitura de poema: <i>Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades</i>.		X	
			Lançamento do desafio da construção do estendal das intenções .		X	
			Visionamento do vídeo “Abraão” .		X	
			3	Preenchimento de papel com valor pelo aluno.		X
				Apresentação dos valores selecionados	X	X
				Chuva de ideias e complementaridade do professor.	X	X



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof	Aluno
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblica	1. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança	Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 9,8-13; Gn 15,18; Dt 5, 1-33. Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.	4	PowerPoint Visionamento do filme: a Arca de Noé/Os Dez Mandamentos Correspondência dos Dez Mandamentos	X	X
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	2. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	A Aliança é condição facilitadora da relação entre partes. Os valores essenciais para a convivência: Colaboração; Aceitação dos outros e das suas características pessoais; Disponibilidade para ouvir; Respeito; Paz; Verdade; Justiça; Bondade.	5	Leitura de texto Apresentação de um quadro de regras essenciais para viver em grupo. Partilha da experiência realizada.	X	X
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes. 4. Consolidar e verificar as aprendizagens efetuadas.	A necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as suas consequências da sua não aplicação. Os selecionados para o teste de avaliação de acordo com a matriz do mesmo.	6	Registo no portefólio da correção escrita e exposição sobre os erros.	X	
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes. Os valores essenciais para a convivência: colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade; a necessidade de se estabelecerem regras de convivência a as consequências da sua não aplicação.	7	Apresentação do Decálogo e de imagens em papel com os Dez Mandamentos e sua identificação.	X	X
G. Identificar os valores evangélicos	6. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.	Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e para a escola.		Elaboração de cartaz com base na seleção dos valores em dístico.		X

(Anexo 8)

Mapa conceptual da Unidade letiva 1, *Viver juntos*



(Anexo 9) Critérios de avaliação definidos para a disciplina de EMRC**Salesianos de Manique - Escola****Departamento de Ciências Humanas e Sociais****Educação Moral e Religiosa Católica | 290****Critérios de avaliação 2016|2017**

Ensino Básico e Secundário

A. Atitudes no processo de aprendizagem:		
1. Participação ativa na sala de aula;	10%	25%
2. Cumprimento das normas e prazos estabelecidos.	15%	
B. Conhecimento da mensagem humana e cristã:		
1. Trabalhos;	20%	55%
2. Fichas de avaliação.	35%	
Em cada período, quando não realizado um destes elementos de avaliação, o peso percentual reverte a favor do único elemento avaliado.		
C. Materiais necessários para a aula:		
1. Manual;	5%	20%
2. Portfólio:		
a. Apresentação global e organização;	5%	
b. Registos diários.	10%	
TOTAL		100%

(Anexo 11)Salesianos de
Manique - EscolaEducação Moral e Religiosa Católica
5.º ano de escolaridade**Teste de avaliação**

1.º período

Unidade letiva 01: Viver juntos

Duração: 45 minutos

4 páginas

14 de novembro|2016

Nome:**Número:****Ano:** 5.º**Turma:** B**Avaliação:****Prof.:****Enc. Ed.:**

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor.

Apresenta as respostas de forma legível.

As cotações das perguntas encontram-se no final do teste.

I – Mudar faz parte da vida**1.**

A partir deste banco de palavras, **completa o texto** que se segue da forma mais correta. Utiliza cada palavra apenas uma vez.

[saber]	[beleza]	[preparado]	[amigos]	[estudar]	[livros]
[conhecer]	[música]	[crescer]	[aprender]	[atenção]	

Sei agora que (A)_____ não é só ler nos (B)_____;
 (C)_____ fazer contas de dividir, somar ou multiplicar ou
 (D)_____ alguns animais e plantas de todo o mundo. Estudar é muito mais do que isto!
 É prestar (E)_____ aos meus (F)_____ e apoiá-los nos
 momentos bons e maus; é saber observar a (G)_____ da natureza; é ouvir a
 (H)_____ maravilhosa que pode soar de um instrumento ou do canto de um pássaro.
 Estudar é sempre (I)_____ por dentro, aumentar o tamanho do nosso coração e da nossa
 sabedoria. Eu sei que se procurar (J)_____ na escola o que os professores me vão ensinar,
 no futuro estarei mais (K)_____.

2.

A mudança faz parte da vida. Neste ano letivo notaste algumas mudanças na tua vida. **Assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) cada uma das seguintes alíneas que correspondem a essas mudanças:**

- (A) [] Mudei de escola e de ciclo de ensino.
 (B) [] Estou mais baixo do que no último ano.
 (C) [] Tenho mais professores e disciplinas.
 (D) [] Sou capaz de ler melhor.
 (E) [] Permaneço no quarto ano.
 (F) [] Passei a ter aulas de 45 e 90 minutos.

3.

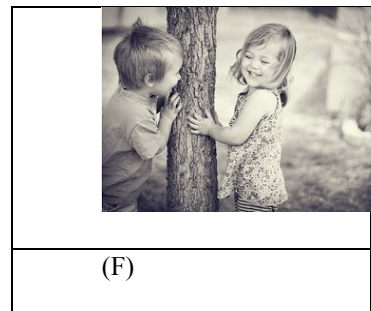
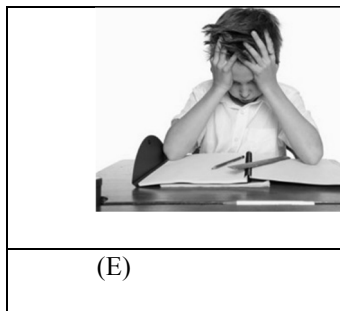
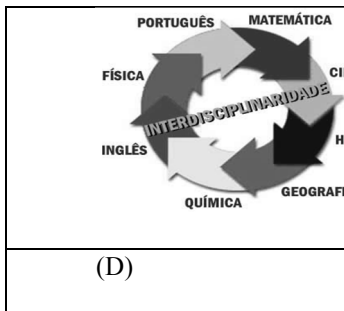
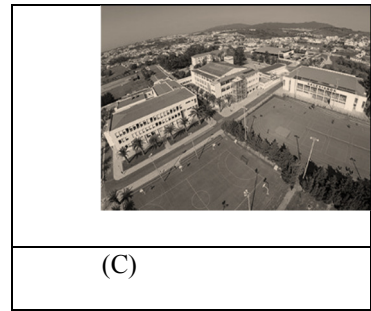
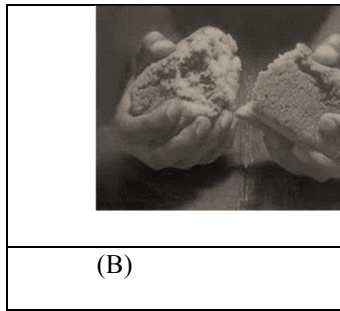
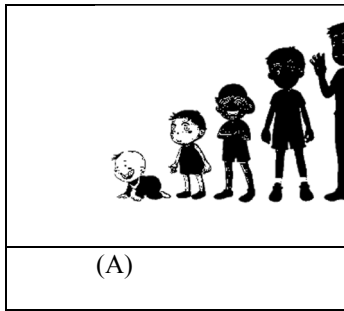
Recorda o que estudámos sobre o **significado da palavra “mudança”**. **Assinala com uma cruz (X)**, a alínea que corresponde à resposta correta. A palavra “mudança” é:

- (A) [] De origem grega, deriva de *persona*.
 (B) [] Significa transição de velocidade.
 (C) [] De origem latina – latim *mutare/mutatio* e significa alteração, modificação e transformação física ou moral.
 (D) [] Designa a capacidade de variar.

4.

Observa as imagens que se seguem e, com a ajuda do banco de palavras, *procura identificar* as **mudanças** presentes.

[físicas]	[conhecimento - intelectuais]	[partilha]	[mudança de escola]
	[novas amizades]	[várias disciplinas]	



5.




Estabelece a relação correta entre as palavras relacionadas com a vida de Abraão e sua viagem (coluna A) e as frases que lhe correspondem (coluna B), registando o número no espaço em branco respetivo.

Coluna A	Coluna B
1 – Ur	<input type="checkbox"/> Pai de muitos.
2 – Abraão	<input type="checkbox"/> Cidade suméria correspondente ao atual Iraque de onde partiu Abraão.
3 – Deus	<input type="checkbox"/> Pede a Abraão para deixar a sua terra e a sua família e ir para uma terra que Deus lhe indicou.
4 – Mudanças	<input type="checkbox"/> Terra prometida por Deus a Abraão.
5 - Canaã	<input type="checkbox"/> Oportunidades para crescer se as vivermos com confiança.

II – Os grupos a que pertencem

1.

A vida em sociedade decorre num determinado tempo e lugar e organiza-se em grupos. **Liga** cada grupo (coluna A) à imagem que lhe está associada (coluna B) de acordo com as suas características e interesses (coluna C).

Coluna A	Coluna B	Coluna C
1. Grupo da catequese	a) 	Reúnem-se uma vez por semana para aprender a viver como Jesus.
2. Grupo de coral	b) 	Reúnem-se para cantarem e aprender música.
Grupo de escuteiros	c) 	Reúnem-se aos sábados e domingos porque são amigos da natureza e gostam de atividades ao ar livre.

2.

A partir deste banco de palavras, **completa o texto** que se segue da forma mais correta para **definir grupo**.

Utiliza cada palavra apenas uma vez.

[conjunto]	[grupo]	[objetivo]	[duradoiras]	[relações]	[volta]
------------	---------	------------	--------------	------------	---------

Um (A) _____ é um (B) _____ de pessoas que têm um (C) _____ comum, pelo que se juntam à (D) _____ do mesmo estabelecendo (E) _____ entre si mais ou menos (F) _____.

3.

Todos nós pertencemos a grupos. **Explica a tua** noção (ideia) **de grupo**, tendo em conta a definição elaborada na pergunta anterior.

4.

Escreve na grelha as alíneas correspondentes às frases que **expressam atitudes** que **favorecem a vida em grupo** e **as que originam o isolamento**.

- (A) A diversidade é vista como uma riqueza.
- (B) Somos os melhores e não aceitamos o que os outros nos dizem.
- (C) Temos sempre razão.
- (D) Aceitamos que nem todos pensam da mesma maneira.
- (E) No meu grupo de amigos todos damos a nossa opinião e somos respeitados.
- (F) Vejo os outros como inimigos que é preciso derrotar.
- (G) Recebemos muito e damos muito aos outros.
- (H) Aí crescemos verdadeiramente na companhia dos outros.

1. Vida em grupo	2. Vida em isolamento

5.

Assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) cada uma das seguintes alíneas que correspondem às características da vida em grupo.

- (A) [] Afirma a tua importância.
- (B) [] Diz que tu não tens valor e que deves viver sozinho.
- (C) [] Leva-te a assumir responsabilidades dentro do grupo.
- (D) [] Ajuda-te a crescer e contribuis para o crescimento dos outros com as tuas opiniões e ideias.
- (E) [] Não precisa de regras nem de normas para o seu funcionamento.
- (F) [] É o modo mais correto da sociedade se organizar.
- (G) [] Permite que te construas como pessoa na relação com os outros.
- (H) [] Não permite que cresçamos verdadeiramente na sua companhia.
- (I) [] Necessita de ordem para um relacionamento saudável entre as pessoas.
- (J) [] Necessita de regras ou normas para organizar a convivência das pessoas.
- (K) [] Afirma regras, normas ou leis que orientam a vida em grupo e são o resultado de consensos sociais.

6.

Faz corresponder o tipo de grupo (coluna A) às suas características (coluna B), registando o número no espaço em branco adequado.

Coluna A	Coluna B
1 – Grupos positivos/saudáveis. ☺ Valores autênticos (Humanos)	<input type="checkbox"/> Prevalece a mentira e informação não verdadeira. <input type="checkbox"/> Preocupam-se com o bem-estar de todos os membros do grupo. <input type="checkbox"/> Contribuem para o nosso crescimento como pessoas quando se regem por valores autênticos. <input type="checkbox"/> Têm objetivos desumanos. (terrorismo) <input type="checkbox"/> São violentos. <input type="checkbox"/> Provocam desacatos e brigas entre as pessoas.
2 – Grupos negativos/doentes. ☹ (Objetivos desumanos)	<input type="checkbox"/> Para o seu bom funcionamento espera-se que cada elemento seja transparente, dando-se a conhecer tal como é. <input type="checkbox"/> Respeita cada membro como é. <input type="checkbox"/> Ajuda os outros naquilo que precisam.

III – Deus estabelece uma aliança com a humanidade

1.

Assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) cada uma das seguintes frases.

- (A) A Bíblia está dividida em duas partes.
 (B) A Bíblia é composta por 73 livros.
 (C) Os livros na Bíblia estão divididos em capítulos e versículos.
 (D) No Antigo Testamento encontramos muitas referências à Aliança entre Deus e o seu Povo.
 (E) Deus pede a Noé que construa uma “arca” da Aliança.
 (F) A história do dilúvio é narrada no livro do Êxodo.
 (G) É no livro do Génesis que se conta a história do dilúvio e da arca de Noé.
 (H) A aliança só é válida se não trairmos os amigos.
 (I) Noé era um homem justo e bom.
 (J) Deus pediu-lhe para construir uma “arca” de madeira para nela conseguir sobreviver a um dilúvio que estaria para acontecer.
 (K) Na “arca” foram salvos Noé e sua família, bem como um casal de animais de cada espécie.
 (L) O arco-íris que apareceu após o dilúvio, simboliza a aliança de Deus com a humanidade.

COTAÇÕES												
I.					II.						III.	Total
1.	2.	3.	4.	5.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	1.	
11	12	5	6	10	6	6	4	8	11	9	12	100

Bom trabalho!

Prof. Jorge Nogueira



(Anexo 12)

**Salesianos de
Manique - Escola**

Departamento de Ciências Humanas e Sociais



Matriz do teste de avaliação

2016/2017

5.º B

1.º período

Unidade letiva 01: Viver juntos

14 novembro 2016

Duração: 45 minutos

Grupo	Pergunta	Metas	Objetivos	Conteúdos	Estrutura	Cotação		
I.	1.	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Valorizar a mudança como condição de crescimento humano.	A mudança uma constante da vida.	Completar texto	1x11=11		
	2.					Verdadeiro/Falso	2x6=12	
	3.					Escolha múltipla	5	
	4.							Associação
	5.		Identificar na figura de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.	Abraão, modelo de pessoa em caminho e crescimento interior.	Associação	2x5=10		
II.	1.	F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento.	Características dos grupos com valores e finalidades comuns.	Associação	1x6=6		
	2.					Definição de grupo.	1x6=6	
	3.					Integração nos grupos	4	
	4.					Vida em grupo/isolamento.	1x8=8	
	5.					Critérios éticos de seleção dos grupos: atitudes e comportamentos.	Associação	1x11=11
	6.							
III.	1.	A Bíblia e sua estrutura. A Aliança de Deus com a Humanidade.	A Bíblia e sua estrutura. A Aliança de Deus com a Humanidade.	Verdadeiro/Falso	Verdadeiro/Falso	1x12=12		

Bom estudo!

Prof. Jorge Nogueira








**(Anexo 13)**

Correção do teste de avaliação*	2016 2017
5.º ano de escolaridade	1.º período
Unidade letiva 01: Viver juntos	14 novembro 2016
Duração: 45 minutos	

Grupo	Pergunta	Correção	Estrutura	Cotação
I.	1. (A) estudar, (B) livros, (C) saber, (D) conhecer, (E) atenção, (F) amigos, (G) beleza, (H) música, (I) crescer, (J) aprender, (K) preparado.		Completar texto	11x1=11
	2. (A) V; (B) F; (C) V; (D) V; (E) F; (F) V.		Verdadeiro e falso	6x2=12
	3. C		Escolha múltipla	5
	4. (A) Físicas; (B) Partilha; (C) mudança de escola; (D) várias disciplinas; (E) conhecimento- intelectuais; (F) Novas amizades.		Verdadeiro e falso	6x1=6
	5. 1- (B); 2- (A); 3- (C); 4- (E); 5 (D).		Associação	5x2=10
	1. (1- B- I); (2- C- II); (3- A- III).		Correspondência	6x1=6
II.	2. (A) Grupo; (B) conjunto; (C) objetivo; (D) volta; (E) relações; (F) duradoiras.		Completar texto	6x1=6
	3. Um grupo é um conjunto de pessoas: valores; objetivos; tendem a estar juntas.		Resposta aberta	4
	4. 1- (A), (D), (E), (G), (H); 2- (B), (C), (F).		Seleção múltipla	8x1=8
	5. (A) V; (B) F; (C) V; (D) V; (E) F; (F), V (G) V, (H) F, (I) V, (J) V, (K) V.		Verdadeiro e falso	11x1=11
III.	6. 1- (B, C, G, H, I); 2- (A, D, E, F)		Associação	9x1=9
	(A) V; (B) F; (C) V; (D) V; (E) F; (F), V (G) V, (H) F, (I) V, (J) V, (K) V.		Verdadeiro e falso	11x1=11

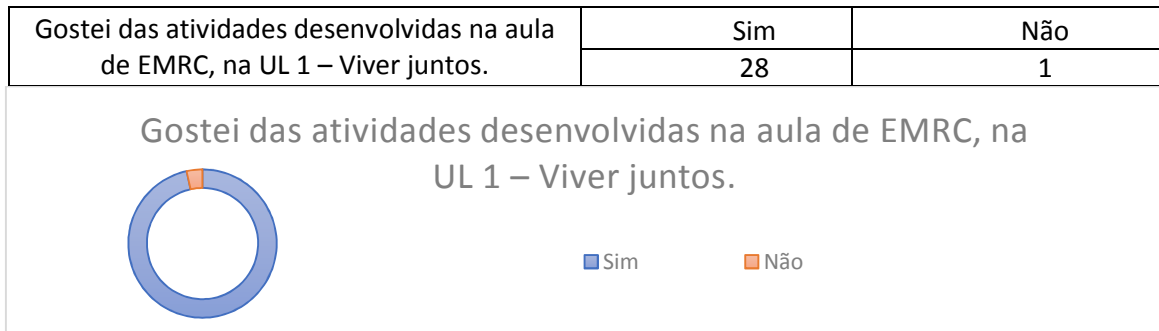
(Anexo 14) – Questionário de avaliação às atividades da UL 1, *Viver juntos*

AVALIAÇÃO - SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA 2016/2017

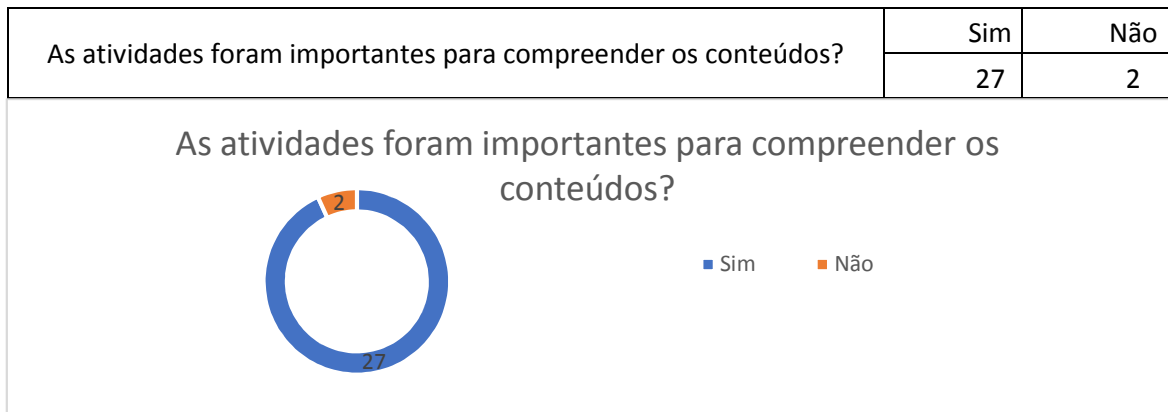
Avaliação da unidade letiva 1: <i>Viver juntos</i>					
Questões	Avaliação das estratégias/atividades				
Marca com um X a resposta ao que achas certo!		Sim	Não		
Gostei das atividades?					
As atividades foram importantes para compreender os conteúdos?					
		Nada Inte.	Pouco Inte.	Interessante	Muito Inte.
Achei as atividades desenvolvidas na aula de EMRC na UL 1, <i>Viver juntos</i> ?					
Achei a atividade (etiqueta) do estendal das intenções interessante?					
Achei a atividade as minhas mudanças interessante?					
Achei a construção das emoticons interessante?					
Achei a atividade do preenchimento dos valores interessante?					
Achei a atividade da correspondência dos 10 Mandamentos interessante?					
Achei a atividade da seleção dos valores interessante?					
Achei a construção da caixa das memórias interessante?					

(Anexo 15) Gráficos ilustrativos dos resultados da avaliação

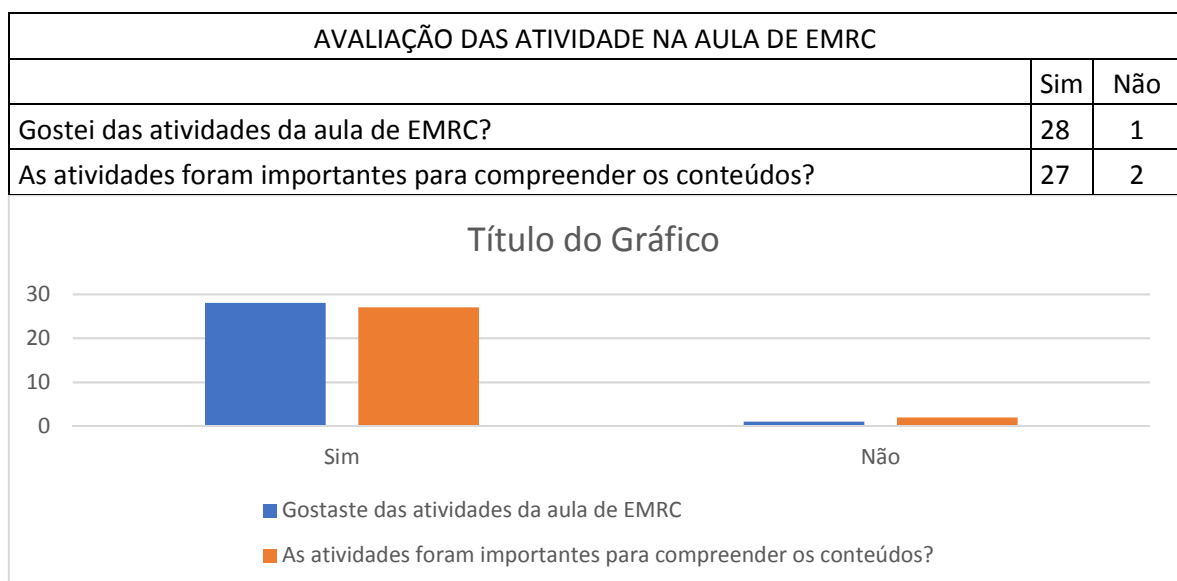
Resultado da questão 1:



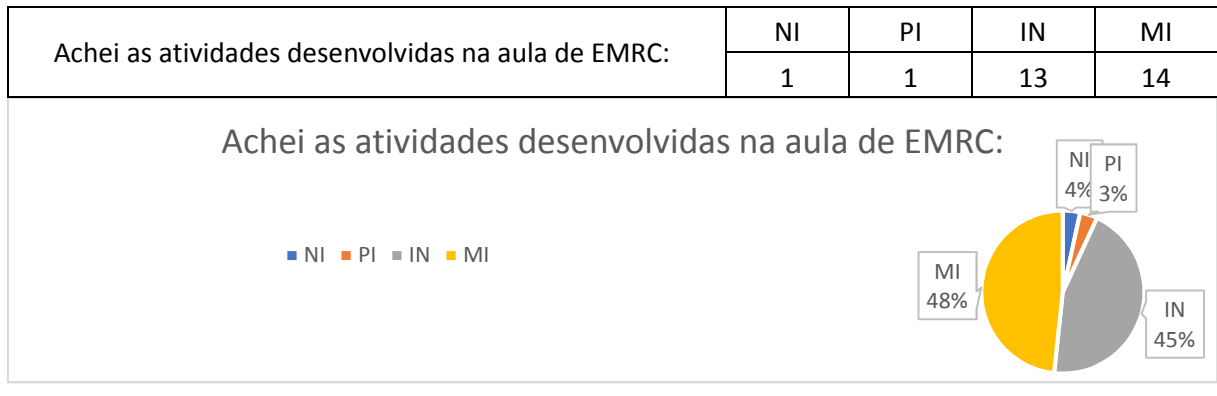
Resultado da questão 2:



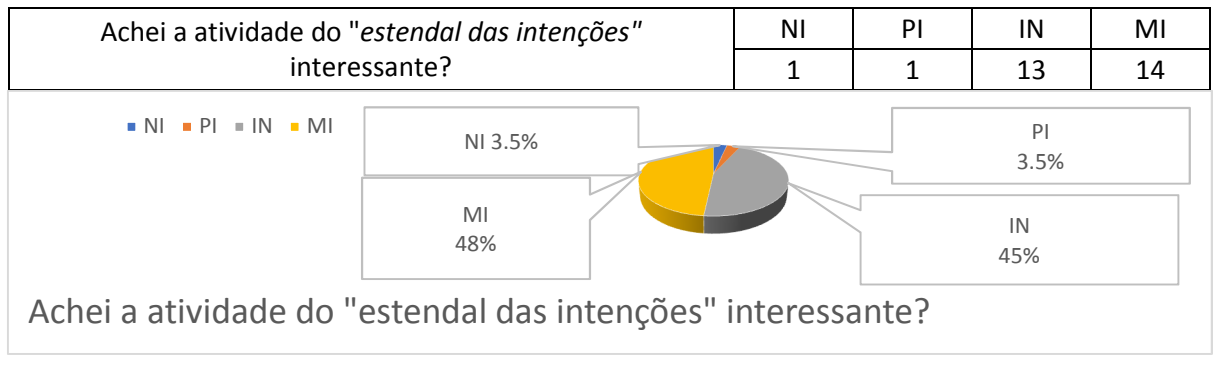
Resultado da questão 1 e 2 conjuntamente:



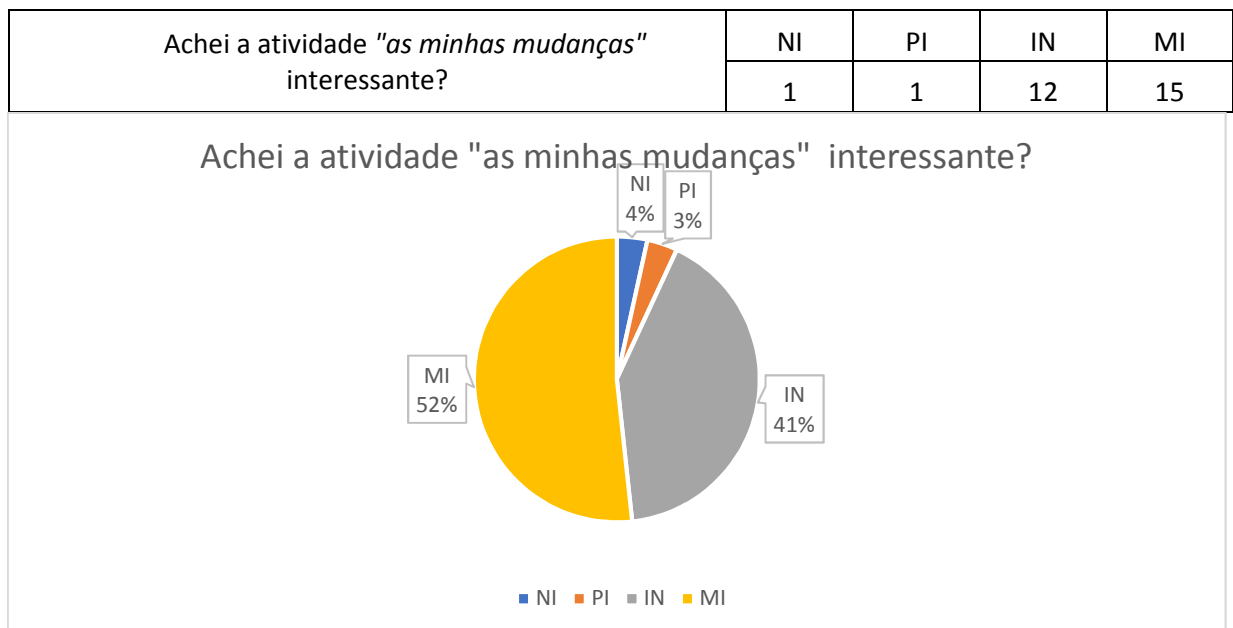
Resultado da questão 3:



Resultado da questão 4:

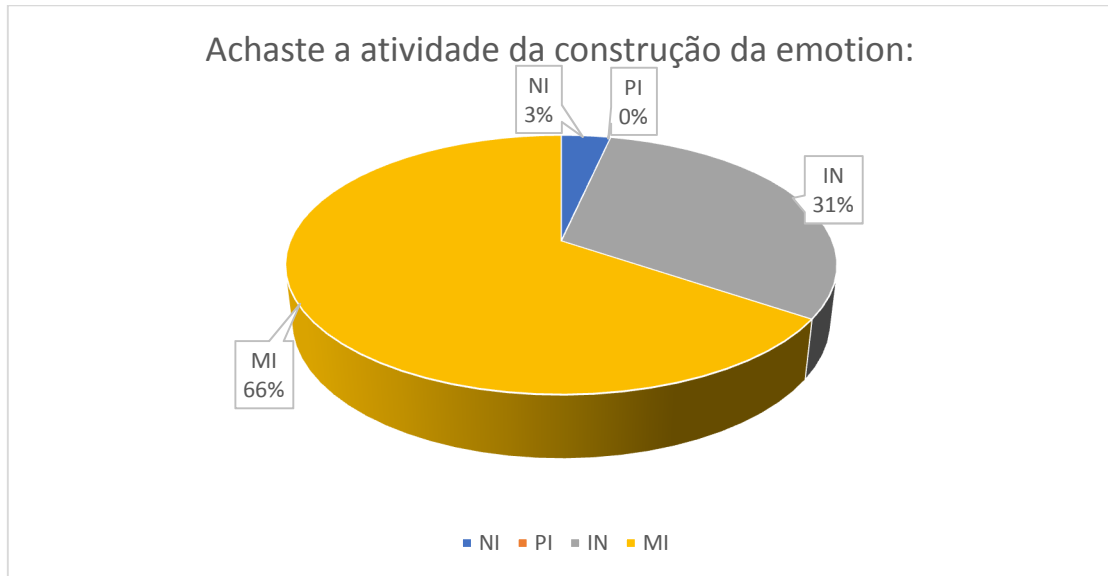


Resultado da questão 5:



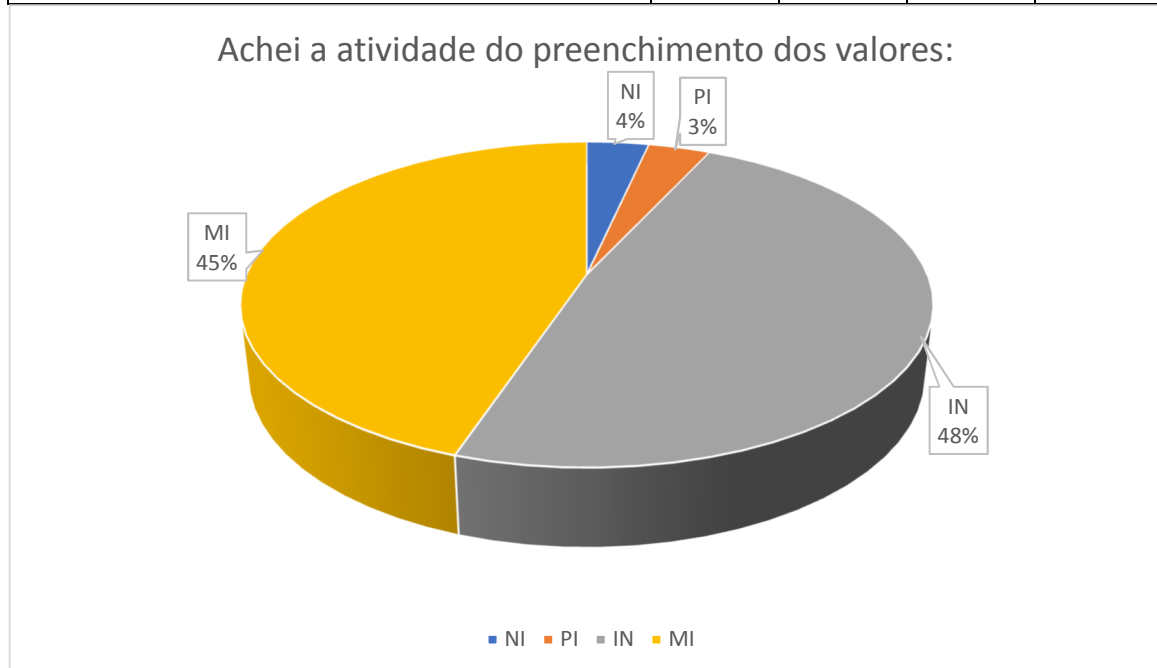
Resultado da questão 6:

	NI	PI	IN	MI
Achaste a atividade da construção da <i>emoticons</i> :	1	0	9	19



Resultado da questão 7:

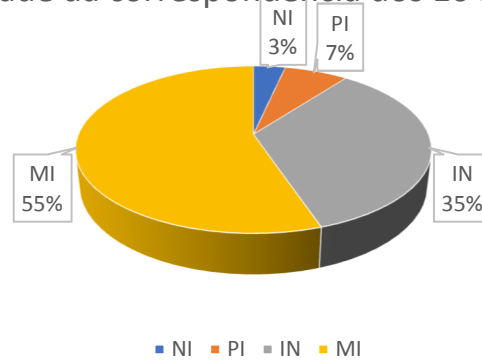
Achei a atividade do preenchimento dos valores:	NI	PI	IN	MI
	1	1	14	13



Resultado da questão 8:

Achei a atividade da correspondência dos 10 Mandamentos:	NI	PI	IN	MI
	1	2	10	16

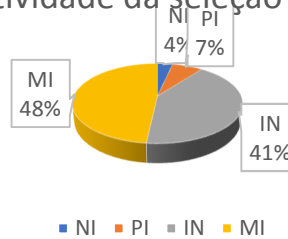
Achei a atividade da correspondência dos 10 Mandamentos:



Resultado da questão 9:

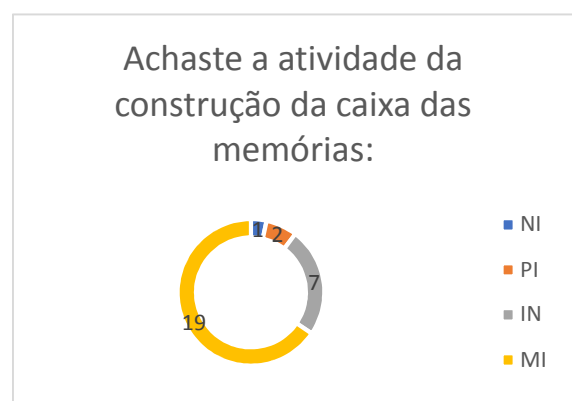
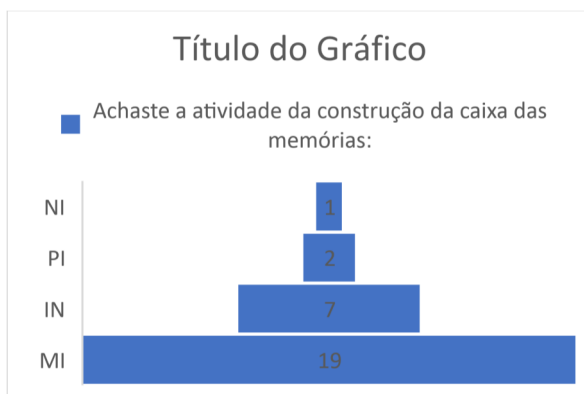
Achei a atividade da seleção de valores:	NI	PI	IN	MI
	1	2	12	14

Achei a atividade da seleção de valores:



Resultado da questão 10:

Achei a atividade da construção da caixa das memórias:	NI	PI	IN	MI
	1	2	7	19





Calendário							
	Mês	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	Aulas
		1º Período					
Setembro						1	
	4	5	6	7	8		
	11	12	13	14	15	1	
	18	19	20	21	22	2	
Outubro	25	26	27	28	29	3	
	2	3	4	5	6	4	
	9	10	11	12	13	5	
	16	17	18	19	20	6	
Novembro	23	24	25	26	27	7	
	30	31	-	-	-	8	
	-	-	1	2	3	8	
	6	7	8	9	10	9	
Dez.	13	14	15	16	17	10	
	20	21	22	23	24	11	
	27	28	29	30	-	12	
	-	-	-	-	1	12	
Aulas previstas: 14							
2º Período							
Janeiro	4	5	6	7	8	13	
	11	12	13	14	15	14	
	1	2	3	4	5	15	
	8	9	10	11	12	16	
Fevereiro	15	16	17	18	19	17	
	22	23	24	25	26	18	
	29	30	31	-	-	19	
	-	-	-	1	2	19	
Março	5	6	7	8	9	20	
	12	13	14	15	16	21	
	19	20	21	22	23	22	
	26	27	28	-	-	23	
Aulas previstas: 10							
3º Período							
Abril	-	-	-	1	2	23	
	5	6	7	8	9	21	
	12	13	14	15	16	22	
	19	20	21	22	23	23	
Maio	9	10	11	12	13	24	
	16	17	18	19	20	25	
	23	24	25	26	27	26	
	30	-	-	-	-	26	
Junho	-	1	2	3	4	27	
	7	8	10	11	12	28	
	14	15	16	17	18	29	
	21	22	23	24	25	30	
Aulas previstas: 9							
Total de aulas previstas: 33							

Conteúdos anuais			
Unidades Letivas	Temas	Not	
Apresentação	1	Mudar faz parte da vida	
UL 1 – Viver juntos	2	Abraão: G 12, 1-8	
UL 1 – Viver juntos	3	Os grupos onde me insiro	
UL 1 – Viver juntos	4	Integração nos grupo e critérios de seleção	
UL 1 – Viver juntos	5	Deus estabelece uma aliança com a humanidade	
UL 1 – Viver juntos	6	Os cristãos aprendem com Deus a comprometerem-se	
UL 1 – Viver juntos	7	A aliança: condição facilitadora da relação entre as partes e a necessidade de se estabelecerem regras	
UL 1 – Viver juntos	8	Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma	
UL 1 – Viver juntos	9	Realização da ficha de avaliação.	
UL 2 – Advento e Natal	10	Deus é sempre fiel à sua Aliança.	
UL 2 – Advento e Natal	11	A grande esperança de Israel: Deus está sempre atento às necessidades do seu povo.	
UL 2 – Advento e Natal	12	O Advento: tempo de espera e de esperança.	
UL 2 – Advento e Natal	13	As figuras do Advento, modelos de quem espero o Senhor que vem: João Batista; Maria, mãe de Jesus	
Auto e heteroavaliação	14	Entrega e correção da ficha de avaliação. Auto e heteroavaliação	
Interrupção letiva do Natal			
UL 2 – Advento e Natal	15	O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós	
UL 2 – Advento e Natal	16	Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história	
UL 2 – Advento e Natal	17	Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã	
UL 3 – A família, comunidade de amor	18	Funções da família	
UL 3 – A família, comunidade de amor	19	A família	
Interrupção letiva do Carnaval			
UL 3 – A família, comunidade de amor	20	O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: os valores da verdade e do perdão; família de nazaré.	
UL 3 – A família, comunidade de amor	21	Comunhão de pessoas que vivem no amor.	
UL 3 – A família, comunidade de amor	22	Participação e corresponsabilidade na vida em família.	
UL 3 – A família, comunidade de amor	23	O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.	
UL 3 – A família, comunidade de amor	24	Ficha de avaliação.	
UL 4- Construir Fraternidade	25	O significado da palavra fraternidade. Somos todos irmãos iguais em dignidade.	
Auto e heteroavaliação	26	Entrega e correção da ficha Auto e heteroavaliação	
Interrupção letiva da Páscoa			
UL 4- Construir Fraternidade	27	Deus, como Pai ama a todas as pessoas: Jo 13,14.; Mt 7,11; Mt 5, 43-48. A vida em comunidade dos primeir.	
UL 4- Construir Fraternidade	28	As fragilidades e ameaças à fraternidade.	
UL 4- Construir Fraternidade	29	Mensagem cristã sobre o perdão Construir um mundo fraterno.	
UL 4- Construir Fraternidade	30	Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: aceitar erros...	
UL 4- Construir Fraternidade	31	A regra de ouro, Lc 6,31 Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.	
UL 4- Construir Fraternidade	32	Ficha de Avaliação.	Ficha
Auto e heteroavaliação	33	Entrega e correção da ficha de avaliação Auto e heteroavaliação.	
<p>UL1 +UL2 = (9+8)=[17] + UL3+UL4 (7+9)=[16]=33</p>			



Feriados			
5 Out.	Implantação da República	30 Mar.	Sexta-feira Santa
1 Nov.	Dia de Todos os Santos	1 Abr.	Páscoa
1 Dez.	Restauração da Independência	25 Abr.	Dia da Liberdade
8 Dez	Imaculada Conceição	1 Mai.	Dia do Trabalhador
25 Dez	Natal	31 Mai.	Corpo de Deus
1 Jan.	Ano Novo	10 Jun.	Dia de Portugal
13 Fev.	Carnaval	13 Jun.	Dia de Santo António

Calendário escolar	
1.º Período	De 8 de Setembro até 15 de Dezembro
2.º Período	De 3 de Janeiro até 23 de Março
3.º Período	De 9 de Abril a 15 de Junho
Interrupção das atividades letivas	
1.º Período	18 de Dezembro a 2 de Janeiro
2.º Período	12 a 14 de Fevereiro
3.º Período	26 de Março a 6 de Abril

Justificação: A presente proposta de planificação, parte do pressuposto de que as aulas a lecionar, à turmas do 5.º ano, ocorrem numa qualquer escola do país e têm lugar à terça-feira, havendo, por isso 33 aulas. Assim, de modo a harmonizar a divisão do tempo pelos conteúdos, e dada a importância que colocámos ao tema teológico *cuidar do outro*, propomos que as aulas se dividam do seguinte modo: UL1, *Viver juntos*; nove aulas; UL2 *Advento e Natal*, oito aulas; UL3, *A Família, comunidade de amor*, sete aulas, e, por fim, UL4, *Construir a fraternidade*, nove aulas. Esta planificação teve presente a proposta da inclusão da meta N, *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, na UL1, *Viver juntos*, de modo a tornar mais fácil o compromisso pessoal dos alunos, em pequenas atividades, projetos, propostas de cariz anual e que no programa de EMRC aparece apenas na UL4, *Construir a fraternidade*, nos conteúdos relativos à construção de um mundo mais fraterno, em que se pretende promover a concórdia nas relações pessoais, sendo que, o último conteúdo apresentado no programa é exatamente: *“Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida”*. Sendo este o último conteúdo apresentado no programa, corre sérios riscos de não ser tratado, não permitindo um compromisso pessoal, de base anual, sobre o tema e o desenvolvimento da meta *“Promover o bem comum e o cuidado do outro”*. Pode-se objetar sempre que se podem inverter a ordem das unidades letivas, contudo, somos da opinião que relativamente aos conteúdos, não faz muito sentido essa alteração. Porque? Porque num ano de transição do 1.º para o 2.º ciclo faz todo o sentido pedagógico ter uma unidade introdutória dedicada à mudança. A segunda unidade, UL2, *Advento e Natal*, não faria qualquer sentido alterar a sua ordem, em virtude de, em termos de calendário, haver um tempo específico, para, a partir da cultura e da identidade de um povo tratar o tema do Natal e tudo o que com ele se relaciona.

Por isso, na divisão das unidades letivas esteve presente a necessidade de uma organização coerente dos conteúdos que se pretendem operacionalizar a partir das metas curriculares, que enunciam expectativas gerais, relativas à aprendizagem dos alunos, e nas quais se pretende incluir na UL1, *Viver juntos*, a meta N, *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, de modo a permitir operacionalizar pequenas atividades, projetos, que ponham os alunos a trabalhar competências intelectuais, morais, sociais de uma maneira mais concreta que lhes possibilite na prática a realização do bem, fomentando essas competências no crescimento das crianças

A partir das finalidades da disciplina de EMRC e da nossa visão de como se articulam metas, objetivos, conteúdos, estratégias e gestão do tempo, procurámos encontrar as estratégias mais adequadas para que a operacionalização dos conhecimentos/competências ocorra como se espera. Ao apresentarmos este itinerário somos conscientes de que os professores são chamados a adotar aos seus alunos as orientações programáticas definidas pelo Ministério da Educação, tendo em conta a diversidade cultural e o sentido da importância da educação para inclusão dos mais desfavorecidos.

Não é de mais realçar que a EMRC visa a totalidade do real no campo do agir humano, pelo que, a partir de um método existencial e hermenêutico, colocaremos os nossos alunos numa ação interpretativa do mundo em que vivem iluminados por uma perspetiva cristã e católica da história e do mundo, embora hoje essa não seja única. Neste percurso, não descuramos a necessidade de uma educação integral da pessoa que sustenta um desenvolvimento pleno da personalidade humana e fomenta uma tomada de posição ética no agir humano baseado em valores, proporcionando um crescimento e integração plena na família e na sociedade, com vista ao desenvolvimento de uma cidadania plena. Não esquecemos que *“a EMRC tem relação com distintos âmbitos do conhecimento que também abordam os direitos humanos: a Ética, a Filosofia, a História, a Literatura... numa perspetiva teológica e autêntica dos direitos humanos, a partir do pensamento legado pela tradição cristã, desde o Antigo Testamento, à pregação de Jesus e à vida da Igreja através dos séculos... Há que ir procurar na escola de Salamanca, sobretudo em Francisco de Vitória e Bartolomé de las Casas, o pensamento inspirado das Declarações de Direitos, da Declaração de Direitos Humanos de 1948 e dos conceitos de democracia e Direito Internacional.”*¹

Todo este percurso só será verdadeiramente significativo se soubermos abarcar na prática pedagógica o plano cognitivo e emocional, pelo que, as estratégias a desenvolver na prática letiva visam aquisições significativas e duradouras para os futuros cidadãos, que se querem capazes de pensar, agir, decidir e conviver no tecido social, promovendo o bem comum. No âmbito pedagógico, embora no passado o ensino se centrasse numa perspetiva objetivista, em que os conteúdos eram ministrados como verdades absolutas, permanecendo ainda hoje, na estrutura escolar uma forte cultura subjacente a esta perspetiva, que emerge constantemente no diálogo com os nossos pares, já mais aceitamos que na nossa prática letiva se conceba o objetivismo como motor do *“conhecimento como sendo constituído por verdades a que os seres humanos têm acesso”*. (Tobin, 1992, p. 2), já que *“A essência do objetivismo é a de que as categorias do pensamento correspondem às categorias do mundo (e de que) só existe uma forma correta para descrever a experiência”* (p.2) e construir o conhecimento”².

1

Juan Souto COELHO, “Os direitos humanos no contexto da Educação Moral e Religiosa Católica”, in SNEC, *Forum de EMRC*, Lisboa 2005, p. 209.

² ARENDS, Richard, I., *Aprender a ensinar*, Capítulo I – *Fundamentos científicos da arte de ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa 1999, p. 4



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	A mudança, uma constante da vida.		Introdução oral à unidade letiva		
	2. Promover o acolhimento e a aceitação do outro.	A mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.	1	PowerPoint Proposta de reflexão com bases em imagens expostas. Leitura de poema: <i>Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.</i>	X	X
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	3. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.	Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior: Gn, 12, 1-8	2	Desafio: construção de uma “caixa das memórias”. Visionamento do “Abraão”.		X
	4. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento.	Os grupos onde me insiro: família, escola, turma, amigos paroquia, catequese, escuteiros, desporto; Características dos grupos: conjunto de pessoas com finalidades comuns, que se juntam para atingirem objetivos, através de estratégias concertadas de atuação, estabelecendo entre si relações.	3	Construção do “estendal das intenções” Chuva de ideias e complementaridade do professor Proposta de formação de um grupo para jornada de voluntariado	X	X

Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno



Unidade Letiva 1 – Viver Juntos

		Unidade Letiva 1 – Viver Juntos	
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	5. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento.	Integração nos grupos: colaboração com os outros; aceitação dos outros; disponibilidade para ouvir; participação nas atividades	PowerPoint
	6. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança	Critérios éticos de seleção dos grupos. Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 9,8-13; Gn 15,18; Dt 5, 1-33.	Distribuição de conjunto de valores pelos alunos para seleção conjunta. X Seleção de valores PowerPoint
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblica	7. Promover o acolhimento e a aceitação do outro.	Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.	Visionamento do filme: a Arca de Noé/Os Dez Mandamentos. X Elaboração de uma <i>emotions</i> para oferecer ao colega do lado. X
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	8. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	A Aliança é condição facilitadora da relação entre partes. Os valores essenciais para a convivência: Colaboração; Aceitação dos outros e das suas características pessoais; Disponibilidade para ouvir; Respeito; Paz; Verdade, Justiça; Bondade. A necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as suas consequências da sua não aplicação.	Introdução oral ao conteúdo da aula Leitura de texto
G. Identificar os valores evangélicos.	9. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.	Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e para a escola.	Apresentação de um quadro de regras essenciais para viver em grupo. X Elaboração de um mural do compromisso dos alunos para com a comunidade X
TESTE	Avaliar as aprendizagens	Os da UL 1, <i>Viver juntos</i>	Realização de teste escrito X



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.	Deus é sempre fiel à sua Aliança.	10	Introdução oral à unidade letiva PowerPoint Proposta de reflexão com bases em imagens expostas. Leitura do texto: <i>aproxima-se o Natal.</i>	X	X
	2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.	A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo: Ex 3, 7-10: “Vi...ouvi... conheço...desci”; Jr 31, 31-33; Is 9, 1-6; 11, 1-9. Livro do Êxodo; Emanuel – O messias esperado de Israel; Livro de Isaías; Profeta.	11	Apresentação dramatizada do texto: Ex 3, 7-10; Is 7, 14; Is 9.1.5; Is 11, 1-9 PPT Bíblia Construção de uma árvore genealógica da árvore de Jessé	X	X
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Compreender o sentido do Advento.	O Advento: tempo de espera e de esperança. Calendário litúrgico. Tempo de recolhimento	12	Apresentação de calendário do Advento. PPT – Calendário litúrgico e figuras do Advento Momento de silêncio e recolhimento pessoal	X	X



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
G. Identificar os valores evangélicos.	5. Identificar as figuras do Advento.	As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: João Batista; Maria, a mãe de Jesus (Virgem Maria) S. José; e as diferentes tradições do Natal. S. Francisco de Assis; O presépio.	13	PPT – Calendário litúrgico e figuras do Advento Canção/Música – “Maria” Preenchimento de postal de Boas festas! Registro no portefólio da correção do teste.	X	X
	6. Avaliar as aprendizagens e competências adquiridas	Os lecionados na UL1, <i>Viver juntos</i>	14		X	X
	7. Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a Humanidade.	O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós: Mt 1, 18-25. A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel: Mt 26, 26-28; Lc 22, 20.	15	Apresentação de PPT Visionamento do filme: <i>Natividade</i> Construção de friso cronológico.	X	X
	8. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história. Jesus encarna numa realidade histórica: Jo 1, 1-4. 14. A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social. Invasão da Palestina; Roma; Herodes; grupos sociais judaicos. Recenseamento.	16	Leitura do texto: “	X	X
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	9. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus. Jesus.	A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.	17			



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	1. Reconhecer as diferentes funções da família	<ul style="list-style-type: none"> • Funções da família: <ul style="list-style-type: none"> ✓ De humanização; ✓ De socialização e educação; ✓ De afetividade; ✓ De proteção; ✓ De interajuda • A família é: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; ✓ Espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e de responsabilidade; ✓ Força socializadora, através da vivência baseada num sistema de relações sociais fundadas em valores; ✓ Lugar educativo contra as injustiças sociais; ✓ Acolhimento e reconhecimento da pessoa. • Tipologias de famílias: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Família alargada/nuclear; ✓ Família tradicional/monoparental; ✓ Consanguinidade/adoção; casais com/sem filhos; ✓ Crianças educadas pelos avós ou por outros membros familiares. 	18	Introdução oral à unidade letiva Visualização de um pequeno vídeo publicitário da marca coca-cola sobre as famílias. <i>Brain storming</i> sobre os valores que os alunos associam à família. Apresentação da família de cada aluno através da construção de uma árvore genealógica. Diaporama multimédia com as definições da palavra família. Registo individual da sua definição de família – síntese.	X	X
	2. Identificar o projeto de Deus para a família.	<ul style="list-style-type: none"> • O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Viver os valores da verdade, da bondade, do perdão; ✓ Dar prioridade à consciência do ser em relação à consciência do ter. • O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: <ul style="list-style-type: none"> ✓ A família de Nazaré, testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus. 				



Unidade Letiva 1 – Viver Juntos

<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p>	<p>3. Promover os valores do amor na vida familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Comunhão de pessoas que vivem no amor: ✓ Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio; ✓ Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da responsabilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade; ✓ A reconciliação: compreensão, tolerância, perdão; ✓ O respeito e promoção da singularidade pessoal: na saúde e na doença; na pobreza e na riqueza. 	<p>21</p>	<p>Dramatização da história: “janelas douradas”.</p> <p>Preenchimento de um guião de análise.</p> <p>Síntese das principais ideias.</p>	<p>X</p>
<p>L. estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé</p>	<p>4. Valorizar a participação de todos na vida em família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e responsabilidade na vida em família: ✓ A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à responsabilidade. ✓ Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades; ✓ A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor; ✓ A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante. • O lugar dos mais velhos no ambiente familiar. 	<p>22</p>	<p>Jogo com os alunos sobre e vivência familiar, direitos/deveres</p> <p>Jogo da glória</p>	<p>X</p>
		<p>Todos os conteúdos desta unidade letiva + UL2, <i>Advento e Natal</i></p>	<p>23</p>	<p>Audição e análise da música da Mafalda Veiga: “O velho”</p> <p>Realização de um cartão/mensagem para um idoso à escolha de cada aluno.</p>	<p>X</p>
			<p>24</p>	<p>Ficha de Avaliação</p>	<p>X</p>



Metas	Objetivos	Conteúdos	Aula	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano	<ul style="list-style-type: none"> O significado da palavra fraternidade e o seu alcance social e religioso. Somos todos irmãos: Todos somos dotados de razão e consciência (Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo I); Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar. 	25	<p>Introdução oral à unidade letiva</p> <p>Visualização de um pequeno vídeo sobre a origem do homem.</p> <p>Preenchimento de um guião de análise (trabalho de pares)</p>	X	X
	2. Valorizar a comum filiação divina	<ul style="list-style-type: none"> Deus. Como Pai, ama a todas as pessoas. 	26	<p>Pesquisa de situações nos grupos onde nos inserimos onde existe falta de fraternidade (trabalho de pares).</p> <p>Leitura e análise do documento “Pai-Nosso da Humanidade”</p> <p>Leitura de texto.</p> <p>Realização de ficha lacunar</p>	X	X
G. Identificar os valores evangélicos	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs	<ul style="list-style-type: none"> Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo: At 2,42-47; At 5,12-16 	27	<p>Exploração de um pequeno diaporama multimédia.</p> <p>Realização de um jogo sobre o agir moral, colocando o aluno perante situações em que distingue o bem do mal.</p>	X	X
	4. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade	<ul style="list-style-type: none"> O mal: as fragilidades e ameaças à fraternidade, tudo o que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Mentir; ✓ Pensar mal do outro; ✓ Desejar mal ao outro; ✓ O conflito não resolvido e a violência; ✓ A maldicência; ✓ O egoísmo; ✓ A inveja. ✓ A ofensa; ✓ A rejeição. 	28			



Unidade Letiva 1 – Viver Juntos

<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro</p>	<p>5. Identificar a a petspetiva cristã sobre o perdão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A mensagem cristã sobre o perdão. Sir 28, 1-7, perdoar o outro e recusar a vingança. Lc 6, 36-38, ser misericordioso. 	<p>28</p>	<p>Lectura e análise do conto: “O homem que não sabia perdoar”.</p> <p>Realização de uma ficha de análise (trabalho de pares)</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro</p>	<p>6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Aceitar os erros (a revisão de vida); ✓ Estar disposto a pedir perdão; ✓ Aceitar os outros, apesar dos seus erros; ✓ Ser capaz de perdoar; • Aceitar ser perdoado 	<p>30</p>	<p>Visionamento de vídeo</p> <p>Diálogo com os alunos sobre as principais conclusões.</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
<p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A regra de ouro: “Façam aos outros como desejam que os outros vos façam”, Lc 6,31; <p>Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.</p> <p>UL4, <i>Construir a fraternidade.</i></p>	<p>31</p>	<p>Construção de um painel alusivo ao tema: “Vamos dar a mão pela paz” (o trabalho final poderá ser exposto na escola).</p>	<p>X</p>	<p>X</p>
<p>Q; G; N; L;</p>			<p>32</p>	<p>Teste de Avaliação</p>		<p>X</p>
		<p>Entrega e correção do teste de avaliação- Auto e heteroavaliação.</p>	<p>33</p>	<p>Entrega e correção da ficha de avaliação. Auto e heteroavaliação. Encerramento do ano letivo.</p>	<p>X</p>	<p>X</p>



EMRC – PLANIFICAÇÃO ANUAL
METAS SELECIONADAS
5º ANO - 2017/2018

U. Letivas	Temas/conteúdos	T. Letivos	P. Aulas	A- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	E- Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	F-. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	G-. Identificar os valores evangélicos.	L-. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	M- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	N-. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	P- Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Q-. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade pessoa humana.		
UL1, Viver Juntos	1- Mudar faz parte da vida.	9	1.º		X						X				
	2- Abraão: G 12, 1-8.			X											
	3- Os grupos a que pertencem.			X											
	4- Integração nos grupos e critérios de seleção.			X											
	5- Deus estabelece uma aliança com a humanidade.						X								
	6- Os cristãos aprendem com Deus a comprometerem-se.						X								
	7- A aliança: condição facilitadora e fidelidade à palavra dada.										X			X	
	8- Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma ali...										X			X	
	9- Teste de avaliação.										X			X	
UL2, Advento e Natal	10- Deus é sempre fiel à sua Aliança.	8	14	X											
	11- A grande esperança de Israel: Deus está sempre atento às necessi...			X											
	12- O Advento: tempo de espera e de esperança.								X						
	13- As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que ...							X							
	14- Entrega e correção do teste de Avaliação. Auto e Heteroavaliação.														
	15- O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chega...														
	16- Jesus, o Salvador, o Emanuel, Deus conosco na História.									X					
	17- Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã									X					X

a). A mudança, uma constante da vida. A mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.

b). Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior: Gn, 12, 1-8

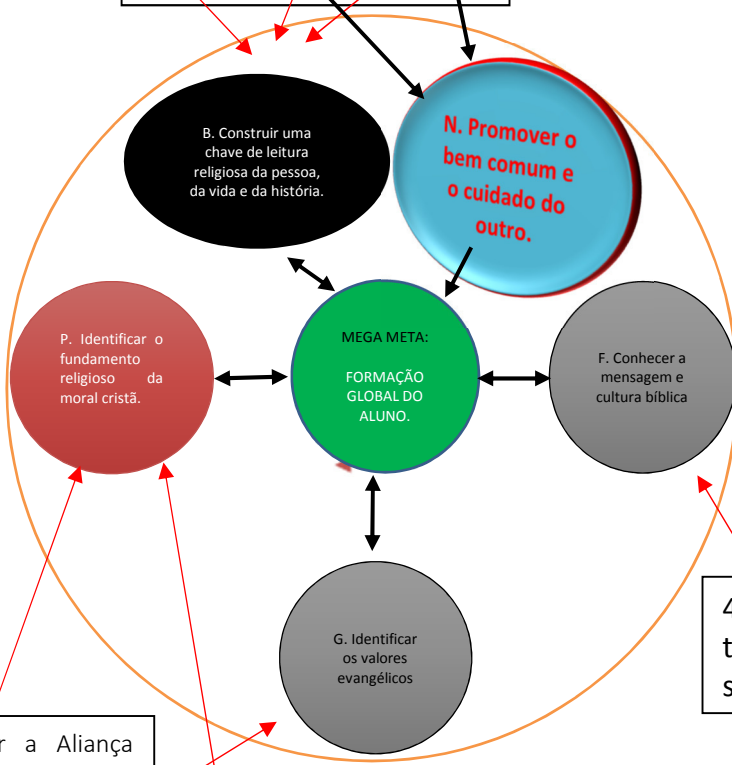
c). Os grupos onde me insiro: família, escola, turma, amigos paróquia, catequese, escuteiros, desporto. Características dos grupos. Integração nos grupos. Critérios éticos de seleção dos grupos.

1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.

4.Promover o acolhimento e a aceitação do outro.

3. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.

2. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.



6. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.

4. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança.

d). Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 9,8-13; Gn 15,18; Dt 5, 1-33. Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.

5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.

f). Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e para a escola.

e). A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes. Os valores essenciais para a convivência: colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade; a necessidade de se estabelecerem regras de convivência a as consequências

Legenda:

Domínios de aprendizagem

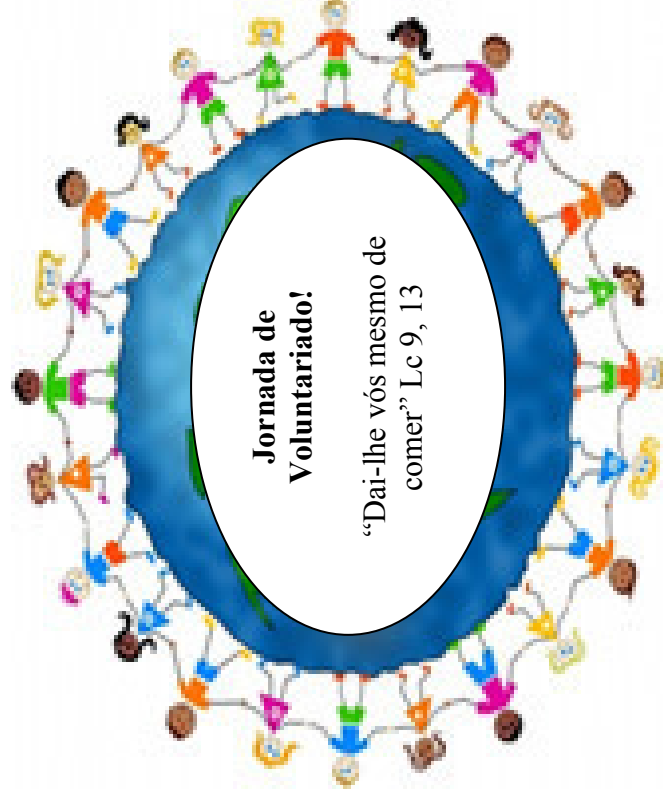
- a) Religião e experiência religiosa
- b) Cultura cristã e visão cristã da vida
- c) Ética e moral

MEGA META

Fonte: Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 2014

UL1 – Viver juntos

A EMRC PROMOVE A PRÁTICA DA SOLIDARIEDADE



A jornada de voluntariado visa:

- Humanizar a escola;
- Promover o bem comum e o cuidado do outro;
- Promover o papel da cidadania ativa na construção de uma sociedade mais justa e solidária;
- Criar um banco alimentar de modo a poder intervir junto da comunidade educativa mais carenciada ao longo do ano letivo;
- Sensibilizar a comunidade educativa para os problemas sociais;
- Envolver os alunos, professores e comunidade educativa na resolução de problemas sociais;
- Sensibilizar a comunidade educativa para os valores da solidariedade, da amizade e da entreatajuda;
- Proporcionar momentos de algum bem-estar aos alunos e famílias mais desfavorecidas;
- Apoiar as famílias de alguns alunos mais desfavorecidos;
- Consciencializar os jovens para a necessidade do cuidado com o próximo e sua aceitação;
- Sensibilizar para a construção de um mundo mais fraterno;
- Estimular a autonomia e a consciência cívica dos alunos;
- Promover uma gestão equilibrada e harmoniosa dos recursos existentes;
- Sensibilizar para a necessidade de mudar atitudes e comportamentos atendendo à nova conjuntura económico-social;
- Desenvolver pequenas atividades no âmbito da cidadania e participação cívica ao longo do ano letivo.

META	CONTEUDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	DESTINATÁRIO(S)	RESPONSÁVEIS
<p>➤ Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Bem comum; • Cuidar do outro • Voluntariado; • Solidariedade; • Participação cívica • Rentabilização de recursos; • Responsabilidade social. 	<p>Participar numa jornada de voluntariado</p>	<p>Viaturas dos professores</p> <p>T-shirts do Agrupamento de</p> <p>Sacos de plástico</p> <p>Cartazes</p> <p>Panfletos</p>	<p>Alunos e professores do Agrupamento de Escolas Público ou Privado</p> <p>Alunos inscritos na disciplina de EMRC</p> <p>Adultos maiores que se queiram juntar a esta causa</p>	<p>Prof. de EMRC</p>

Ações a desenvolver no âmbito desta atividade:

<p>Realizar uma Jornada de voluntariado (Solidaria);</p> <p>Recolher alimentos nos supermercados num sábado.</p>	<p>Realização de uma jornada de voluntariado (durante o 1.º Período) efetuada por professores, alunos voluntários que se disponibilizem a participar nesta ação junto das grandes superfícies comerciais que aderirem à campanha;</p>
<p>Cartazes</p> <p>Panfletos</p>	<p>Elaboração de cartazes de divulgação e sensibilização;</p> <p>Contactar instituições comerciais de alimentos.</p>

O que se entende por voluntariado? (*art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro*) <http://www.voluntariado.pt/left.asp?02.01>



É o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.

Não são abrangidas pela presente Lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.

- ESTÁ ao serviço das pessoas, das famílias e das comunidades, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar das populações.
- TRADUZ--SE num conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada, expressando o trabalho voluntário.
- DESENVOLVE-SE através de projetos e programas de entidades públicas e privadas com condições para integrar voluntários, envolvendo as entidades promotoras.
- CORRESPONDE a uma decisão livre e voluntária apoiada em motivações e opções pessoais que caracterizam o voluntário.

JORNADA SOLIDARIEDADE



Do tamanho do seu coração

Dia 04 de Dezembro de 2010



Participe nesta jornada!

IV JORNADAS DE VOLUNTARIADO

Se o Mundo quer mudar,
Os outros venha ajudar!



9 de novembro de 2013
Num supermercado perto de si ...

CONTRIBUA!

Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula N.º 1

10/10/2016

Unidade Letiva 1: Viver juntos

Lição n.º 4

Sumário: Apresentação da UL 1 e do trajeto a efetuar ao longo do ano letivo. A mudança como fator de crescimento e enriquecimento pessoal. Leitura do texto: *Aprender a estudar*.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	Apresentação da UL 1 e das UL ao longo do ano. ✓ A mudança uma constante da vida. ✓ Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.	Apresentação de PPT. Leitura de banda desenhada. p.8 Mudar faz parte da vida. Apresentação do conceito de mudança. Leitura de poema: <i>Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.</i> Diálogo com os alunos Leitura do poema: <i>Aprender a estudar.</i> Sublinhar as palavras que mais lhes chamaram à atenção. Elaboração de etiqueta das intenções	PEN/PPT/Comp. Livro p.8 PPT Livro	Atenção Interesse Participação
				45m 10m 10m 5 10 5	
					Qualidade das respostas escritas nas etiquetas

Unidade Letiva 1: Viver juntos.

Lição n.º 5

Sumário: A caminhada de Abraão. Visionamento de um vídeo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano. 2. Identificar a figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho	✓ A mudança uma constante da vida. Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior.	Síntese da aula anterior Elaboração de etiqueta das intenções Visionamento de um pequeno flash sobre o sim de Abraão e sua confiança Diálogo sobre o filme e sobre o texto Apresentação de PPT sobre Abraão Diálogo com os alunos Registo num papel de mudanças que constatou na sua vida (anónimas)	45m 5 10 2 10 10 4 4	PPT/Quadro Etiqueta Corda Cartolina Filme/Comp./ data show PPT PPT/Pen/Comp. Livro Bilhete em branco Cartolina para colar as mudanças.	Participação Interesse Qualidade da participação Comportamento

Proposta de Síntese: As mudanças na vida de Abraão e sua confiança em Deus.

Anexos:

- 1- PPT sobre o conceito de mudança e a caminhada de Abraão.
- 2- Pequeno filme sobre chamamento de Abraão. Vídeo de dois minutos.
- 3- Folhas A4 com o título: *As minhas mudanças*, necessárias para elaborar de cartaz.



Unidade Letiva 1: *Viver juntos*

Lição n.º 6

Sumário: Os grupos a que pertença. Elaboração de cartaz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento.	Os grupos onde me insiro: família; escola; turma; amigos; paróquia; catequese; escuteiros; desporto. Características dos grupos: conjunto de pessoas com finalidades comuns, que se juntam para atingirem objetivos, através de estratégias concertadas de atuação, estabelecendo entre si relações. Integração nos grupos: colaboração com os outros; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; participação nas atividades de grupo. Critérios éticos de seleção de grupos: objetivos a atingir; meios usados; formas de organização do grupo; atitudes e comportamentos.	Síntese da aula anterior Distribuição de tampas Apresentação PPT Diálogo com os alunos Leitura do texto da pp. 22 – 23 Registo das características dos grupos em dístico. <i>Brainstorming</i> Preenchimento de bilhete com os valores orientadores da vida em grupos.	1 ^{45m} 5 2 10 5 5 5 10 3	Interesse Participação Cumprimento de tarefas

Proposta de Síntese: A formação de grupos, características e seus valores éticos.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
LISBOA
SALESIANOS DE MANIQUE-ESCOLA

Anexos:


- 1- PPT como suporte da aula sobre os diferentes grupos e suas características.
- 2- Dístico a distribuir aos alunos com os valores inscritos para pintarem e selecionarem os que melhor se adequam ao seu grupo.



Unidade Letiva 1: Viver juntos

Lição n.º 8

Sumário: Os Dez Mandamentos. Visionamento de vídeo e atividade prática.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m	Recursos	Avaliação Formativa
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblica.	1. Interpretar texto bíblico sobre a Aliança.	Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 15, 18; e Dt 5, 1-33. Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.	Síntese da aula anterior Visionamento de vídeo <i>Brainstorming</i> Leitura de texto p. 27 Visionamento de vídeo Diálogo com os alunos	5	PPT Vídeo "Missão de Moisés"	Interesse Autonomia na concretização de tarefas
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	2. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes. Os valores essenciais para a convivência: colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade; a necessidade de se estabelecerem regras de convivência a as consequências da sua não aplicação.	Atividade prática Fixação de mandamentos de 1 a 10 no Decálogo pendurado no quadro e sua identificação com base em imagens Explicação ativa dos alunos Síntese	10	Quadro Tábuas da Lei Dístico Mandamento Bilhete Imagens	Participação Feedback Cumprimento assertivo de tarefas Colaboração e acerto na correspondência entre Mandamentos e Imagens correspondentes
				5		

Proposta de Síntese: Os Dez Mandamentos e sua importância para a vida das pessoas.

Anexos:

- 1-** “Aliança com a humanidade”, PPT suporte da aula sobre os Dez Mandamentos e sua entrega na Aliança do Sinai.
- 2-** “Criação”, filme mp4, vídeo de 1 minuto e 10 segundos sobre a Aliança de Deus com a humanidade na Criação.
- 3-** “Missão de Moisés”, mp4, vídeo de 2 minutos e 4 segundos sobre a entrega da missão de libertar o povo hebreu a Moisés no Sinai.
- 4-** “Tábuas da Lei”, mp4, vídeo de 6 minutos e 30 segundos sobre o Decálogo.
- 5-** Texto do Deuterónimo 1, 5-33 para leitura partilhada pelos alunos.
- 6-** “Dez Mandamentos”, apresentação e explicação de cada um dos mandamentos com leitura partilhada efetuada pelos alunos.
- 7-** Folha A4 com os Mandamentos de 1 a 10 para identificação pelos alunos com base em imagens.
- 8-** - Dístico em branco para seleção dos valores.

Unidade Letiva 1: *Viver juntos*

Lição n.º 9

Sumário: Entrega e correção do teste de avaliação.

Metas	Objectivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação Formativa
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	A mudança uma constante da vida. Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores. Os grupos onde me insiro: família; escola; turma; amigos; paróquia; catequese; escuteiros; desporto.	Registo de sumário	Computador	Interesse
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	Características dos grupos: conjunto de pessoas com finalidades comuns, que se juntam para atingirem objetivos, através de estratégias concertadas de atuação, estabelecendo entre si relações.	Apresentação de PPT	PPT	
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como fator de enriquecimento.	Integração nos grupos: colaboração com os outros; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; participação nas atividades de grupo.	Correção do teste	Data Show	Correção das respostas dadas
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.	4. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança. 5. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.	Critérios éticos de seleção de grupos: objetivos a atingir; meios usados; formas de organização do grupo; atitudes e comportamentos. Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 9,8-13; Gn 15, 18; Dt 5, 1-33. Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.	Registo por escrito no portfólio	Testes de avaliação Portfólio	Registo no portfólio Participação

Proposta de Síntese: Não há síntese, pois houve correção registada por escrito do teste de avaliação.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
LISBOA
SALESIANOS DE MANIQUE-ESCOLA

Anexos:

1--Correção do teste em apresentação PPT a ser apresentado gradualmente ao longo da aula.



Unidade Letiva 1: *Viver juntos*

Lição n.º 10

Sumário: A igual dignidade das pessoas. Elaboração de cartaz.

Metas	Objectivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação Formativa
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes. Os valores essenciais para a convivência: colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade; a necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as consequências da sua não aplicação.	Correção do teste de avaliação Apresentação de PPT	PPT	Interesse
G. Identificar os valores evangélicos.	2. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.	Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e para a escola.	<i>Brainstorming</i> Construção de um quadro com seleção de valores para o grupo turma Síntese da unidade letiva	Tábuas da Lei Título em papel Cartolina Valores inscritos em faixas de papel Dístico	Autonomia na concretização de tarefas Participação Feedback Cumprimento assertivo das tarefas Colaboração na escolha/seleção dos valores

Proposta de Síntese: Os acordos e alianças facilitam a convivência humana.

Anexos:

- 1- PPT – suporte da aula e acompanhamento da dinâmica da mesma.
- 2- Valores extraídos dos Dez Mandamentos e utilizados como base para seleção do cartaz.
- 3- Documento em Word com o título - “O nosso compromisso e fidelidade na aliança à palavra dada. 5.º B *“Desafiamos-nos a fazer milagres!”*”
- 4- Documento em Word com os valores em tamanho 100 de modo a fazer tiras de papel com os valores a selecionar.
- 5- PPT com a correção do teste.
- 6- Dístico em gráfico de modo a permitir aos alunos escolher os valores a inserir no cartaz, base da aliança do grupo turma, e que se preenche com a marcação de cinco X (cruzes).